

* O ESCORREGADOR DE GELO *

CIA. DAS LETRAS

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras.
Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

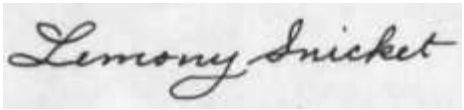
http://LeLivros.com





O ESCORREGADOR DE GELO

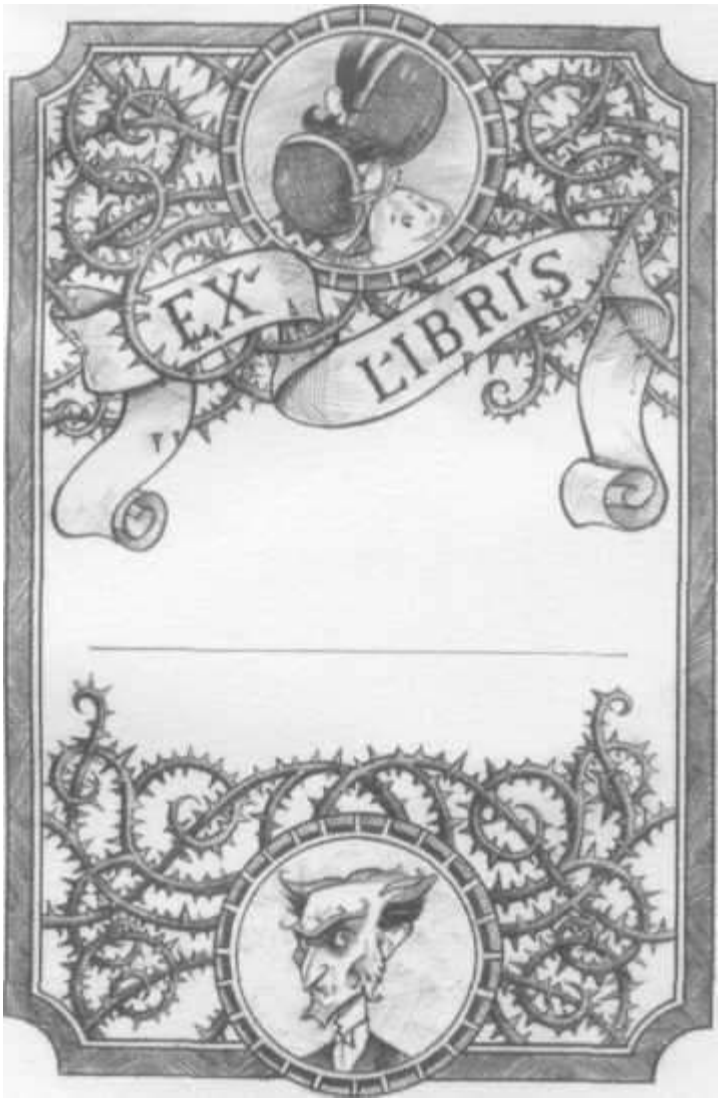
CIA. DAS LETRAS



Caro Leitor,

Assim como apertos de mão, cães e cenouras cruas, muitas coisas são melhores quando não são escorregadias. Neste volume, receio que Violet, Klaus e Sunny Baudelaire enfrentem um amontoado de escorregadelas durante sua lamentável jornada pelas Montanhas de Mão-Morta. Seria melhor não mencionar os desagradabilíssimos detalhes da história — em especial uma mensagem secreta, um tobogã, uma armadilha, um enxame de mosquitos da neve, um vilão maquinador de planos maléficos, um bando de jovens organizados e o sobrevivente de um terrível incêndio.

Para meu grande azar, dediquei minha vida a registrar a triste história dos Baudelaire. Mas não há razão para você também se dedicar a uma atividade tão ignóbil; seria melhor deixar este livro escorregar de suas mãos para dentro de uma lixeira ou de um poço bem fundo. Respeitosamente,





Desventuras em Série

Livro décimo

O ESCORREGADOR DE GELO

de LEMONY SNICKET

Ilustrações de Brett Helquist

Tradução de Ricardo Gouveia

Texto 2003 by Lemony Snicket

Ilustrações 2003 by Brett Helquist

Título original:

The Slippery Slope

Preparação: Beatriz Antunes

Revisão: Beatriz de Freitas Moreira Carmen S. da Costa



Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Para Beatrice —

Quando nos conhecemos você

tinha a beleza e eu, a solidão.

Agora, só tenho uma bela solidão.

CAPITULO

Um

Um conhecido meu escreveu um poema chamado "O caminho menos percorrido", que descreve uma viagem através dos bosques por um caminho praticamente desconhecido da maioria dos viajantes. O poeta descobriu que o caminho menos percorrido era tranqüilo porém solitário, e deve ter ficado um pouco nervoso durante a viagem, pois se alguma coisa lhe acontecesse os viajantes do caminho mais percorrido não ouviriam seu grito de socorro. Esse poeta acabou morrendo, como era de esperar. Assim como ele, este livro viaja pelo caminho menos percorrido, porque começa com as três crianças Baudelaire atravessando as Montanhas de Mão-Morta, que não são lá um destino muito popular entre os viajantes, e termina nas águas agitadas do Arroio Enamorado, um lugar de onde poucos se aproximam. Ao contrário da maioria dos livros que a maioria das pessoas prefere, que oferecem narrativas divertidas de pessoas encantadoras e animais falantes, esta narrativa é aflitiva e enervante. As pessoas que por desventura fazem parte dela são muito mais desesperadas que encantadoras, e quanto aos animais, prefiro nem falar. Por essas razões, não posso sugerir a leitura deste livro deplorável, assim como não recomendaria que você perambulasse pelo bosque sozinho, pois da mesma forma que o caminho menos percorrido, este livro o fará se sentir solitário, miserável e necessitado.

Mas os órfãos Baudelaire não tinham outra escolha senão seguir pelo caminho menos percorrido. Violet e Klaus, os Baudelaire mais velhos, viajavam num trailer a toda a velocidade rumo ao topo das montanhas. Nem Violet, que tinha catorze anos, nem Klaus, que recentemente fizera treze, podiam supor que um dia percorreriam a estrada das Montanhas de Mão-Morta, a não ser que estivessem numa viagem de férias acompanhados de seus pais. Mas os pais dos Baudelaire estavam desaparecidos desde o terrível incêndio em sua casa — ainda que as crianças acreditassem que um deles pudesse estar vivo —; e o trailer não estava subindo as Montanhas de Mão-Morta rumo à base de operações secretas de que tinham ouvido falar e que tinham esperanças de encontrar. O trailer despencava montanha abaixo, sem que os órfãos pudessem controlar ou interromper a queda, e por isso Violet e Klaus não se sentiam exatamente viajantes em férias, mas sim peixes ao sabor das ondas em um mar tempestuoso. Mas Sunny Baudelaire estava numa situação que era ainda mais desesperadora. A mais jovem dos órfãos ainda não tinha aprendido a falar de um modo que todos pudessem entender, portanto não tinha palavras para

descrever o quanto estava assustada. Sunny viajava montanha acima, rumo à base de operações nas Montanhas de Mão-Morta, e o automóvel em que estava não tinha nenhum problema de funcionamento, mas ainda que tudo parecesse correr bem, o homem que conduzia o veículo era razão suficiente para deixá-la aterrorizada. Algumas pessoas chamavam esse homem de malvado; algumas o chamavam de facínora, que é uma palavra difícil para "malvado". Mas todas o chamavam de conde Olaf, a não ser quando ele usava um dos seus ridículos disfarces e forçava as pessoas a chamá-lo por um nome falso. Conde Olaf era um ator, mas abandonara sua carreira teatral para tentar roubar a herança milionária dos Baudelaire. Os planos de Olaf para pôr as mãos na fortuna eram ignóbeis e complicados, mas apesar disso ele conseguira atrair para sua trupe uma mulher vil e elegante chamada Esmé Squalor, sua namorada, que estava agora sentada ao lado dele no carro, tagarelando de um jeito antipático, com Sunny no colo. Também estavam no carro os empregados de Olaf: um homem com ganchos no lugar de mãos, duas mulheres que gostavam de empoar a cara de branco e três novos capangas, recrutados há pouco no Parque Caligari. As crianças Baudelaire também tinham estado no parque, disfarçadas, fingindo participar da armação de Olaf. Mas o vilão as desmascarou, uma expressão que aqui significa "descobriu quem elas eram e por isso cortou o nó que ligava o trailer ao carro, deixando Sunny nas garras de Olaf e seus irmãos em queda livre". Sunny, no colo de Esmé, sentia as unhas compridas da vilã arranharem seus ombros enquanto se perguntava o que iria acontecer com ela e com os irmãos, cujos gritos ficavam cada vez mais fracos e distantes conforme o carro se distanciava do trailer em queda.

"Temos de parar este trailer!", gritou Klaus, e colocou os óculos apressado, como se enxergar bem pudesse melhorar a situação. No entanto, mesmo em foco, a situação era bastante desesperadora. O trailer que agora descia montanha abaixo e tinha se transformado no lar sacolejante dos Baudelaire mais velhos, já tinha servido de lar para vários artistas da Casa dos Monstros, mas isso foi antes de eles desertarem, uma palavra que aqui significa "juntarem-se ao bando revoltante de comparsas do conde Olaf". Klaus agachou-se para se esquivar de uma panela que Hugo, o corcunda, usara para preparar refeições e que por causa da trepidação despencara de uma prateleira. E quando o jogo de dominó de Colette, a contorcionista, passou deslizando pelo chão, Klaus teve de erguer seus pés para não pisar nele. Foi preciso desviar também de uma rede de dormir, que com os olhos apertados o Baudelaire do meio flagrou oscilando com violência em sua direção. Há pouco tempo, antes de se juntar com os amigos Kevin e Colette à trupe de Olaf, Kevin, o ambidestra, dormia naquela rede, que agora ameaçava cair sobre as cabeças dos Baudelaire.

A única coisa reconfortante que Klaus podia ver era sua irmã, que percorria o carroção com uma expressão intensa e pensativa, enquanto desabotoava a camisa do disfarce que os dois irmãos compartilhavam.

"Ajude-me a tirar nossas calças", disse Violet. "Não adianta mais fingir que somos uma aberração de duas cabeças. Precisamos estar preparados para o que der e vier."

Em pouco tempo os dois Baudelaire estavam livres das enormes roupas apanhadas do kit de disfarces do conde Olaf e se equilibravam de pé no trailer trepidante, já com suas roupas normais. Klaus esquivou-se de um vaso de planta que caía, e não pôde deixar de sorrir quando olhou para a irmã. Violet prendia o cabelo com uma fita, sinal de que planejava alguma invenção. As habilidades mecânicas de Violet já tinham salvado as vidas dos Baudelaire mais vezes do que fora possível contar, e por isso Klaus tinha certeza de que a irmã inventaria alguma coisa para deter a jornada do trailer.

"Você vai construir um freio?", perguntou Klaus.

"Ainda não", disse Violet. "Um freio obrigaria as rodas a parar de modo brusco, e as rodas deste trailer estão girando rápido demais. Vou desenganchar essas redes e usá-las como drag chutes."

"Drag chutes?", disse Klaus.

"Drag chutes se parecem um pouco com pára-quedas, mas são pedaços de lona presos na traseira de um carro para reduzir sua velocidade", explicou Violet apressada, enquanto uma arara de casacos chacoalhava ao seu redor. Sem titubear, desenganchou a rede onde ela e Klaus tinham dormido. "No final das corridas de velocidade, os drag chutes são usados para desacelerar os carros e ajudá-los a parar. Se eu pendurar as redes do lado de fora do trailer, vamos reduzir bastante a velocidade. "

"O que eu faço?", perguntou Klaus.

"Você pode dar uma olhada na despensa de Hugo", disse Violet, "e ver se encontra algo pegajoso."

Quando alguém pede que você faça alguma coisa inusitada e sem explicação, é muito difícil não perguntar por quê, mas há muito tempo Klaus aprendera a confiar nas idéias da irmã, então sem questionar se dirigiu até o grande armário em que Hugo guardava os alimentos. A porta do armário batia de um lado para o outro como

se lutasse contra um fantasma, mas por sorte a maior parte das coisas ainda se mantinha ali dentro. Klaus se lembrou da irmãzinha bebê, que se afastava cada vez mais deles. Ainda que Sunny fosse muito jovem, vinha demonstrando interesse por cozinha, e Klaus lembrou-se de que ela desenvolvera uma receita de chocolate quente e ajudara a preparar uma sopa deliciosa que todos saborearam. Klaus manteve a porta do armário aberta e, enquanto o examinava, desejou que a irmãzinha sobrevivesse para dar prosseguimento a seus talentos culinários.

"Klaus", disse Violet com firmeza, desenganchando uma segunda rede e amarrando-a à

primeira. "Não quero apressá-lo, mas precisamos deter o trailer o mais depressa possível. Já

encontrou alguma coisa pegajosa?"

Klaus piscou e retomou a tarefa. Um jarro de cerâmica rolou em volta de seus pés enquanto ele examinava as garrafas e potes do armário.

"Há uma porção de coisas pegajosas aqui dentro", disse ele. "Tem melaço de cana, mel de trevo silvestre, xarope de milho, vinagre balsâmico envelhecido, manteiga de maçã, geléia de morango, molho de caramelo, xarope de bordo, cobertura de caramelo, licor marasquino, azeite de oliva virgem e extravirgem, creme inglês de limão, damascos secos, chutney de manga, crema di noci, pasta de tamarindo, mostarda forte, marshmallows, creme de milho, manteiga de amendoim, uvas em conserva, puxa-puxa, leite condensado, recheio de torta de abóbora e cola. Não sei por que Hugo guarda cola na despensa, mas não importa. O que você quer?"

"Tudo", disse Violet, resoluta. "Encontre um jeito de misturar todos os ingredientes enquanto amarro as redes uma na outra."

Klaus pegou o jarro no chão e começou a despejar os conteúdos dos potes dentro dele. Enquanto isso, Violet, sentada no chão para se equilibrar melhor, entrelaçava os cordões das redes para formar um nó. A cada solavanco do trailer os Baudelaire ficavam um pouco mais enjoados, como se estivessem de volta ao Lago Lacrimoso, atravessando águas tempestuosas para tentar salvar um dos seus muitos e desventurados tutores. Mas a despeito da desordem à

sua volta, Violet se ergueu do chão com as redes entrelaçadas nos braços. Klaus olhou para ela e mostrou o jarro, cheio até a boca de uma pasta grudenta e colorida.

"Quando eu disser já", disse Violet, "vou abrir a porta e jogar as redes para fora. Você fica do outro lado do trailer, Klaus. Abra aquela janelinha e despeje a mistura por cima das rodas. Se as redes funcionarem como drag chutes e a substância fizer as rodas brecarem pelo menos um pouco, a velocidade do trailer será reduzida, e nós estaremos salvos. Só preciso amarrar as redes à maçaneta."

"Você está usando o nó Língua do Diabo?", perguntou Klaus.

"O Língua do Diabo não tem nos trazido muita sorte", disse Violet, referindo-se às diversas fugas em que precisaram de cordas. "Estou usando o Sumac, um nó que eu mesma inventei. É uma homenagem a uma cantora que eu admiro. Pronto. Parece firme. Você está

pronto para despejar a mistura nas rodas?"

Klaus abriu a janela. O ruído chacoalhante das rodas do trailer se tornou mais audível, e os Baudelaire ficaram olhando por um momento a paisagem que passava em alta velocidade. O

caminho era acidentado e cheio de curvas, parecia que a qualquer momento o trailer podia cair num buraco ou despencar dos picos da montanha.

"Acho que estou pronto", disse Klaus, hesitante. "Mas antes de testarmos a sua invenção quero lhe dizer uma coisa."

"Se não andarmos logo", disse ela, amarga, "você não terá nem chance de me dizer alguma coisa." Ela deu mais um puxão no nó e voltou-se de novo para Klaus. "Já!", comandou, e abriu a porta do trailer num tranco.

Costuma-se dizer que ter a janela do quarto virada para uma bela paisagem é o suficiente para fazer com que nos sintamos em paz e relaxados; no entanto, se esse quarto for um trailer em vertiginosa queda por uma estrada íngreme e sinuosa, e a paisagem uma sinistra cadeia de montanhas sendo deixada para trás em alta velocidade, e se ainda por cima os ventos gélidos das montanhas fustigam nosso rosto e enchem nossos olhos de poeira, é provável que não nos sintamos em paz nem relaxados. Em vez disso, sentiremos o horror e o pânico que os Baudelaire sentiram quando Violet abriu a porta. Por um momento eles ficaram parados, apenas balançando ao sabor do trailer desenfreado e observando os estranhos picos quadrados das Montanhas de Mão-Morta, enquanto as rodas do trailer rangiam ao se chocar contra as pedras e os tocos de árvores no chão. Mas então Violet gritou "Já!"

outra vez, e imediatamente eles começaram a botar o plano em prática. Klaus se debruçou para fora da janela e começou a despejar a mistura de melaço de cana, mel de trevo silvestre, xarope de milho, vinagre balsâmico envelhecido, manteiga de maçã, geléia de morango, molho de caramelo, xarope de bordo, cobertura de caramelo, licor marasquino, azeite de oliva virgem e extravirgem, creme inglês de limão, damascos secos, chutney de manga, crema di noci, pasta de tamarindo, mostarda forte, marshmallows, creme de milho, manteiga de amendoim, uvas em conserva, puxa-puxa, leite condensado, recheio de torta de abóbora e cola nas rodas mais próximas, enquanto sua irmã

lançava as redes porta afora. Se você já leu alguma coisa a respeito das vidas dos órfãos Baudelaire — e eu espero que não — não ficará surpreso ao saber que a invenção de Violet funcionou. As redes se encheram de ar como enormes balões de pano atrás do trailer, e de fato a velocidade diminuiu bastante, o que aconteceria também com você, caso corresse com uma mochila ou um xerife nas costas. A mistura pegajosa que Klaus preparara caiu sobre as rodas, que imediatamente reduziram a velocidade, o que aconteceria também com você, caso corresse sobre areia movediça ou uma lasanha. As rodas passaram a girar mais devagar, e em pouco tempo os Baudelaire viajavam num ritmo bem mais tranqüilo.

"Funcionou!", gritou Klaus.

"Ainda não acabamos", disse Violet, e foi até uma mesinha que tinha tombado na confusão. Quando os Baudelaire moraram no Parque Caligari, essa mesa foi fundamental para fazer planos, mas agora, nas Montanhas de Mão-Morta, seria fundamental por uma razão diferente. Violet a arrastou até a porta aberta. "Agora que as rodas estão com a velocidade reduzida", disse ela, "vamos usar a mesa como freio."

Klaus despejou o resto da mistura nas rodas e perguntou: "Como?". Mas Violet já estava mostrando como. Deitou-se no chão e segurou a mesa pelas pernas para fora do trailer, arrastando o tampo contra a terra. Um ruído áspero soou, e a mesa começou a trepidar nas mãos de Violet. Mas ela segurou firme, e a mesa começou a raspar a terra pedregosa até reduzir a velocidade do veículo. O trailer foi parando de chacoalhar, os objetos dos antigos empregados do parque pararam de colidir uns com os outros e então, com um último rangido, as rodas pararam de vez e tudo ficou em silêncio. Violet inclinou-se para fora da porta e escorou uma das rodas com a mesa, para impedir que continuasse a girar, só então se levantou e olhou para Klaus.

"Conseguimos", disse Violet.

“Você conseguiu", disse Klaus. "O plano foi idéia sua." Ele pôs o jarro no chão e enxugou as mãos numa toalha caída.

"Não deixe o jarro no chão", disse Violet, correndo os olhos pelos destroços caídos no trailer. 'Precisamos juntar o máximo de coisas úteis para invenções. Se queremos resgatar Sunny, vamos precisar fazer este trailer subir toda a montanha."

"E chegar à base de operações", acrescentou Klaus. 'O conde Olaf está com o mapa, mas eu me lembro que a base de operações fica no Vale das Correntezas que Sopram Constantes, perto da nascente do Arroio Enamorado. Deve fazer muito frio por lá."

"Bem, aqui tem roupas à vontade", disse Violet, olhando em volta. "Vamos pegar tudo o que der e organizar lá fora."

Klaus concordou e recolheu o jarro, junto com diversos itens de vestuário que tinham caído sobre um espelho de mão que pertencera a Colette. Com andar cambaleante por conta do peso que carregava, ele saiu do trailer atrás de Violet, que recolhera uma faca de pão, três casacos pesados e um uquelele, uma espécie de guitarra havaiana que Hugo tocava em algumas tardes de lazer. O piso do trailer rangeu sob os passos dos Baudelaire, que saíram para a paisagem enevoada e vazia enquanto se davam conta da sorte que tiveram. O trailer tinha parado na beirada de um dos picos quadrados da cadeia de montanhas. As Montanhas de Mão-Morta pareciam uma escadaria que levava às nuvens ou, descendo, para um véu de névoa espessa e cinzenta. Se o trailer tivesse continuado um pouco mais, os dois Baudelaire teriam despencado através da névoa até o degrau seguinte, que ficava muito, muito abaixo. Mas ao lado do trailer as crianças podiam ver o Arroio Enamorado, cujas águas preto-acinzentadas corriam preguiçosamente ladeira abaixo, como um rio de óleo. E, nesse caso, se o trailer tivesse guinado para o lado, as crianças teriam mergulhado em águas escuras e imundas.

"Parece que o freio funcionou na hora certa", disse Violet. "Se o trailer se movesse para qualquer lado estaríamos liquidados.”

Klaus concordou e correu os olhos pela vastidão deserta que os cercava. "Vai ser difícil manobrar o trailer aqui", disse ele. "Você terá de inventar algum dispositivo de direção.”

"E algum tipo de motor", disse Violet. "Isso vai tomar algum tempo.”

"Não temos tempo", disse Klaus. "Se não nos apressarmos, o conde Olaf se afastará

demais, e nunca encontraremos Sunny.”

"Vamos encontrá-la", disse Violet decidida, e pôs no chão os objetos que carregava.

"Vamos voltar para o trailer e procurar...”

Mas antes que Violet terminasse a frase, um estralejar a interrompeu. O trailer parecia gemer, e então, pouco a pouco, começou a se movimentar em direção ao abismo. Os Baudelaire olharam para baixo e viram que as rodas tinham esmagado a mesinha, portanto não havia mais o que impedisse o trailer de se movimentar. Lento e desconjuntado, ele foi para a frente arrastando os drag chutes, se aproximando da beira do pico. Klaus ainda tentou agarrar uma rede, mas Violet o impediu.

"É pesado demais", disse ela. "Não podemos detê-lo."

"Mas ele não pode cair no abismo!", gritou Klaus.

"Se tentarmos segurá-lo também cairemos", disse Violet.

Klaus sabia que a irmã tinha razão, mas ainda assim queria agarrar o drag chute que Violet construíra. Quando você se defronta com uma situação que é incapaz de controlar, é difícil admitir que não pode fazer nada, e foi difícil para os Baudelaire assistir parados à queda do trailer para além da beirada do pico. Um último rangido soou quando as rodas de trás atingiram um montículo de terra, mas depois foi em silêncio absoluto que o trailer desapareceu montanha abaixo. Os Baudelaire chegaram até a beirada do pico e espiaram, mas a névoa era tanta que o trailer não passava de um retângulo fantasmagórico que foi ficando cada vez menor, até

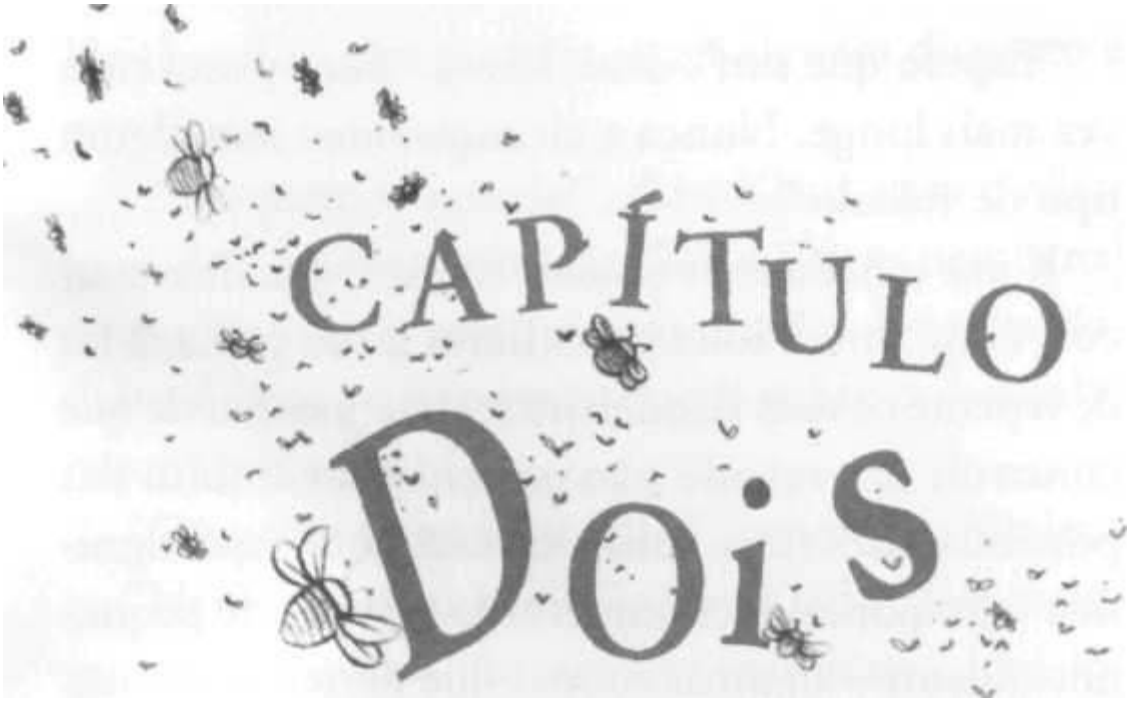
desaparecer completamente de vista.

"Por que não ouvimos um estrondo?", perguntou Klaus.

"O drag chute está segurando", disse Violet. "Espere um pouco." Os irmãos esperaram, e um momento depois ouviram um bum! abafado lá embaixo, quando o trailer cumpriu sua sina. As crianças não puderam ver nada no meio da neblina, mas sabiam que o trailer e tudo o que estava dentro dele se fora para sempre. E, de fato, eu nunca consegui encontrar os destroços, mesmo depois de vasculhar a área por meses, tendo por companhia apenas uma lanterna e um dicionário de rimas. Parece que mesmo após noites incontáveis lutando contra mosquitos da neve e rezando para

que as pilhas da lanterna não se esgotassem, meu destino era mesmo deixar algumas das minhas perguntas sem resposta. O destino é como um estranho e impopular restaurante, cheio de garçons esquisitos trazendo coisas que você nunca pediu e de que nem sempre gosta. Quando os Baudelaire eram mais jovens, é provável que tenham acreditado que o destino deles era crescer felizes e contentes junto aos pais na mansão Baudelaire, mas agora tanto a mansão como os pais já não existiam. Assim como quando freqüentavam a Escola Preparatória Prufrock, quando deviam pensar que estavam destinados a terminar os estudos ao lado dos amigos Quagmire, mas agora tanto a academia quanto os dois trigêmeos tinham sumido das vistas dos Baudelaire há um bocado de tempo. E há apenas alguns minutos, parecia que era o destino de Violet e Klaus despencar num abismo ou num arroio, porém eles estavam vivos e bem, embora muito longe da irmãzinha e sem veículo que os ajudasse a encontrá-la.

Violet e Klaus chegaram mais perto um do outro e sentiram os ventos gélidos das Montanhas de Mão-Morta soprarem no caminho menos percorrido, o que os deixou arrepiados. Eles olharam para as águas escuras e revoltas do Arroio Enamorado, olharam para a névoa



abaixo da beira do pico, e depois se entreolharam estremecidos, não apenas por causa dos destinos que evitaram, mas por imaginar todos os destinos misteriosos que ainda os aguardavam.

Violet deu uma última olhada para baixo do pico nebuloso e depois pegou um dos pesados casacos que tirara do trailer. "Vista um casaco", disse ao irmão. "Está frio

aqui fora, e é

provável que fique ainda pior. Se estivermos certos, a base de operações fica numa região muito alta das montanhas. Quando chegarmos lá, talvez estejamos vestindo todas essas roupas."

"Mas como vamos chegar lá?", disse Klaus. "Estamos longe do Vale das Correntezas que Sopram Constantes, e o trailer está destruído."

"Vamos parar um momento para avaliar o que temos", disse Violet. "Talvez eu consiga construir alguma coisa com o que conseguimos salvar."

"Espero que sim", disse Klaus. "Sunny está cada vez mais longe. Nunca a alcançaremos sem algum tipo de veículo."

Klaus espalhou os objetos e vestiu um dos casacos, enquanto Violet vasculhava a sua pilha. Mas de repente os dois Baudelaire se deram conta de que construir um veículo não pertencia ao âmbito das possibilidades reais, uma expressão que aqui significa "não poderia ser construído a partir de pequenos objetos e algumas roupas que pertenceram um dia aos empregados do Parque Caligari". Mais uma vez Violet prendeu o cabelo com uma fita e franziu a testa ao examinar os objetos. Na pilha de Klaus estavam o jarro, ainda pegajoso por causa da mistura para frear o trailer, o espelho de mão de Colette, um poncho de lã e um suéter onde estava escrito PARQUE CALIGARI. Na pilha de Violet estava a faca de pão, o uquelele e outro casaco. Até mesmo Klaus, que não era inventor, sabia que os materiais empilhados no chão não eram suficientes para construir um veículo capaz de conduzi-los pelas Montanhas de Mão-Morta.

"Acho que posso fazer fogo se esfregar uma pedra na outra", disse Violet, procurando pelos campos nebulosos materiais de invenção adicionais, "ou então, podemos tocar o uquelele e bater no jarro. Um barulho alto poderia atrair alguém disposto a nos ajudar."

"Mas quem iria ouvir?", disse Klaus, com o olhar perdido na névoa sombria. "Não vimos nem sinal de gente quando estávamos no trailer. Esse desfiladeiro é como um poema que li sobre o caminho menos percorrido."

"O poema tinha final feliz?", perguntou Violet.

"Nem feliz nem infeliz", disse Klaus. "Era ambíguo. Bem, vamos juntar esses materiais e levá-los com a gente."

"Levá-los com a gente?", estranhou Violet. "Não sabemos aonde ir nem como chegar lá."

"E claro que sabemos", disse Klaus. "O Arroio Enamorado começa em uma fonte no alto das montanhas e segue para baixo, através do Vale das Correntezas que Sopram Constantes, onde fica a base de operações. Não deve ser o caminho mais rápido, nem o mais fácil, mas se subirmos as montanhas seguindo o curso do rio chegaremos lá."

"Isso pode levar dias", disse Violet. "Não temos um mapa, nem comida e água para a viagem, nem barracas ou sacos de dormir, nem qualquer outro equipamento para acampar."

"Podemos usar essas roupas como cobertores", disse Klaus, "e dormir em qualquer abrigo que encontrarmos. O mapa mostrava uma porção de cavernas onde os animais costumam hibernar."

Os dois Baudelaire estremeceram. A idéia de escalar a montanha por horas e dormir enrolados em roupas de outras pessoas numa caverna onde poderia haver animais hibernando não era agradável, e os irmãos desejaram não ter de viajar a pé pelo caminho menos percorrido, mas sim num veículo veloz e bem aquecido para chegar depressa onde sua irmã estava. Mas o desejar, como o bebericar uma taça de ponche ou levantar um tapete de urso para ter acesso a um alçapão escondido no chão, nada mais é senão um modo discreto de passar o tempo antes que as velas do bolo de aniversário se apaguem, e os Baudelaire sabiam que seria melhor parar de desejar e iniciar a jornada. Enquanto Violet punha no bolso a faca de pão e recolhia o suéter e o último casaco, Klaus enfiou o espelho de mão e o uquelele nos bolsos e recolheu o poncho e o jarro. Então, com uma derradeira olhada para as marcas de rodas que o trailer deixara ao desabar de cima do pico, as duas crianças começaram a seguir em direção à nascente do Arroio Enamorado.

Se você já fez uma longa viagem com alguém da família, sabe que há momentos em que se conversa e outros em que se prefere o silêncio. Aquela foi uma das ocasiões silenciosas. Violet e Klaus começaram a subir as ladeiras íngremes da montanha rumo à base de operações ao som dos ventos da montanha, que lembravam o ruído baixo e atonal de alguém soprando um gargalo de garrafa. O som estranho e áspero dos peixes do arroio pondo as cabeças para fora das águas escuras e espessas também acompanhava os dois viajantes, que não estavam com disposição para conversa e não disseram palavra um ao outro. Estavam perdidos em seus próprios

pensamentos.

Violet deixou a mente divagar pelos tempos em que estivera na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos, quando um misterioso Jacques Snicket foi assassinado e ela e seus irmãos foram acusados pelo crime. Eles conseguiram escapar da prisão e salvar seus amigos Duncan e Isadora Quagmire das garras do conde Olaf, mas no último momento acabaram separados dos dois trigêmeos, que voaram para longe em uma casa móvel auto-sustentável a ar quente construída por um homem chamado Hector. Desde então, nenhum dos Baudelaire tinha revisto Hector ou os dois Quagmire, e Violet se perguntava se estariam em segurança e teriam conseguido entrar em contato com a organização secreta que descobriram. A organização se chamava C.S.C., e os Baudelaire ainda não sabiam exatamente o que ela fazia, ou mesmo o que significava a sigla. As crianças achavam que a base de operações no Vale das Correntezas que Sopram Constantes poderia ser de utilidade, mas agora, enquanto a mais velha dos Baudelaire subia penosamente acompanhando o Arroio Enamorado, ela se perguntava se algum dia descobriria as respostas que procurava.

Klaus também pensava nos Quagmire, muito embora se reportasse à época em que os Baudelaire os conheceram na Escola Preparatória Prufrock. Muitos dos alunos tinham sido malvados com os Baudelaire — em especial uma menina detestável chamada Carmelita Spats —, mas Isadora e Duncan foram muito gentis, e logo os Baudelaire e os Quagmire se tornaram unha e carne, uma expressão que aqui significa "amigos íntimos". O fato de ambos os grupos de irmãos terem perdido pessoas muito próximas fortaleceu os laços de amizade entre eles. Os Baudelaire tinham perdido os pais, e os Quagmire tinha perdido não só os pais como Quigley, o terceiro trigêmeo Quagmire. Klaus pensava sobre a tragédia dos amigos e sentia-se culpado, afinal os Baudelaire ainda tinham esperanças de encontrar com vida um de seus pais. Em um documento que encontraram, a legenda da fotografia de seus pais ao lado de Jacques Snicket e um outro homem dizia: "Devido às evidências discutidas na página nove, os peritos agora suspeitam que possa haver de fato um sobrevivente do incêndio, mas seu paradeiro é desconhecido". Agora, Klaus levava no bolso o documento e alguns retalhos dos cadernos dos Quagmire, entregues por eles da última vez em que se encontraram com os Baudelaire. Klaus caminhava ao lado da irmã

mais velha enquanto se lembrava de como os Quagmire foram solícitos ao tentar resolver o mistério de C.S.C., que cercava todos eles. Estava pensando tão intensamente sobre isso que, quando Violet finalmente quebrou o silêncio, foi como se ele despertasse de um sonho confuso.

"Klaus", disse ela, "antes de testarmos a invenção para parar o trailer, você disse que queria me dizer alguma coisa. O que era?"

"Não sei", admitiu Klaus. "Eu só queria dizer alguma coisa no caso de... Bem, no caso de a invenção não funcionar." Ele suspirou e ergueu os olhos para o céu que começava a escurecer.

"Não me lembro da última coisa que disse a Sunny", disse mansamente. "Deve ter sido quando estávamos na tenda da madame Lulu, ou talvez do lado de fora, antes de entrarmos no trailer. Se eu soubesse que o conde Olaf ia levá-la embora teria dito algo especial. Um elogio pelo chocolate quente que preparou, ou pela habilidade em sustentar seu disfarce."

"Você poderá dizer essas coisas", disse Violet, "quando a encontrarmos de novo."

"Espero que sim", disse Klaus, abatido. "Mas Olaf e sua trupe nos deixaram muito para trás."

"Mas sabemos para onde eles vão", disse Violet, "e sabemos que Olaf não tocaria em um só fio de cabelo de Sunny. Ele pensa que morremos no trailer, portanto precisa dela para pôr as mãos na fortuna."

"Ela deve estar a salvo", concordou Klaus, "mas com certeza está muito assustada. Só

espero que saiba que estamos no seu encalço."

"Eu também", disse Violet, e prosseguiu em silêncio por algum tempo, interrompida apenas pelo vento e pelo estranho ruído gorgolejante dos peixes.

"Acho que esses peixes estão com problemas para respirar", disse Klaus, apontando para a correnteza. "Alguma coisa na água os faz tossir."

"Talvez o Arroio Enamorado não tenha sempre essa cor tão feia", disse Violet. "O que poderia transformar água normal em um lodo preto-acinzentado?"

"Minério de ferro", disse Klaus pensativo, tentando se lembrar de um livro sobre ambientalismo a grandes altitudes que lera aos dez anos. "Ou talvez um depósito de argila que se soltou por causa de algum evento geológico, como um terremoto, ou talvez seja algum tipo de poluição na água. Pode haver uma fábrica de tinta ou sal-gema por perto."

"Talvez C.S.C., nos esclareça", disse Violet, "assim que chegarmos à base de operações."

"Talvez um dos nossos pais nos esclareça", disse Klaus mansamente.

"Não devemos alimentar nossas esperanças", disse Violet. "Mesmo que um dos nossos pais tenha sobrevivido ao incêndio, e mesmo que a base de operações de C.S.C, esteja realmente no Vale das Correntezas que Sopram Constantes, não é possível saber se os encontraremos assim que chegarmos lá."

"Não vejo mal em alimentar nossas esperanças", disse Klaus. "Estamos acompanhando uma corrente de água arruinada atrás de um vilão perverso na tentativa de salvar a nossa irmã e encontrar a base de operações de uma organização secreta. Um pouco de esperança seria bem-vindo."

Violet parou onde estava. "Eu vestiria mais uma camada de roupas", disse ela. "Está

fazendo mais frio."

Klaus concordou e ofereceu uma peça de vestuário que carregava. "Você quer o poncho ou o suéter?", perguntou.

"O poncho, se você não se importar", disse Violet. "Depois da experiência no trailer das aberrações, não sinto vontade de fazer propaganda do Parque Caligari."

"Nem eu", disse Klaus, pegando de volta o suéter com os dizeres bordados no peito.

"Acho que vou usá-lo do avesso."

Em vez de tirar os respectivos casacos, expondo-se aos ventos gélidos das Montanhas de Mão-Morta, Klaus vestiu o suéter por cima do seu casaco e Violet colocou o poncho por cima do seu. Os dois Baudelaire se entreolharam e não conseguiram conter o riso com a sua aparência ridícula.

"Isso é pior do que os ternos risca de giz que Esmé Squalor nos deu", disse Violet.

"Ou aqueles agasalhos piniquentos que usávamos quando estávamos sob os cuidados do sr. Poe", disse Klaus, referindo-se ao banqueiro encarregado da fortuna dos Baudelaire com o qual tinham perdido contato. "Mas pelo menos vamos ficar aquecidos. Se esfriar ainda mais, poderemos revezar o casaco que restou."

"Se um dos nossos pais estiver na base de operações", disse Violet, "ele ou ela não nos reconhecerá debaixo de tanta roupa. Vamos ficar parecendo dois bonecos de neve." Os Baudelaire ergueram os olhos para os picos nevados acima deles e sentiram-se meio atordoados, não porque as Montanhas de Mão-Morta se estendiam até o alto, mas porque todas as perguntas sem resposta se agitavam em suas cabeças. Poderiam realmente chegar sozinhos ao Vale das Correntezas que Sopram Constantes? Como seria a base de operações? Estaria C.S.C., aguardando por eles? Já teria o conde Olaf chegado à base de operações? Encontrariam Sunny? Encontrariam um dos seus pais? Violet e Klaus se entreolharam, e um arrepio subiu por dentro das suas estranhas vestimentas, até que Klaus quebrou o silêncio com a pergunta mais perturbadora de todas.

"Qual dos nossos pais você acha que sobreviveu?", disse ele. Quando Violet abriu a boca para responder, outra pergunta ocupou imediatamente os pensamentos dos Baudelaire. Era uma pergunta assustadora, e quase todas as pessoas que já a fizeram acabaram desejando não tê-la feito. Meu irmão fez essa pergunta uma vez, e teve pesadelos durante semanas. Um sócio meu também fez a pergunta, e caiu pelos ares antes que pudesse ouvir a resposta. E uma pergunta que eu fiz há muito tempo, em voz muito tímida, e uma mulher respondeu colocando um capacete de motociclista na cabeça e envolvendo o corpo em uma capa de seda vermelha. A pergunta é: "Que diabo é aquela assustadora nuvem de pequenos objetos brancos que vem zumbindo na nossa direção?". E lamento dizer que a resposta é: "Um enxame de insetos bem organizados e mal-humorados, mais conhecidos como mosquitos da neve, os quais vivem nas áreas montanhosas e gostam de picar pessoas sem motivo nenhum".

"Que diabo", disse Violet, "é aquela assustadora nuvem de pequenos objetos brancos que vem zumbindo na nossa direção?"

Klaus olhou para o que a irmã apontava e franziu a testa. "Lembro de ter lido a respeito disso num livro sobre a vida dos insetos nas montanhas", disse ele, "mas não me recordo dos detalhes."

"Faça um esforço", disse Violet, nervosa com a aproximação do enxame. A assustadora nuvem de pequenos objetos brancos que surgira detrás de um amontoado pedregoso lembrava o começo de uma nevasca. A falsa nevasca começou a tomar forma de flecha e se mover na direção das crianças, zumbindo cada vez mais alto, como se os objetos brancos estivessem incomodados com alguma coisa.

"Talvez sejam mosquitos da neve", disse Klaus. "Eles vivem em áreas frias e

montanhosas e costumam se agrupar em formas bem definidas."

Violet encarou a flecha que se aproximava do arroio e da beira do abismo. "Fico feliz por saber que os mosquitos da neve são inofensivos", disse. "Afinal, não temos como evitá-los."

"Tem alguma coisa sobre esses mosquitos da neve que não consigo me lembrar", disse Klaus.

O enxame se aproximou, a ponta da flecha ficou a poucos centímetros dos narizes dos Baudelaire, e então parou no ar, zumbindo com ferocidade. Os irmãos ficaram cara a cara com os mosquitos por um longo e tenso segundo, até que o mosquito que ocupava a posição dianteira no enxame picou o nariz de Violet.

"Ai!", gritou ela. E enquanto Violet ficou esfregando a pequena mancha vermelha na ponta do nariz, o mosquito voltou à sua posição. "Isso doeu", disse ela. "Pareceu uma picada de alfinete."

"Agora me lembro", disse Klaus. "Os mosquitos da neve costumam picar pessoas sem nenhum motivo aparen..."

Mas Klaus não chegou a terminar a frase, pois os mosquitos o interromperam com uma demonstração horripilante do que ele estava para dizer. Preguiçosamente, os insetos se deixaram levar pela ondulação dos ventos da montanha e desfizeram a flecha, transformando-a num grande bambolê em torno dos dois Baudelaire. Os mosquitos eram tão minúsculos que as crianças mal os enxergavam individualmente, embora tivessem a sensação de que os insetos sorriam de um jeito ameaçador.

"As picadas são venenosas?", perguntou Violet.

"Um pouco", disse Klaus. "Tudo bem se formos picados uma ou outra vez, mas muitas picadas podem nos deixar mal. Ai!"

Um dos mosquitos tinha picado Klaus na bochecha, como se quisesse conferir se era divertido picar o Baudelaire do meio. "As pessoas sempre dizem que se você não se importa com as picadas, os insetos não vão incomodar", disse Violet, nervosa. "Ai!"

"Isso quase nunca funciona", disse Klaus, "e com os mosquitos da neve com certeza não funciona. Ai! Ai! Ai!”

"O que devemos... Ai!", meio perguntou Violet.

"Eu não... Ai!", meio respondeu Klaus, e logo os Baudelaire já não conseguiam manter nem meia conversa. O enxame de mosquitos da neve começou a girar cada vez mais depressa, até envolver os dois irmãos num pequeno tornado. Depois, com uma série de manobras que pareciam ensaiadas, os mosquitos começaram a picar, primeiro de um lado, depois do outro. Violet gritou quando picaram seu queixo. Klaus urrou quando um punhado deles picou sua orelha esquerda. E ambos os Baudelaire gritaram quando, ao tentar espantar os mosquitos com as mãos, os agressores apareceram de todos os lados. Os mosquitos da neve picavam a torto e a direito. Eles chegavam por cima, obrigando as crianças a se abaixar, e depois por baixo, obrigando as crianças a ficar na ponta dos pés. E o tempo todo o enxame zumbia cada vez mais alto, como se os insetos estivessem se divertindo às custas deles. Violet e Klaus fecharam os olhos e se encostaram um no outro. Estavam assustados demais para vagar às cegas, correndo o riso de despencar do pico da montanha ou mergulhar nas águas do Arroio Enamorado.

"Casaco!", gritou Klaus, depois de cuspir um mosquito que tentara picar sua língua. Violet entendeu o recado e prontamente envolveu-se no casaco extra junto com Klaus, formando algo parecido com um grande e flácido guarda-chuva de pano. Os mosquitos da neve, furiosos, tentavam entrar por baixo do tecido para continuar picando, mas tiveram de se conformar com as mãos dos Baudelaire, que seguravam o casaco. Violet e Klaus se entreolharam atordoados, e enquanto seus dedos eram picados sem piedade, os irmãos tentavam continuar andando.

"Desse jeito não chegaremos nunca ao Vale das Correntezas que Sopram Constantes", disse Violet, tentando se fazer ouvir por cima do zumbido dos mosquitos. "Como vamos detê-los, Klaus?"

"Com fogo", disse ele. "O autor daquele livro dizia que o cheiro de fumaça pode deter um enxame. Mas não podemos acender fogo embaixo deste casaco.

"Ai!" Um mosquito da neve picou o dedão de Violet em um lugar que já tinha sido picado, bem quando os Baudelaire contornaram o canto pedregoso onde o enxame aparecera pela primeira vez. Através de um ponto desgastado do tecido, os Baudelaire só conseguiram discernir um buraco escuro, circular, na encosta da montanha.

"Deve ser a entrada de uma das grutas", disse Klaus. "A gente não poderia fazer fogo lá

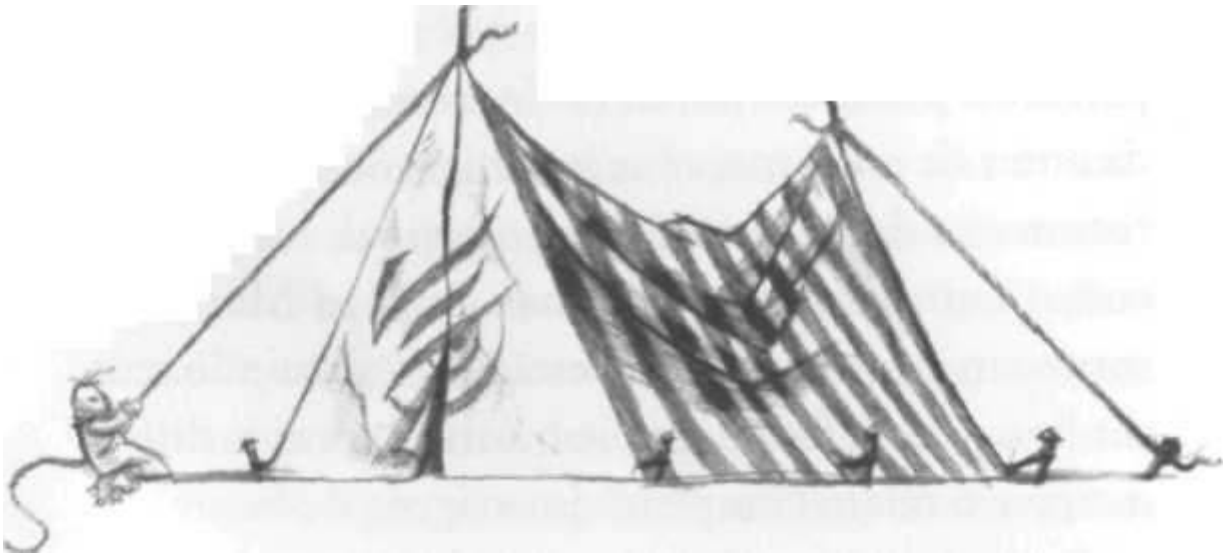
dentro?"

"Talvez", disse Violet. "Mas com isso também incomodaremos algum animal que estiver em hibernação aí."

"Já incomodamos milhares de animais", disse Klaus, agarrando o jarro que quase caíra de suas mãos quando um mosquito lhe picou o pulso. "Parece que não temos escolha. Vamos entrar na caverna e arriscar."

Violet concordou, mas olhou apreensiva para a entrada da caverna. Arriscar-se é como tomar banho, pode acabar com você se sentindo confortável e aquecido, mas pode ser que algo terrível esteja à espreita e você só descubra o que é quando não houver nada a fazer, a não ser berrar e agarrar-se a um patinho de borracha. Os dois Baudelaire foram em direção ao buraco escuro e circular, tomando cuidado para não se aproximar da beira do pico e apertando o casaco em volta de si para se proteger dos mosquitos. Mas o que mais os preocupava não era a altura do pico ou as picadas dos mosquitos, mas o risco que corriam ao adentrar a sombria entrada da caverna.

Os dois Baudelaire nunca tinham estado ali antes, é claro, e até onde sou capaz de assegurar, nunca mais voltaram, nem mesmo quando já desciam as montanhas, depois de reencontrar a irmãzinha bebê e descobrir o mistério do Colóquio Secreto Criostático. No entanto, quando Violet e Klaus assumiram o risco e entraram na caverna, encontraram duas coisas com as quais estavam muito familiarizados. A primeira era o fogo. Parados na boca da caverna, logo perceberam que não precisariam mais se preocupar com os mosquitos da neve, pois sentiam cheiro de fumaça e viam, no fundo da caverna, pequenas chamas cor de laranja. O fogo era algo



muito familiar às crianças, desde o cheiro das cinzas da mansão Baudelaire até o

cheiro das labaredas do Parque Caligari. Mas quando os mosquitos formaram uma flecha e dispararam para fora da caverna, e os Baudelaire, agora livres das picadas, deram mais um passo para dentro da gruta, Violet e Klaus encontraram outra coisa familiar — uma pessoa, para ser mais exato, alguém que eles julgavam que nunca mais reencontrariam.

"Seus bisbórrias!", disse a voz do fundo da caverna, e ao ouvir isso os dois Baudelaire quase desejaram ter se arriscado em outro lugar.

CAPITULO

Três

Você deve ter estranhado o fato de Sunny Baudelaire quase não ter sido mencionada nos dois primeiros capítulos deste livro, mas há várias razões para isso. Uma delas é a dificuldade de pesquisar o que aconteceu com Sunny durante a jornada no carro do conde Olaf. Os rastros dos pneus desapareceram há muito tempo, e ocorreram tantas nevascas e avalanches nas Montanhas de Mão-Morta, que a estrada quase desapareceu. A maioria das testemunhas faleceu sob circunstâncias misteriosas, ou quem sabe o conde Olaf as tenha deixado tão assustadas que elas não tiveram coragem de responder aos meus telegramas e cartões solicitando uma entrevista. Até a carta atirada pela janela do carro de Olaf — a maior prova de que aquelas pessoas perversas passaram por lá — foi recolhida da estrada antes de eu começar as investigações. O

desaparecimento dessa carta é um bom sinal, indica que certos animais das Montanhas de Mão-Morta retornaram aos seus lugares e estão reconstruindo seus ninhos, mas o fato é que isso tornou muito difícil escrever o relato completo das viagens de Sunny.

Se você está interessado em saber o que aconteceu com ela, enquanto seus irmãos tentavam deter o trailer, subiam o curso do Arroio Enamorado rumo à nascente e lutavam contra mosquitos da neve, existe mais uma história que você deve ler. Diz respeito a uma pessoa chamada Cinderela. Cinderela era uma jovem a quem pessoas malvadas insultavam e forçavam a fazer todas as tarefas domésticas. Ela acabou salva por sua fada-madrinha, que num toque de mágica criou um vestido especial para ela usar em um baile. Foi lá que Cinderela conheceu um garboso príncipe com quem se casou e viveu feliz para sempre. Se você substituir o nome Cinderela por Sunny Baudelaire, e eliminar a fada-madrinha, o vestido especial, o baile, o príncipe garboso, o casamento e o viver feliz para sempre, terá uma noção clara de como foi a viagem de Sunny.

"Eu gostaria que esse bebê parasse com essa choradeira irritante", disse o conde Olaf, franzindo a sobrancelha única ao fazer outra curva violenta. "Nada como uma vítima de seqüestro choramingando para estragar uma agradável viagem de carro."

"Estou beliscando o máximo que posso", disse Esmé Squalor, dando outro beliscão

em Sunny com suas unhas elegantes, "mas ela não cala a boca."

"Escute aqui, dentuça", disse Olaf, desviando os olhos da estrada para encarar Sunny.

"Se não parar de berrar vou arrumar uma boa razão para você chorar." Sunny gemeu contrariada e enxugou os olhos com as mãozinhas. Estivera chorando durante a maior parte do dia, desde que se iniciou a viagem que nem o mais dedicado pesquisador foi capaz de acompanhar, e agora, ao pôr-do-sol, ela ainda não conseguia se conter. Mas quando Olaf a ameaçou, ela quase ficou mais irritada do que assustada. Porque é detestável alguém lhe oferecer uma boa razão para chorar quando você já está chorando; afinal, se você

está chorando, não é preciso que lhe dêem outro motivo para chorar. E Sunny Baudelaire tinha razões suficientes para estar triste. Estava preocupada com seus irmãos, e não parava de pensar em como eles evitariam ser arremessados para um fim trágico caso o trailer não parasse a tempo. Também estava preocupada consigo mesma, pois o conde Olaf descobrira seu disfarce, arrancara sua barba e a prendera no colo de Esmé. Além disso, os beliscões da vilã doíam um bocado.

"Belisca não", dissera para Esmé, mas a malvada e elegante mulher respondera com uma careta, como se Sunny tivesse falado alguma bobagem.

"Quando não está chorando, esse bebê fala em língua estrangeira. Não entendo nada", disse Esmé.

"Crianças seqüestradas nunca são engraçadinhas", disse o homem de mãos de gancho, que era talvez o menos estimado da trupe de Olaf. "Lembra-se de quando pegamos os Quagmire, patrão? Só reclamaram. Quando os pusemos na jaula, reclamaram. Quando os prendemos num chafariz, reclamaram. Reclamações, reclamações, reclamações. Eles me deixaram tão irritado que quase fiquei feliz quando escaparam."

"Feliz?", disse Olaf, arreganhando os dentes. "Demos duro para roubar a fortuna dos Quagmire, e mesmo assim não ficamos com nada. Foi uma perda de tempo."

"Não se sinta culpado, Olaf", disse uma das mulheres de cara branca que estava no banco de trás. "Erros acontecem."

"Não desta vez", disse o conde Olaf. "Com os dois órfãos esmagados embaixo de um trailer destruído e esse bebê no colo, a fortuna Baudelaire já é minha. E depois

que chegarmos ao Vale das Correntezas que Sopram Constantes e encontrarmos a base de operações, não haverá

com o que nos preocupar."

"Por quê?", perguntou Hugo, o corcunda que trabalhara no parque.

"Eu também não entendi", disse Kevin, outro ex-empregado do parque. Como ele tinha muita vergonha de ser ambidestro, Esmé o convencera a entrar para a trupe de Olaf amarrando sua mão direita atrás das costas para que ninguém notasse que funcionava tão bem quanto a esquerda. "Somos novos na trupe, patrão, por isso nem sempre entendemos o que acontece."

"Logo que me juntei à trupe de Olaf", disse uma das mulheres de cara branca, "eu nunca tinha ouvido falar do dossiê Snicket."

"Trabalhar para mim é um aprendizado", disse Olaf. "Mas você não pode esperar que eu lhe explique tudo. Sou um homem muito ocupado."

"Deixa que eu explico, patrão", disse o homem de mãos de gancho. "O conde Olaf, como qualquer homem de negócios, cometeu uma grande variedade de crimes."

"Só que aqueles voluntários idiotas reuniram um arquivo de provas contra ele", disse Esmé. "Tentei explicar que hoje em dia o crime é muito in, mas eles não estavam interessados." Sunny enxugou mais uma lágrima e suspirou. A jovem Baudelaire chegou quase a se convencer de que tomar beliscões era melhor do que ouvir as bobagens de Esmé Squalor sobre o que era in — a palavra que a vila costumava usar para se referir ao que estava "na moda".

"Se não destruirmos esses arquivos, o conde Olaf poderá ser preso", disse o homem de mãos de gancho. "Temos razões para acreditar que uma parte dos arquivos está na base de operações de C.S.C."

"O que quer dizer C.S.C.?", perguntou Colette do chão do automóvel. Olaf tinha ordenado que ela se valesse dos talentos de contorcionista para se enrodilhar aos pés dos outros capangas.

"Essa informação é segredo de Estado!", rosnou Olaf, para decepção de Sunny. "Eu já fui membro da organização, mas descobri que era mais divertido ser um profissional autônomo."

"O que isso significa?", perguntou o homem de mãos de gancho.

"Alguém que pratica crimes", respondeu Esmé. "É muito in no momento."

"Falsa def", Sunny tentou dizer em meio às lágrimas. Com "Falsa def" ela queria dizer algo na linha de: "Um profissional autônomo não tem nada a ver com crimes, é alguém que trabalha sozinho, e não com um grupo". Mas Sunny ficou triste porque ninguém ali era capaz de compreendê-la.

"Lá vem você com esse tatibitate", disse Esmé. "E por isso que eu nunca quis ter crianças. A não ser como serviçais, é claro."

"A viagem será mais fácil do que eu pensava", disse Olaf. "O mapa indica que só temos de passar por mais algumas cavernas."

"Existe algum hotel perto da base de operações?", perguntou Esmé.

"Receio que não, amorzinho", retrucou o vilão, "mas tenho duas barracas no porta-malas. Vamos acampar no pico do Monte Fraught, mais conhecido como o Cume das Aflições, o ponto culminante das Montanhas de Mão-Morta."

"No ponto culminante?", disse Esmé. "Deve fazer muito frio lá."

"É verdade", admitiu Olaf, "mas o Falso Manancial fica no caminho, portanto deve ficar mais quente."

"Mas e essa noite?", disse a vila. "Definitivamente não é in armar barracas num frio enregelante."

Olaf a encarou e começou a rir, e Sunny pôde sentir o mau hálito que exalava de suas risadinhas perversas. "Não seja boba", disse ele para Esmé. "Você não precisará armar as barracas. É só aguardar boazinha dentro do carro. O bebê com dentes de coelho é quem vai fazer o serviço para nós."

Então a trupe inteira de Olaf começou a rir, e o carro foi tomado pelo bafo dos vilões. Sunny derramou algumas lágrimas e virou o rosto para a janela, para que ninguém notasse. As janelas estavam sujas, mas a jovem Baudelaire conseguiu ver os estranhos picos quadrados das Montanhas de Mão-Morta e as águas escuras do Arroio Enamorado. Na altura em que se encontravam, o arroio era em grande parte gelo, e Sunny, ao vislumbrar as águas escuras e congeladas, se perguntou onde estariam seus irmãos e se chegariam a tempo de salvá-la. Lembrou-se da primeira

vez em que caíra nas garras de Olaf, quando o vilão a amarrara e trancara numa gaiola pendurada do lado de fora de uma torre. Foi a experiência mais aterradora que a mais jovem Baudelaire vivenciou, e até hoje tinha pesadelos com os rangidos da gaiola e a visão de seus irmãos olhando para ela do quintal de Olaf. Mas Violet construíra um arpéu para salvá-la e Klaus fizera pesquisas legais, e assim acabaram frustrando o plano de Olaf. Enquanto o carro levava Sunny para longe de seus irmãos, ela olhava para o território solitário com a esperança de que eles viessem salvá-la outra vez.

"Quanto tempo ficaremos no Cume das Aflições?", perguntou Hugo.

"O tempo que eu quiser, é claro", respondeu o conde Olaf.

"Você logo vai perceber que grande parte do nosso trabalho consiste em ter paciência", disse o homem de mãos de gancho. "Eu sempre trago comigo alguma coisa que ajude a passar o tempo, como um baralho ou uma pedra."

"Isso pode ser desagradável", admitiu uma das mulheres de cara branca, "e também perigoso. Vários camaradas nossos tiveram destinos terríveis."

"Mas valeu a pena", disse o conde Olaf, indiferente, uma palavra que aqui significa "sem dar a mínima para os empregados que faleceram em serviço". "Às vezes, é inevitável que alguns morram queimados ou devorados por leões. O importante é lutar por uma causa maior."

"E quai é a causa maior?", perguntou Colette.

"Dinheiro!", gritou Esmé, gananciosa. "Dinheiro e satisfação pessoal. E é exatamente isso o que vamos conseguir com esse bebê chorão! Depois que roubarmos a fortuna Baudelaire teremos dinheiro suficiente para viver uma vida luxuosa e cheia de novos planos traiçoeiros!" Todos aplaudiram, e, sem dizer palavra, o conde Olaf deu um sorrisinho sórdido para Sunny, enquanto o carro subia por uma colina íngreme e esburacada. Quando os últimos raios de sol ameaçavam desaparecer do céu, o carro freou.

"Aqui estamos", disse o conde Olaf, e entregou as chaves do automóvel para Sunny.

"Desça, órfã. Descarregue o porta-malas e arme as barracas."

"Aproveite e traga umas batatinhas para nós", disse Esmé, "vamos comer enquanto esperamos que você apronte as coisas."

Esmé colocou Sunny no chão e depois bateu a porta do carro. O ar gélido da montanha fez a mais nova dos Baudelaire tremer. O frio no ponto culminante das Montanhas de Mão-Morta era tanto que suas lágrimas se congelaram antes de escorrer, formando uma pequena máscara de gelo em seu rosto. Cambaleante, Sunny pôs-se em pé e caminhou até o porta-malas. Bem que ela pensou em andar mais um pouco e escapar de Olaf, mas aonde poderia ir? Sunny correu os olhos pelos arredores e não viu nenhum lugar onde um bebê sozinho pudesse ficar em segurança.

O Cume das Aflições não passava de um pequeno quadrado de pedra suspenso no alto das Montanhas de Mão-Morta, e quando Sunny chegou ao porta-malas do carro sentiu uma leve vertigem ao se aproximar das beiradas do cume. À sua frente estendiam-se os picos congelados das outras montanhas, entrecortados pelas águas negras do Arroio Enamorado e pelo caminho pedregoso pelo qual o carro de Olaf subira. Mas atrás de si, Sunny encontrou uma paisagem tão estranha que precisou de alguns minutos para compreender o que via.

Estendendo-se a partir de um dos pontos mais altos das Montanhas de Mão-Morta, Sunny viu uma faixa branca e reluzente, parecida com um enorme pedaço de papel dobrado para baixo ou a asa de algum pássaro extraordinário. Aos poucos foi compreendendo do que se tratava: a nascente do Arroio Enamorado refletindo os últimos raios de sol. Assim como muitos cursos d'água, o Arroio se originava no interior das pedras, e era de dentro da pedra mais alta da cadeia de montanhas que uma enorme queda d'água se projetava escuridão abaixo. Embora fosse a época mais quente do ano, não fazia calor, e assim como as lágrimas de Sunny tinham congelado em seu rosto, também a queda d'água se congelara, formando um enorme escorregador de gelo. A visão era tão fantasmagórica que Sunny precisou respirar fundo antes de se perguntar por que o gelo era branco e não preto como as águas do Arroio Enamorado. Fóóón! Uma buzinada ruidosa do automóvel do conde Olaf fez Sunny despertar dos seus pensamentos e retomar a tarefa para a qual os vilões a tinham escalado. Abriu o porta-malas, pegou um saco de batatinha frita e levou até os passageiros.

"Você demorou demais, órfã", disse Olaf, em vez de dizer "obrigado". "Agora vá armar as duas barracas, uma para mim e Esmé, outra para o pessoal da trupe."

"E onde o bebê vai dormir?", perguntou o homem de mãos de gancho. "Na minha barraca, não. Ouvi dizer que os bebês são capazes de se aproximar na surdina e roubar o seu fôlego enquanto você dorme."

"Bem, só sei que comigo é que ela não vai dormir", disse Esmé. "Não é in ter um

bebê na barraca."

"Ela não vai dormir em barraca nenhuma", decidiu Olaf. "No porta-malas há um grande prato de forno com tampa. Ela pode muito bem dormir por lá."

"Será que ela estará segura num prato de forno parecido com uma caçarola?", disse Esmé. "Lembre-se, Olaf, querido, se ela morrer não botamos as mãos na fortuna Baudelaire."

"A tampa do prato tem alguns buracos na parte de cima, ela poderá respirar", disse Olaf,

"além do que, a tampa a manterá protegida dos mosquitos da neve."

"Mosquitos da neve?", perguntou Hugo.

"Mosquitos da neve são insetos bem organizados e mal-humorados", explicou o conde Olaf, "que vivem em frias áreas montanhosas e se divertem picando pessoas por puro prazer. Simpatizo muito com eles."

"Nonat", disse Sunny, o que queria dizer: "Não vi nenhum inseto desse tipo lá fora", mas ninguém lhe deu atenção.

"Será que ela não vai fugir enquanto estivermos dormindo?", perguntou Kevin.

"Ela não se atreveria", disse o conde Olaf, "e mesmo que optasse por sobreviver sozinha nas montanhas, conseguiríamos vê-la daqui de cima. É por isso que estamos acampando no topo. Se a fedelha escapar ou alguém tentar nos seguir, saberemos. Daqui é possível ver tudo e todos a quilômetros de distância."

Eureca", Sunny deixou escapar. Ela queria dizer alguma coisa na linha de: "Acabo de me dar conta de uma coisa", mas não tinha intenção de dizer isso em voz alta.

"Pare de balbuciar e vá trabalhar, fedelha dentuça!", disse Esmé Squalor. Sunny pôde ouvir as risadas dos vilões e o róc-róc das batatinhas enquanto caminhava em direção ao porta-malas.

Armar barracas pode ser uma tarefa frustrante, pois é complicado organizar todo aquele pano e toda aquela armação para que ela funcione direito, e é por isso que prefiro hotéis ou castelos alugados, que oferecem paredes sólidas e serviço de camareira. Mas Sunny ainda contava com as desvantagens extras de estar sozinha e

no escuro, sendo que era uma novata na arte de andar e estava preocupada com os irmãos. Por sorte a mais jovem dos Baudelaire tinha experiência em desempenhar tarefas hercúleas, uma expressão que aqui significa "realizar feitos incrivelmente difíceis". Como você deve saber, quando o forçam a fazer alguma coisa contra a sua vontade, o melhor é pensar em algo inspirador e continuar em frente. Quando Sunny travou um duelo de espada e dente na Serraria Alto-Astral, por exemplo, ela pensou em quanto se preocupava com os seus irmãos, e pensar nisso a ajudou a derrotar o perverso dr. Orwell. Quando escalou o poço do elevador na Avenida Sombria 667, ela se concentrou no desejo de reencontrar seus amigos Quagmire, e logo chegou até o apartamento de cobertura. Assim, quando Sunny cavou um buraco na terra congelada com os seus dentes para que as estacas da barraca permanecessem no lugar, ela pensou em algo que a inspirasse, e por estranho que pareça era algo que o conde Olaf tinha dito sobre ver tudo e todos a quilômetros de distância. Enquanto armava as barracas e olhava para o escorregador de gelo, Sunny decidiu que não tentaria escapar de Olaf e sua trupe. Porque se ela conseguia ver tudo e todos do alto do Cume das Aflições, isso também queria dizer que tudo e todos, inclusive Violet e Klaus Baudelaire, poderiam vê-la ali em cima.

CAPÍTULO



Quatro

Aquela noite foi um dia escuro. É claro, todas as noites são dias escuros, porque a noite não passa de uma versão mal iluminada do dia, que por sua vez nada mais é do

que os diversos rodopios que a Terra dá em torno do Sol até lembrar a todos que é hora de sair da cama e começar o dia com uma xícara de café ou um aviãozinho de papel com uma mensagem secreta que sai voando para além das grades de um posto da Guarda Florestal. Mas neste caso, a expressão "um dia escuro" significa "um momento triste na história das crianças Baudelaire, C.S.C., e todas as pessoas corajosas e lidas do mundo". Mas Violet e Klaus não tinham idéia do que acontecia logo acima deles, no Vale das Correntezas que Sopram Constantes. Tudo o que sabiam era que a voz que ouviam agora era a mesma que desejaram um dia nunca mais ouvir.

"Vão embora, seus bisbórrias!", disse a voz. "Esta é uma caverna particular!"

"Com quem você está falando, Carmelita?", perguntou outra voz. Essa era mais forte, e parecia vir de um homem adulto.

"Posso ver duas sombras na entrada da caverna, tio Bruce", disse a primeira voz, "e para mim, parecem sombras de bisbórrias."

Do fundo da caverna ecoaram risadinhas, e Violet e Klaus se entreolharam desolados. A voz pertencia a Carmelita Spats, a detestável menina que os Baudelaire tinham conhecido na Escola Preparatória Prufrock. Naquela época, Carmelita antipatizou de cara com os três irmãos, e não poupou xingamentos nem esforços para transformar suas vidas na escola num grande martírio. Se você já foi estudante sabe que existe uma pessoa dessas em cada escola e que, depois da formatura, você deseja nunca mais reencontrá-la. Os dois Baudelaire já tinham problemas suficientes nas Montanhas de Mão-Morta antes de cruzar com uma pessoa tão desagradável, e ao som da sua voz eles quase preferiram os mosquitos da neve que enxameavam do lado de fora.

"Duas sombras?", perguntou a segunda voz. "Identifiquem-se, por favor."

"Somos viajantes das montanhas", gritou Violet da entrada. "Nos perdemos e demos de cara com um enxame de mosquitos da neve. Por favor, deixem-nos descansar aqui um pouco, enquanto o cheiro da fumaça os espanta. Depois iremos embora."

"De jeito nenhum!", respondeu Carmelita, ainda mais antipática que de costume. "É aqui que os Escoteiros da Neve estão acampados, descansando antes de continuar seu caminho rumo à celebração da Falsa Primavera, quando deverão me coroar rainha. Não precisamos de nenhum bisbórria para estragar a diversão."

"Vamos, Carmelita", disse o homem adulto. "Espera-se que os Escoteiros da Neve sejam corteses, está lembrada? Faz parte do Juramento Alfabético do Escoteiro da Neve. E seria muito cortês da nossa parte oferecer a esses estranhos o abrigo da nossa caverna."

"Eu não quero ser cortês", disse Carmelita. "Sou a Rainha da Falsa Primavera, faço o que bem entender."

"Você ainda não é a Rainha da Falsa Primavera", disse uma voz paciente de menino pequeno. "Não até que dancemos em volta do Mastro da Primavera. Entrem, viajantes, e sentem-se junto ao fogo. Ficamos felizes em recebê-los."

"Assim é que se diz, garoto", disse a voz do homem adulto. "Vamos, Escoteiros da Neve, recitemos juntos o Juramento Alfabético do Escoteiro da Neve."

No mesmo instante a caverna reverberou com o som de muitas vozes falando em perfeito uníssono, uma expressão que aqui significa "recitando uma lista de palavras muito estranha, todos ao mesmo tempo". "Os Escoteiros da Neve", recitaram os Escoteiros da Neve, "são amorosos, bonzinhos, corteses, delicados, emblemáticos, felizes, grandiosos, humanos, imbatíveis, jovens, limitados, modestos, nacionalistas, oficiais, perfeitos, queridos, recentes, sabidos, talentosos, unânimes, varonis, xilofones e zipados. De manhã, de tarde e de noite, o dia inteiro!"

Os dois Baudelaire ficaram confusos. Como muitos juramentos, o Juramento Alfabético do Escoteiro da Neve não fazia muito sentido, e Violet e Klaus tentaram imaginar como um escoteiro poderia ser "bonzinho" e "delicado", e ao mesmo tempo "imbatível" e "varonil", ou por que precisavam jurar ser "humanos" e "jovens" se já eram humanos e jovens. Eles não entendiam por que o juramento acrescentava que os Escoteiros da Neve eram todas aquelas coisas "o dia inteiro" se já tinham dito que eram "de manhã", "de tarde" e "de noite". Ou por que a estranha palavra "xilofone" aparecia no juramento. Mas eles não tiveram tempo para estranhar mais nada, porque assim que acabou o juramento, todos os escoteiros inspiraram fundo e soltaram um prolongado barulho de vento, ou algo parecido, como se quisessem imitar a natureza, o que pareceu ainda mais estranho.

"Essa é a minha parte predileta", disse o homem adulto quando o som se extinguiu.

"Nada como encerrar o Juramento Alfabético do Escoteiro da Neve com um som de neve. Aproximem-se, viajantes, para que possamos vê-los."

"Vamos segurar o casaco por cima do rosto", sussurrou Klaus para a irmã. "Carmelita pode nos reconhecer."

"E os outros escoteiros já devem ter visto nossas fotografias n'0 Pundonor Diário', disse Violet, e enfiou a cabeça embaixo do casaco. O Pundonor Diário era um jornal que publicara uma reportagem culpando os três Baudelaire pelo assassinato de Jacques Snicket. É claro que a matéria era uma asneira total, mas parece que todo mundo acreditara nela e queria ver os Baudelaire na cadeia. Mas quando os dois irmãos se aproximaram dos Escoteiros da Neve, perceberam que não eram os únicos preocupados em esconder o rosto.

O fundo da caverna era um grande salão circular, com teto muito alto e paredes de rocha que refletiam a luz alaranjada das chamas. Sentadas em círculo ao redor do fogo havia quinze ou vinte pessoas, todas com os olhos erguidos para os dois Baudelaire. Através do pano do casaco, as crianças viram que a pessoa mais alta de todas — tio Bruce, provavelmente — usava um feio casaco xadrez e segurava um charuto. Sentados de frente para ele, havia alguém com um suéter de lã cheio de bolsos e os Escoteiros da Neve em seus uniformes brancos e brilhantes, com zíperes na frente e diferentes emblemas de flocos de neve bordados ao longo das mangas compridas e bufantes. Nas costas dos uniformes vinham bordadas em grandes letras cor-de-rosa as palavras do Juramento Alfabético dos Escoteiros da Neve. No topo das cabeças, todos usavam uma faixa branca decorada com pompons imitando flocos de neve, com a palavra "Brr!" escrita em letras de gelo. Mas Violet e Klaus não estavam olhando para as nevascas de plástico, nem para os amorosos, bonzinhos, corteses, delicados, emblemáticos, felizes, grandiosos, humanos, imbatíveis, jovens, limitados, modestos, nacionalistas, oficiais, perfeitos, queridos, recentes, sabidos, talentosos, unânimes, varonis, xilofones e zipados uniformes que usavam. Estavam interessados nas máscaras escuras e redondas que cobriam os rostos dos escoteiros. As máscaras tinham furinhos minúsculos na frente, como as máscaras usadas em esgrima, um esporte em que as pessoas duelam com espadas por diversão e não pela honra, ou a fim de resgatar um escritor que foi colado na parede com fita adesiva. Mas iluminadas pela luz cintilante da caverna as máscaras não pareciam ter furinhos, e pareceu aos Baudelaire que os rostos de Bruce e dos Escoteiros da Neve haviam desaparecido, dando lugar a um buraco escuro e vazio acima de cada pescoço.

"Vocês estão ridículos, bisbórrias", disse alguém entre os escoteiros, e os Baudelaire identificaram

Carmelita Spats no meio dos mascarados. "Não podemos enxergar seus rostos."

"E que nós somos modestos", disse Violet, pensando depressa. "Tão modestos que quase nunca mostramos o rosto."

"Então vocês vão se dar muito bem aqui", disse Bruce por trás da máscara. "Meu nome é

Bruce, mas vocês podem me chamar de tio Bruce, embora eu não seja seu tio de verdade. Bem-vindos aos Escoteiros da Neve, viajantes, onde somos todos modestos. E também amorosos, bonzinhos, corteses, delicados..."

Os outros Escoteiros da Neve fizeram coro no juramento, e os dois Baudelaire tiveram de agüentar mais uma vez aquela lista absurda. O escoteiro de suéter se levantou e caminhou na direção deles. "Temos algumas máscaras de reserva", murmurou baixinho, e apontou para um monte de equipamentos empilhados ao lado de um mastro de madeira muito alto. "As máscaras mantêm os mosquitos da neve afastados quando saímos da caverna. Peguem uma para cada um de vocês."

"Obrigada", retrucou Violet, enquanto os escoteiros prometiam ser jovens, limitados e modestos. Antes que os escoteiros terminassem de recitar o juramento, ela e o irmão agarraram as máscaras e as colocaram por baixo dos casacos para que, quando os escoteiros jurassem ser varonis, xilofones e zipados, os Baudelaire tivessem uma aparência tão sem cara quanto os outros.

"Isso foi divertido, garotada", disse Bruce, assim que o som de neve se extinguiu e o juramento terminou. "Que tal vocês se juntarem aos Escoteiros da Neve, viajantes? Somos uma organização dedicada a proporcionar diversão e aprendizado aos jovens. Neste momento estamos em meio a uma Excursão A Pé dos Escoteiros da Neve. Vamos escalar toda a montanha e atingir o Cume das Aflições, onde vamos celebrar a Falsa Primavera."

"O que é a Falsa Primavera?", perguntou Violet, sentada entre o irmão e o escoteiro de suéter.

"Qualquer um que não seja um bisbórria sabe o que é a Falsa Primavera", disse Carmelita com um tom desdenhoso. "É quando faz muito calor antes de ficar muito frio de novo. Nós a celebramos com uma linda dança em torno do Mastro da Primavera." Quando ela apontou para o mastro de madeira, os Baudelaire notaram que as luvas dos Escoteiros da Neve eram aquelas que mantêm quatro dedos juntos e o polegar separado. Eram brancas e brilhantes como os uniformes, e ainda tinham as iniciais EN estampadas. "Quando a dança acaba, escolhemos a melhor escoteira e

a coroamos Rainha da Falsa Primavera. Dessa vez vou ser eu. Na verdade, sou sempre eu."

"Isso é só porque o tio Bruce é seu tio de verdade", disse um dos outros Escoteiros da Neve.

"Não, não é por isso", insistiu Carmelita. "É porque sou a mais amorosa, boazinha, cortês, delicada, emblemática, feliz, grandiosa, humana, imbatível, jovem, limitada, modesta, nacionalista, oficial, perfeita, querida, recente, sabida, talentosa, unânime, varonil, xilofone e zipada."

"Como alguém pode ser 'xilofone'?", Klaus não agüentou e perguntou. "'Xilofone' não é

sequer um adjetivo."

"O tio Bruce não conseguiu se lembrar de nenhuma outra palavra que começasse com X", explicou o Escoteiro da Neve de suéter, denunciando com seu tom de voz que ele não achava aquela uma boa desculpa.

"Que tal 'xenófilo'?", sugeriu Klaus. "É uma palavra que significa..."

"Não podemos mudar as palavras do Juramento Alfabético dos Escoteiros da Neve", interrompeu Bruce, levando o charuto ao rosto como se fosse fumar através da máscara. "O

objetivo dos Escoteiros da Neve é repetir sempre a mesma coisa, de novo e de novo. Celebramos a Falsa Primavera de novo e de novo no Cume das Aflições, junto à nascente do Arroio Enamorado. Minha sobrinha Carmelita é a Rainha da Falsa Primavera de novo e de novo. E de novo e de novo paramos aqui nesta caverna para a Hora das Histórias dos Escoteiros da Neve."

"Pelo que eu li, as cavernas das Montanhas de Mão-Morta são muito utilizadas por animais em hibernação", disse Klaus. "Tem certeza que é seguro parar aqui?" O escoteiro que usava suéter em vez de uniforme voltou a cabeça rapidamente para os Baudelaire, como se fosse falar, mas Bruce respondeu primeiro. "Agora é seguro", disse ele.

"Aparentemente, anos atrás essas montanhas eram infestadas de ursos. Os ursos eram tão inteligentes que foram treinados como soldados. Mas eles desapareceram, e ninguém sabe por quê."

"Ursos, não", disse muito baixo o escoteiro de suéter, e os dois Baudelaire se inclinaram para ouvi-lo. "Eram leões. E eles não eram soldados. Eram detetives felinos voluntários —

conhecidos como Caçadores de Segredos Criminais." Ele se voltou para os dois irmãos, que perceberam estar sendo encarados através dos furos. "Caçadores de Segredos Criminais", repetiu, e os Baudelaire quase engasgaram.

"Você disse...", ia dizer Violet, mas o escoteiro de suéter sacudiu a cabeça, indicando que era perigoso falar do assunto. Violet olhou para o irmão e depois para o escoteiro, e desejou poder ver seus rostos por trás das máscaras. As iniciais de Caçadores de Segredos Criminais, é

claro, eram C.S.C., o nome da organização que procuravam. Mas seriam aquelas iniciais outra coincidência, como tantas que já apareceram? Ou seria algum tipo de sinal daquele Escoteiro da Neve de suéter?

"Não sei o que vocês tanto resmungam, garotos", disse Bruce, "mas parem agora mesmo. Não é hora de conversa. E a Hora das Histórias dos Escoteiros da Neve, momento em que um Escoteiro da Neve conta uma história para os outros Escoteiros da Neve, enquanto todos comemos marshmallows até enjoar e dormir sobre uma pilha de cobertores, como fazemos todos os anos. Por que os novos escoteiros não contam a primeira história?"

"Eu é que devia contar a primeira história", queixou-se Carmelita. "Afinal, sou a Rainha da Falsa Primavera."

"Mas tenho certeza de que os viajantes têm uma história maravilhosa para contar", disse o escoteiro de suéter. "Eu adoraria ouvir um Conto Surpreendente e Cativante." Klaus viu que a irmã colocara as mãos para o alto e começara a sorrir. Ele sabia que Violet queria amarrar o cabelo com uma fita para ajudá-la a pensar, mas era impossível fazer isso com aquela máscara. As cabeças dos dois Baudelaire estavam aceleradas, tentando inventar um jeito de se comunicar com o escoteiro misterioso, e ficaram tão absortos em seus pensamentos que mal ouviram os insultos de Carmelita Spats.

"Não fiquem aí sentados, seus bisbórrias", disse Carmelita. "Se vão contar uma história, comecem de uma vez."

"Desculpe a demora", disse Violet, escolhendo as palavras com cuidado. "Passamos

o dia Completamente Sem Comer, por isso é difícil pensar em uma boa história."

"Eu não tinha percebido que este era um momento difícil", disse o escoteiro de suéter.

"Ah, é verdade", disse Klaus. "Não comemos nada o dia inteiro, a não ser umas Coxinhas Sabor Cominho."

"E, além disso, havia os mosquitos da neve", disse Violet. "Eles pareciam Coleópteros Sedentos Congelados."

"Quando eles atacaram formando uma flecha", disse Klaus, "ficaram parecidos com uma Caveira de Serpente Cuspidora."

"Ou um Comedor Satânico de Capim", disse o escoteiro de suéter, indicando que tinha entendido a mensagem.

"Essa é a história mais chata que já ouvi", disse Carmelita Spats. "Tio Bruce, diga a esses dois que eles não passam de uns bisbórrias."

"Bem, isso não seria muito cortês", disse Bruce, "mas devo admitir que a história de vocês era bem maçante, garotos. Quando Escoteiros da Neve contam histórias, eles pulam todas as partes aborrecidas e contam só as partes interessantes. Desse modo a história fica mais amorosa, boazinha, cortês, delicada, emblemática, feliz, grandiosa, humana, imbatível, jovem, limitada, modesta, nacionalista, oficial, perfeita, querida, recente, sabida, talentosa, unânime, varonil, xilofone e zipada."

"Vou mostrar a esses bisbórrias o que é uma história interessante", disse Carmelita. "Era uma vez eu. Um dia eu acordei, olhei no espelho e vi a menina mais linda, mais inteligente e mais gracinha de todo o mundo. Eu vesti um encantador vestido cor-de-rosa para ficar ainda mais linda e fui saltitando para a escola, onde a professora me disse que eu era a pessoa mais adorável que já tinha visto, e me deu um presente especial, um pirulito que..." Nesse ponto me permito pegar emprestada uma página de um livro alheio, expressão que aqui significa "fazer uma coisa que alguém já fez antes". Se, por exemplo, alguém lhe dissesse que o melhor jeito de escrever um bilhete de agradecimento é comendo um biscoito cada vez que quiser escrever um, você poderia tomar emprestada uma página desse livro e deixar uma travessa de biscoitos à mão depois do seu aniversário, ou em qualquer outra data em que se costuma agradecer pelos presentes que ganhamos. Se uma garota dissesse a você que o melhor jeito de sair escondido de casa tarde da noite é se certificando de que

todos dormem, você

poderia tomar emprestada uma página do livro dela e misturar um sonífero no cafezinho servido depois do jantar e escapulir pela hera plantada do lado de fora do seu quarto. Se você andou lendo esta história deplorável, então da próxima vez em que estiver dentro de um trailer descontrolado tome emprestada uma página de O escorregador de gelo e use uma combinação de substâncias pegajosas para jogar nas rodas e um drag chute, depois recupere do trailer diversas peças de roupa para se proteger do frio e dos mosquitos e se abrigue em uma caverna cheia de Escoteiros da Neve reunidos em volta de uma fogueira.

Eu vou pegar uma página do livro de Bruce, em que ele sugere que um contador de histórias só deve contar as partes interessantes e pular tudo o que possa ser maçante. Nem é

preciso dizer que os dois Baudelaire mais velhos desejavam pular essa parte maçante da sua própria história e sair da caverna para retomar a busca de Sunny. No entanto eles não podiam sair da caverna antes de conversar com o misterioso escoteiro de suéter, nem conversar com ele na frente dos outros. Portanto resignaram-se ao pé do fogo enquanto Carmelita Spats tagarelava sem parar sobre como ela era linda, inteligente, gracinha, e como todo mundo que ela conhecia lhe dizia que ela era adorável. Muito embora os Baudelaire tivessem de agüentar essas partes chatas da sua própria história, você não tem essa obrigação, por isso vou pular direto para depois da interminável história de Carmelita, do absurdo juramento que Bruce obrigou todo mundo a fazer um monte de vezes e da refeição de marshmallow que os escoteiros compartilharam com os Baudelaire. Também vou me furtar a contar o quanto foi desgastante para Violet e Klaus virar o rosto e erguer rapidamente a máscara para enfiar os marshmallows na boca antes que alguém os reconhecesse. Depois da longa e exaustiva jornada, as crianças teriam preferido uma ceia mais nutritiva e menos angustiante, mas essas partes da sua história não puderam ser puladas, portanto os Baudelaire aguardaram até que anoitecesse e todos os Escoteiros da Neve, com exceção do misterioso escoteiro de suéter, ficassem enjoados de marshmallow e fossem se deitar ao lado do Mastro da Primavera. Nem mesmo quando Bruce puxou mais um Juramento Alfabético como forma de dizer boa-noite, Violet e Klaus se atreveram a conversar com o escoteiro de suéter. Temiam que alguém pudesse ouvi-los, por isso aguardaram curiosos e ansiosos a fogueira se apagar e a caverna reverberar ao som dos roncos dos Escoteiros da Neve. Mas novamente tomo emprestada uma página do livro de Bruce e pulo para a próxima coisa interessante que aconteceu. E aconteceu muito, muito tarde da noite, na hora em que a maior parte das coisas interessantes acontecem nas histórias e

muita gente não vê porque está dormindo ou se escondendo no armário das vassouras em uma fábrica de mostarda, disfarçada de pá de lixo para enganar a vigilante noturna.

Na hora mais escura daquele dia escuro, tão tarde que os Baudelaire já tinham quase desistido de continuar acordados, ainda mais depois de um dia tão exaustivo, os irmãos sentiram um toque em seus ombros. Sem demora eles se viraram e encararam o rosto mascarado do escoteiro de suéter.

"Venham comigo", disse o garoto em um tom de voz muito baixo. "Conheço um atalho que leva à base de operações." E claro que essa foi uma parte bastante interessante da história.



CAPÍTULO

Cinco

Quando você tem muitas perguntas na cabeça e, de repente, surge uma oportunidade de fazê-las, as perguntas tendem a se amontoar e tropeçar umas nas outras, mais ou menos como os passageiros de um trem lotado que chega a uma estação movimentada. Com Bruce e os Escoteiros da Neve adormecidos, os dois Baudelaire finalmente tiveram oportunidade de conversar com o escoteiro de suéter, mas não achavam jeito de fazer as perguntas com clareza.

"Como...", começou Violet, mas a pergunta "Como você sabia que éramos os Baudelaire?" tropeçou na pergunta "Quem é você?" e foi de encontro a "Você faz parte de C.S.C.?" e "Afinal, o que quer dizer C.S.C.?"

"Você...", disse Klaus, mas a pergunta "Você sabe onde está a nossa irmã?" tropicou na pergunta "Você sabe se um dos nossos pais está vivo?", que já estava brigando com "Como fazemos para chegar à base de operações?" e "Será que um dia minhas irmãs e eu vamos encontrar um lugar seguro para viver sem que o conde Olaf e sua trupe fiquem engendrando planos e mais planos para roubar nossa fortuna?", muito embora o Baudelaire do meio soubesse que era muito improvável que essa pergunta fosse respondida.

"Estou certo de que vocês têm uma série de dúvidas", sussurrou o garoto misterioso,

"mas não podemos conversar aqui. Bruce tem sono leve, e já causou problemas suficientes para C.S.C., mesmo sem conhecer nossos segredos. Prometo que responderei a todas as perguntas, mas primeiro temos de chegar à base de operações. Venham!"

Sem mais palavra, o escoteiro de suéter se virou e os Baudelaire viram que em sua mochila estava inscrita a mesma insígnia que tinham visto no Parque Caligari. À primeira vista parecia ser apenas um olho, mas as crianças tinham descoberto que sob o desenho se escondiam as iniciais C.S.C. Assim que o escoteiro começou a andar, os dois irmãos descartaram seus cobertores e se puseram a segui-lo. Mas ele não os conduziu na direção da entrada, e sim para o fundo da caverna, onde estivera a fogueira dos Escoteiros da Neve. Agora ela não passava de uma pilha de cinzas escuras, cujo cheiro de fumaça ainda pairava quente no ar. O escoteiro enfiou a mão no bolso e sacou uma lanterna.

"Eu esperei o fogo se apagar antes de mostrar isso aqui a vocês", disse ele, e, com uma rápida olhadela para os escoteiros adormecidos, dirigiu o facho de luz para o alto da caverna.

"Olhem."

Violet e Klaus olharam e viram que havia um buraco no teto, suficiente para uma pessoa passar apertado. As últimas volutas de fumaça da fogueira subiam para o buraco. "Uma chaminé", murmurou Klaus. "É por isso que a fumaça da fogueira não tomou a caverna."

"O nome oficial é Caminho Secundário das Chamas", sussurrou o escoteiro. "Serve de chaminé e de passagem secreta. Vai dessa caverna até o Vale das Correntezas que Sopram Constantes. Se formos pela passagem, chegaremos à base de operações muito antes do que se escalássemos a montanha por fora. Anos atrás havia um mastro de metal que descia pelo centro do buraco para que as pessoas pudessem escorregar por ele e se esconder aqui em caso de emergência. O mastro já não existe, mas quem sabe os apoios para os pés ainda estejam nas laterais de pedra." Ele dirigiu o facho de luz para a parede da caverna e os Baudelaire puderam ver duas fileiras de buracos entalhados nas paredes, perfeitos para firmar os pés e as mãos.

"Como você sabia disso?", perguntou Violet.

O escoteiro olhou para ela e pareceu dar um sorriso por trás da máscara. "Eu li em um livro chamado Fenômenos notáveis das Montanhas de Mão-Morta', disse ele.

"Esse título me soa familiar", disse Klaus.

"É bem possível que você o conheça", retrucou o escoteiro. "Peguei emprestado da biblioteca do dr. Montgomery."

O dr. Montgomery fora um dos primeiros tutores dos Baudelaire, e, ao ouvir seu nome, Violet e Klaus se deram conta de que tinham outra remessa de perguntas que gostariam de fazer.

"Quando...", começou Violet.

"Por quê...", começou Klaus.

"Carme..." Uma voz surpreendeu os Baudelaire e o escoteiro, a voz de Bruce, que tinha acordado com o som da conversa. As três crianças ficaram paralisadas por um momento, enquanto o líder dos escoteiros se virava embaixo do cobertor e com um longo suspiro adormecia de novo.

"Conversaremos quando chegarmos à base de operações", sussurrou o escoteiro. "No Caminho Secundário das Chamas qualquer som ecoa, portanto teremos de ficar em silêncio absoluto enquanto subimos. Se os ruídos chegarem aos ouvidos de Bruce e dos escoteiros, eles vão acordar. Como é muito escuro lá dentro, vocês vão ter de tatear a parede para encontrar os apoios para os pés. E a atmosfera vai estar muito enfumaçada, por isso é preciso que vocês continuem com as máscaras que filtram o ar. Eu vou na frente para mostrar o caminho. Estão prontos?"

Violet e Klaus se entreolharam. Muito embora não pudessem ver seus rostos por trás das máscaras, os irmãos sabiam que não estavam nem um pouco prontos. Seguir uma pessoa estranha por uma passagem secreta rumo a uma base de operações que eles nem sabiam se existia não parecia uma coisa muito segura para fazer. Da última vez em que concordaram em partir em condições semelhantes, sua irmãzinha fora raptada. O que aconteceria dessa vez, quando estavam com uma misteriosa figura mascarada em um buraco escuro e enfumaçado?

"Sei que deve ser difícil confiar em mim depois que tantas pessoas lhes fizeram mal", disse o escoteiro de suéter.

"Você pode nos dar uma razão para confiar em você?", disse Violet. O escoteiro olhou para baixo um instante e depois se virou para os dois Baudelaire. "Um de vocês mencionou a palavra 'xenófilo' quando estava conversando com Bruce sobre aquele juramento bobo", disse ele. "'Xenófilo' significa alguém que gosta de estrangeiros."

"Ele está certo", murmurou Klaus para a irmã.

"Sei que o fato de ter um bom vocabulário não garante que eu seja uma boa pessoa", disse o menino. "Mas significa que já li muita coisa. E, segundo a minha experiência, a probabilidade de uma pessoa lida ser má é pequena."

Violet e Klaus se entreolharam. Nenhum deles estava inteiramente convencido do que o escoteiro mascarado tinha dito. Existem, é claro, inúmeras pessoas más que leram muitos livros, assim como há inúmeras pessoas bondosas que gastaram o seu tempo de outra forma. Mas havia alguma verdade no que o menino dissera, e eles tinham de admitir que seria melhor se arriscar com um estranho que sabia o significado da palavra "xenófilo" do que sair da caverna e tentar encontrar a base de operações sem a ajuda de ninguém. Assim, os Baudelaire se voltaram para o escoteiro, sinalizaram que podiam continuar e o seguiram na procura dos apoios para os pés, não sem antes se certificar de que ainda traziam consigo as peças de roupa

que pegaram no trailer. Os apoios eram muito práticos e fáceis de usar, e em pouco tempo os Baudelaire estavam adentrando a escura e enfumaçada passagem.

O Caminho Secundário das Chamas, que conectava a base de operações àquela antiga caverna dos Caçadores de Segredos Criminais, já tinha sido um dos maiores segredos do mundo. Qualquer pessoa que quisesse passar por ele tinha de responder corretamente a uma série de perguntas sobre a força da gravidade, os hábitos das bestas carnívoras e os temas centrais dos romances russos, portanto muito pouca gente sabia a localização exata do desfiladeiro. Desde que um camarada meu retirou o mastro da passagem para usá-lo na construção de um submarino, ninguém mais tinha passado por ali. Até que os Baudelaire começaram a subir atrás do escoteiro de suéter.

Portanto, seria correto afirmar que Caminho Secundário das Chamas era o caminho menos percorrido, menos ainda que o caminho por entre as Montanhas de Mão-Morta, onde este livro começou.

Embora os Baudelaire tivessem uma boa razão para estar no caminho menos percorrido, porque afinal precisavam chegar à base de operações e salvar a irmã das garras do conde Olaf, não existe nenhuma razão para você estar no caminho menos percorrido junto com eles e prosseguir na leitura deste lamentável capítulo. O ar saturado de fumaça que subia da fogueira dos Escoteiros da Neve era difícil de respirar, mesmo com máscara, e Violet e Klaus tiveram de lutar contra a tosse, pois sabiam que dentro daquela passagem qualquer som ecoaria, e não queriam acordar Bruce. E embora eles tenham lutado contra a coceira na garganta, você não precisa lutar contra a desolação e continuar lendo a triste descrição desse problema. Diversas aranhas tinham percebido que os apoios não vinham sendo usados nos últimos tempos, e resolveram convertê-los em condomínios aracnídeos, mas você não tem obrigação de ler o que acontece quando aranhas são subitamente despertadas pela aparição de um pé em sua residência. E quanto mais os Baudelaire seguiam o escoteiro, mais sentiam os fortes ventos congelantes do topo da montanha soprarem furiosos desfiladeiro afora, e os três jovens se agarraram nos apoios como quem se agarra à vida, na esperança de que o vento não os soprasse de volta à caverna. Mas embora os Baudelaire achassem necessário continuar a escalar até

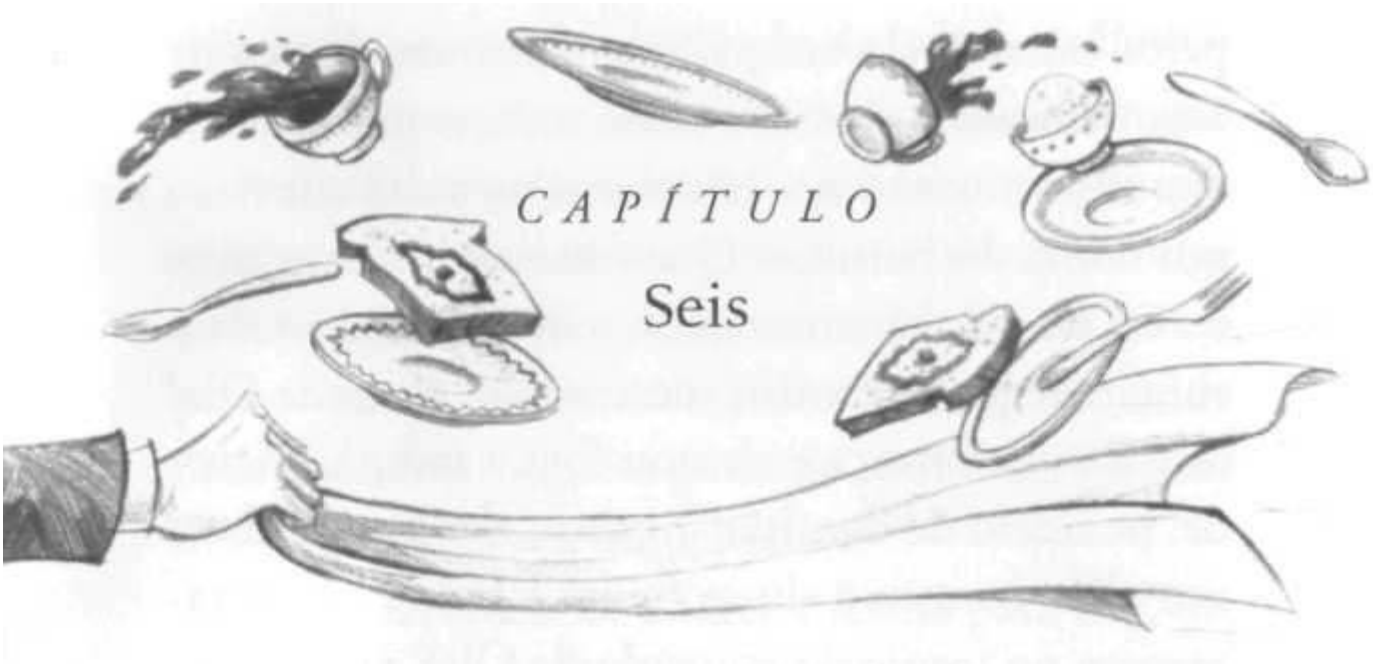
quando fosse necessário para chegar o mais depressa possível à base de operações, e embora eu ache necessário descrever essa escalada até o fim para que o meu relato seja o mais fiel e completo possível, não é necessário que você acabe de ler o resto deste capítulo para se sentir o mais miserável possível. Minha descrição da jornada dos Baudelaire pelo caminho menos percorrido começa na próxima página,

mas imploro a você que não o percorra com eles. Em vez disso, pegue emprestada uma página do livro de Bruce, pule para o capítulo seis e leia o relato das venturas de Sunny — palavra que aqui significa "oportunidades de bisbilhotar a trupe de Olaf enquanto cozinha para eles" — ou então pule direto para o capítulo sete, em que os Baudelaire mais velhos chegam à base de operações de C.S.C, e desmascaram o estranho que os levou até

lá. Ou então você pode trilhar o caminho menos percorrido e largar este livro de uma vez, gastando o seu tempo em algo melhor do que terminar de ler uma infeliz narrativa e se transformar em uma pessoa cansada, melancólica e lida.

A escalada dos Baudelaire pelo Caminho Secundário das Chamas foi tão sombria e traiçoeira que não basta escrever: "A escalada dos Baudelaire pelo Caminho Secundário das Chamas foi tão sombria e traiçoeira que não basta escrever: 'A escalada dos Baudelaire pelo Caminho Secundário das Chamas foi tão sombria e traiçoeira que não basta escrever: "Minha querida irmã, corro grave risco ao esconder uma carta para você dentro de um livro, mas tenho certeza de que até mesmo as pessoas mais melancólicas e lidas do mundo acharam o relato das vidas dos Baudelaire ainda mais miserável do que eu prometera, portanto esse livro irá ficar nas prateleiras das livrarias, totalmente ignorado, aguardando que você o abra e encontre esta

Lemony Snicket



mensagem. Como precaução, acrescentei ao livro um aviso de que o resto do

capítulo contém uma descrição da miserável escalada dos Baudelaire pelo Caminho Secundário das Chamas, assim qualquer um que tenha coragem de ler essa descrição deverá também ser valente o bastante para ler esta minha carta para você.

Descobri o paradeiro da prova que irá limpar a minha barra, uma frase que aqui significa

"provar às autoridades que foi o conde Olaf, e não eu, quem provocou os incêndios". Muitos anos atrás, naquele piquenique, você sugeriu que um aparelho de chá seria um excelente lugar para esconder coisas importantes e pequenas, caso algum dia eu viesse a precisar, e você estava correta. (Por sorte, a outra sugestão que você me deu, no mesmo piquenique, de que manga fatiada, feijão-preto e aipo picadinho, com um toque de pimenta-do-reino, suco de limão-galego e azeite de oliva resulta em uma deliciosa salada, também revelou estar correta.) Estou agora a caminho do Vale das Correntezas que Sopram Constantes, a fim de continuar a minha pesquisa sobre o caso Baudelaire. Tenho esperanças de recuperar a supracitada prova. E evidente que já não posso recuperar minha felicidade, mas ao menos poderei limpar o meu nome. Da base de operações de C.S.C., rumarei para o Hotel Desenlace. Pretendo chegar lá por volta de... Bem, não seria sensato imprimir a data, mas você há de se lembrar do aniversário de Beatrice. Encontre-me no hotel. Tente conseguir para nós um quarto sem cortinas feias".

Respeitosamente,

Lemony Snicket

P.S. Substituir o aipo por palmito picadinho também dá certo.

Durante a madrugada, enquanto os dois Baudelaire mais velhos procuravam os degraus do Caminho Secundário das Chamas para escalar — e, sinceramente, espero que você não tenha lido a descrição dessa jornada —, a mais jovem dos Baudelaire viu-se exposta a um tipo diferente de problema com os pés. Sunny não apreciara muito a longa e fria noite no Cume das Aflições. Se você já dormiu em um prato de forno no ponto mais alto de uma cadeia de montanhas, sabe que esse não é um lugar dos mais confortáveis, mesmo que tenha usado um pano de prato como cobertor. Durante toda a noite, os gélidos ventos da montanha invadiram o prato pelos buracos da tampa, e os enormes dentes de Sunny bateram de frio a noite toda, o que lhe rendeu alguns cortes nos lábios e uma noite em claro por conta do barulho. Quando os primeiros raios do sol da manhã amornaram o interior da panela o suficiente para permitir um cochilo, o conde Olaf saiu da sua barraca e chutou fora a tampa.

"Acorde, pesadelo de dentista!", gritou ele. Sunny abriu um olho exausto e viu-se frente a frente com a tatuagem no tornozelo esquerdo de Olaf, visão que a fez se arrepender de ter aberto os olhos.

Aquela tatuagem de olho dava a Sunny a impressão de ter sido observada desde aquele dia na Praia de Sal, quando ela e seus irmãos souberam do terrível incêndio que destruíra seu lar. O conde Olaf tentara várias vezes ocultar aquele olho para que as autoridades não o reconhecessem, mas as crianças sempre davam um jeito de fazê-la vir à tona por trás de seus ridículos disfarces. Os Baudelaire tinham visto o olho em diversos lugares além do tornozelo de Olaf: no consultório de um hipnotizador maligno, numa tenda de parque de diversões, na bolsa de Esmé Squalor e num colar de uma misteriosa cartomante. Era como se o olho tivesse substituído os olhos dos pais dos Baudelaire, porém, em vez de tomar conta deles, o olho permanecia indiferente às suas desventuras. Se observado de perto, o olho revelaria as letras C.S.C., ocultas sob o desenho, e isso lembrou Sunny de todos os segredos sinistros que cercavam os três irmãos e de como estavam longe de entender aquela teia de mistério. Mas é difícil pensar em mistérios e segredos ao acordar, ainda mais quando há alguém gritando com você, e Sunny se voltou para o seu seqüestrador.

"Você vai cozinhar e fazer a faxina para nós, órfã", disse o conde Olaf, "e pode começar pelo café-da-manhã. Temos um grande dia pela frente, e uma boa refeição nos dará energia para cometer crimes execráveis."

"Plakna?", perguntou Sunny, o que queria dizer: "Como vou preparar um café-da-manhã

no topo de uma montanha gelada?". E tudo o que obteve como resposta foi um sorriso repulsivo do conde Olaf.

"Pena que o seu cérebro não seja tão grande quanto os seus dentes, macaquinha", disse ele. "Você está falando bobagem, como de costume."

Sunny suspirou, frustrada porque não havia ninguém no alto das Montanhas de Mão-Morta que compreendesse o que ela queria dizer. "Trado", disse ela, o que queria dizer: "Só

porque você não entende uma coisa, isso não quer dizer que ela seja uma bobagem".

"Lá vem você com esse tatibitate", disse Olaf, e jogou as chaves do carro para Sunny.

"Pegue as compras no porta-malas."

Sunny pensou de repente em algo que poderia alegrá-la um pouquinho. "Paposafo", disse ela, e esse era o seu modo de dizer: "Já que você não entende o que eu digo, posso falar qualquer coisa, mesmo que seja contra você".

"Já estou ficando muito cansado dessa sua ridícula deficiência oral", disse Olaf.

"Brummel", disse Sunny, o que queria dizer "Na minha opinião, você precisa desesperadamente de um banho, e a sua roupa está um horror".

"Fique quieta, já!", ordenou Olaf.

"Busheney", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa na linha de "Você é um homem mau que não se preocupa nem um pouco com as outras pessoas".

"Cale a boca!", rugiu o conde Olaf. "Cale a boca e comece a cozinhar!" Sunny deixou o prato de forno e ficou em pé, com os olhos baixos para que o vilão não reparasse que ela sorria. É claro que não é bonito caçoar das pessoas, mas a jovem Baudelaire achou que não seria um problema curtir uma piadinha às custas de um homem tão sanguinário e malvado. Foi andando para o carro de Olaf em um passo saltitante, uma expressão que aqui significa "de um jeito alegre demais para quem estava nas garras de um vilão impiedoso, no topo de uma montanha fria a ponto de congelar uma queda d'água".

Mas quando Sunny Baudelaire abriu o porta-malas do carro, o que se congelou foi seu sorriso. Em circunstâncias normais, não é seguro guardar gêneros alimentícios no porta-malas durante extensos períodos de tempo, pois alguns alimentos podem se deteriorar sem a devida refrigeração. Porém o que Sunny constatou não foi falta, mas excesso de refrigeração. Uma fina camada de gelo se depositara sobre todos os produtos, e Sunny teve de enxugar o gelo com as mãos para visualizar o que ia preparar para os vilões. Embora houvesse uma variedade de alimentos roubados do parque de diversões por Olaf, nenhum deles estava em condições para se transformar num bom café-da-manhã. Havia um saco de grãos de café embaixo de um lançador de arpões e de um bloco de espinafre, mas não havia como moer os grãos para preparar o café. Perto de uma cesta de piquenique e de um saco de cogumelos havia um frasco de suco de laranja, mas ele estava muito perto de um dos buracos de bala do porta-malas, e congelara por completo. Só depois que Sunny passou ao lado de três pedaços de queijo gelado, uma grande lata de tremoço e uma berinjela do tamanho dela, é que encontrou um pequeno pote de geléia de amora e

um pão que poderia ser usado para fazer torradas, muito embora, com o frio, mais parecesse uma tora de lenha que um ingrediente de café-da-manhã.

"Acordem!", Sunny espiou para fora do porta-malas e viu o conde Olaf gritando pela porta de uma das barracas. "Vistam-se para o café-da-manhã!"

"Não podemos dormir por mais dez minutos?", perguntou a voz lamentosa do homem de mãos de gancho. "Eu estava tendo um lindo sonho sobre espirrar sem cobrir o nariz e a boca, transmitindo germes para todo mundo."

"De jeito nenhum!", retrucou Olaf. "Vocês têm um monte de trabalho para fazer."

"Mas Olaf", disse Esmé Squalor, emergindo da barraca que compartilhava com seu namorado vil. Ela usava um robe comprido e um par de chinelos felpudos, e seu cabelo estava cheio de bobes. "Preciso de um tempinho para escolher o que vou vestir. Não é in tocar fogo em uma base de operações sem as roupas adequadas para a ocasião."

Sunny engoliu em seco dentro do porta-malas. Sabia que Olaf estava ansioso por chegar à base de operações de C.S.C., rápido, a fim de acabar com alguma evidência crucial. Mas o que ela não pôde imaginar é que ele iria combinar essa procura por evidências com a sua habitual piromania, uma palavra que aqui significa "amor pelo fogo, usualmente produto de uma mente desequilibrada".

"Não entendo por que você precisa de tanto tempo", foi o que ele respondeu à sua namorada. "Eu uso a mesma roupa por semanas, a não ser quando estou disfarçado, e a minha aparência é insuportavelmente linda. Você tem alguns minutos antes de o café-da-manhã ficar pronto. A lentidão no serviço é uma das desvantagens de ter bebês como escravos." Olaf se dirigiu até o carro e deu uma espiada em Sunny, que ainda não tinha conseguido agarrar o pão.

"Ande logo, bocuda", rosnou ele para Sunny. "Preciso de uma boa refeição quente para aliviar a friagem da madrugada."

"Impossi!", exclamou Sunny. Com "Impossi" ela queria dizer: "Para preparar uma refeição quente sem eletricidade eu precisaria de fogo, e esperar que um bebê acenda fogo sozinho no topo de uma montanha nevada é cruelmente impossível e impossivelmente cruel", mas Olaf apenas fechou a cara.

"Esse tatibitate já está começando a me incomodar", disse ele.

"Higiene", disse Sunny, para se sentir um pouco melhor. Ela queria dizer alguma coisa do gênero de: "Além disso, você deveria ter vergonha de usar a mesma roupa por semanas a fio sem lavar", mas Olaf apenas fez uma careta e voltou para sua barraca. Sunny olhou para os ingredientes frios e raciocinou. Mesmo que tivesse idade suficiente para acender o fogo sozinha, ficava nervosa quando estava perto de fogo, desde o incêndio na mansão Baudelaire. Mas ao pensar nisso ela se lembrou de uma coisa que sua mãe lhe dissera uma vez. Estavam ambas na cozinha — a mãe de Sunny preparava um almoço formal, enquanto ela derrubava um garfo pela enésima vez no chão para ouvir o ruído que fazia. O almoço deveria começar a qualquer minuto, e a mãe de Sunny estava preparando uma salada de manga fatiada, feijão-preto e aipo picadinho, temperada com pimenta-do-reino, suco de limão-galego e azeite de oliva. "Essa não é uma receita muito complicada", dissera a mãe, "mas se eu arrumar a salada muito direitinho em pratos elegantes, as pessoas vão pensar que passei o dia todo cozinhando. A apresentação da comida pode ser tão importante quanto a própria comida." Pensando no que sua mãe havia dito, Sunny abriu a cesta de piquenique que estava no porta-malas de Olaf e descobriu um jogo de pratos elegantes, adornados com a familiar insígnia do olho, e um pequeno aparelho de chá. Ela arregaçou as mangas — uma expressão que aqui significa

"concentrou-se no que estava fazendo, mas não chegou a arregaçar as mangas de fato, porque estava muito frio" — e pôs mãos à obra, enquanto os vilões faziam as primeiras tarefas do dia.

"Vou usar esses cobertores como toalha de mesa", Sunny ouviu o conde Olaf dizer de dentro da barraca, por cima do barulho que os seus próprios dentes faziam enquanto trabalhavam.

"Boa idéia", ouviu Esmé responder. "É muito in jantar al fresco."

"O que quer dizer isso?", perguntou Olaf.

"Quer dizer 'do lado de fora", explicou Esmé. 'Está na moda fazer as refeições ao ar livre."

"Eu sabia o que queria dizer", retrucou o conde Olaf. "Estava só conferindo se você

sabia."

"Ei, patrão", chamou Hugo da outra barraca. Colette não quer repartir o fio dental comigo."

"Não há nenhuma razão para usar fio dental", disse Olaf, "a não ser que se esteja tentando estrangular alguém."

"Kevin, quer me fazer um favor?", perguntou o homem de mãos de gancho, enquanto Sunny se esforçava para abrir um frasco de suco. "Venha me ajudar a pentear o cabelo. Os ganchos tornam as coisas mais difíceis."

"Tenho inveja dos seus ganchos", replicou Kevin. "Não ter mãos é melhor do que ter duas mãos igualmente fortes."

"Não seja ridículo", reagiu uma das mulheres de cara branca. "Ter uma cara branca é pior do que a situação de qualquer um de vocês."

"Mas vocês têm a cara branca porque se maquiam", disse Colette, enquanto Sunny escalava o porta-malas para se ajoelhar na neve. "Agora mesmo você está usando pó-de-arroz."

"Será que toda santa manhã tem que ter discussão?", perguntou o conde Olaf, e saiu da barraca pisando duro, com um cobertor com estampa de olhos na mão. "Alguém pegue esse cobertor, estenda naquela pedra chata ali e ponha a mesa."

Hugo saiu da barraca e sorriu para o patrão. "Com todo prazer", disse. Depois de vestir um agasalho de neve vermelho-vivo, Esmé passou o braço em volta de Olaf. "Dobre o cobertor em triângulo", ela ordenou a Hugo. "É o jeito in de fazer."

"Sim, senhora", disse Hugo, "e se não se importa que eu diga, seu agasalho de neve é

muito bonito."

A vil namorada de Olaf girou o corpo para mostrar o agasalho de todos os ângulos. Sunny ergueu os olhos do seu trabalho e notou que havia uma letra B costurada nas costas do agasalho, junto com o emblema do olho. "Fico feliz que você tenha gostado", disse Esmé. "Foi roubado."

Olaf percebeu que Sunny observava Esmé e rapidamente se colocou na frente da sua namorada. "O que está olhando, dentuça?", perguntou ele. "Já preparou nosso café-da-manhã?"

"Ainda", respondeu Sunny.

"Esse bebê só fala coisas sem pé nem cabeça", disse Hugo. "Não é à toa que nos enganou, parece mesmo uma aberração de parque de diversões."

Sunny suspirou, mas ninguém ouviu por causa das ruidosas e desdenhosas gargalhadas da trupe de Olaf. Um a um, os desprezíveis empregados do vilão emergiram da barraca e se aproximaram da pedra onde Hugo havia estendido o cobertor. Uma das mulheres de cara branca lançou um sorrisinho para Sunny, mas ninguém se ofereceu para ajudar com os últimos preparativos do café-da-manhã nem para pôr na mesa os pratos estampados com olhos. Em vez disso, ficaram tagarelando e rindo em volta da pedra, até Sunny lhes servir a comida muito bem arranjada na bandeja em forma de olho que tinha encontrado na cesta de piquenique. Muito embora estivesse preocupada com seus irmãos e nas garras de um homem vil, ela não pôde deixar de se orgulhar quando o conde Olaf e seus comparsas olharam admirados para a refeição que ela preparara.

Sunny tinha em mente o que sua mãe lhe dissera sobre a apresentação ser tão importante quanto a própria comida, e organizara um adorável café-da-manhã, apesar das circunstâncias difíceis. Primeiro ela abriu um frasco de suco de laranja congelado e, com uma colher, raspou o bloco gelado em cada prato, produzindo uma deliciosa raspadinha de laranja, a elegante sobremesa que se serve em grandes jantares e bailes a fantasia. Depois lavou a boca com neve derretida e triturou alguns grãos de café com os dentes. Colocou um pouquinho do pó

em cada taça e acrescentou um pouco de neve derretida, o que resultou num iced coffee, uma bebida deliciosa que saboreei pela primeira vez na Tailândia, durante uma viagem que fiz para entrevistar um motorista de táxi. Enquanto a mais jovem Baudelaire preparava essas receitas, o pão descongelava debaixo de sua camisa, e quando as fatias chegaram ao ponto de ser comidas, colocou uma em cada prato e espalhou uma camada em forma de olho de geléia de framboesa sobre elas. O toque final foi decorar a mesa com um ramalhete de hera que Olaf dera de presente a Esmé há pouco tempo. A hera ajudaria na apresentação da comida, como peça de centro, expressão que aqui significa "decoração colocada no centro de uma mesa para desviar a atenção das pessoas da comida". Raspadinha de laranja e iced Coffee não são normalmente servidos em cafés-da-manhã al fresco, no alto de picos gelados, e o pão em que se coloca geléia costuma ser torrado, especialmente em países e lugares frios, mas, na falta de uma fonte de calor ou qualquer outro equipamento de cozinha, Sunny fez o melhor possível, e esperava que os vilões apreciassem os seus esforços.

“Caffe fredde, sorbet, toast tartar", anunciou ela.

"O que é isso?", disse o conde Olaf desconfiado, olhando para dentro da sua xícara de café. "Parece café, mas está completamente gelado!"

"E que negócio de laranja é esse?", perguntou Esmé, desconfiada. "Quero comida in, e não um punhado de gelo!"

Colette pegou um pedaço de pão e olhou desconfiada para ele. "Essa torrada não parece torrada", disse. "É seguro comê-la crua?"

"Claro que não", disse Hugo. "Aposto que aquele bebê está tentando nos envenenar."

"Na verdade, o café não está ruim", disse uma das mulheres de cara branca, "embora esteja um pouco amargo. Alguém me passe o açúcar, por favor?"

"Açúcar?", guinchou Olaf, furioso. Ele se pôs em pé, agarrou uma ponta do cobertor e puxou o mais forte que pôde, esparramando todo o trabalho duro de Sunny. Comida, bebidas e pratos voaram para todos os lados, e Sunny teve de se agachar para não ser atingida na cabeça por um garfo. "Todo o açúcar do mundo não será capaz de salvar esse horrendo café-da-manhã!", rugiu, e depois se curvou para que os seus olhos muito, muito brilhantes encontrassem os de Sunny. "Eu disse para você preparar um café-da-manhã bom e quente, e você me apresenta uma gororoba nojenta e fria!", disse ele, liberando seu bafo malcheiroso no ar gelado. "Sua pequena selvagem dentes-de-sabre, não percebe a que altitude estamos? Se eu a atirasse de cima do Cume das Aflições você jamais sobreviveria!"

"Olaf!", disse Esmé, "estou surpresa! Com certeza você não se esqueceu de que sem Sunny jamais conseguiremos pôr as mãos na fortuna Baudelaire. Temos de mantê-la viva em nome da causa maior."

"Sim, sim", disse o conde Olaf. "Eu sei. Não vou atirar a órfã daqui de cima. Só estava querendo aterrorizá-la." Ele dirigiu a Sunny um sorrisinho cruel, depois voltou-se para o homem de mãos de gancho. "Vá até aquela queda d'água congelada", disse ele, "e abra um buraco no gelo com o seu gancho. O arroio está cheio de salmões enamorados. Pesque o suficiente para todo mundo, e o bebê irá nos preparar uma refeição decente."

"Boa idéia, Olaf", disse o homem de mãos de gancho, caminhando para o escorregador de gelo. "Você é tão esperto quanto inteligente."

"Sakesushi", disse Sunny, o que queria dizer: "Não creio que vocês apreciem muito

o salmão se ele estiver cru".

"Pare com o seu tatibitate e lave os pratos", ordenou Olaf. "Estão sujos de comida nojenta."

"Sabe, Olaf", disse a mulher de cara branca que tinha pedido açúcar, "não é da minha conta, mas devíamos encarregar alguma outra pessoa da cozinha. Provavelmente é muito difícil para um bebê preparar um café-da-manhã quente sem fogo."

"Mas aqui há fogo", disse uma voz grave e profunda, e todos se voltaram para ver quem havia chegado.

Possuir uma aura ameaçadora é como possuir um gambá de estimação, pois é muito raro encontrar alguém que a possua, e quando você encontra, sente vontade de se esconder debaixo da mesa do café. Uma aura ameaçadora é simplesmente uma nítida sensação da presença do mal, e pouquíssimos indivíduos são suficientemente maus para possuir uma aura ameaçadora muito forte. O conde Olaf, por exemplo, possuía esse tipo de aura, e os três Baudelaire a sentiram no momento em que o conheceram. Mas inúmeras outras pessoas jamais perceberam a presença de um vilão, mesmo quando o conde Olaf estava bem ao lado delas com um brilho mau no olhar. Quando dois visitantes chegaram ao pico mais alto das Montanhas de Mão-Morta, a aura ameaçadora que carregavam ficou bastante evidente. Sunny engoliu em seco ao vê-los. Esmé Squalor estremeceu dentro de seu agasalho de neve. Todos os integrantes da trupe de Olaf, exceto o homem de mãos de gancho, ocupado em pescar salmões na hora em que os visitantes chegaram, baixaram os olhos. O próprio conde Olaf pareceu ficar um tantinho nervoso quando o homem, a mulher e a aura ameaçadora foram se aproximando cada vez mais. E até mesmo eu, depois de todo esse tempo, só de escrever sobre aquelas duas pessoas posso sentir essa aura ameaçadora com tanta intensidade que nem me atrevo a citar seus nomes. Em vez disso, vou me referir a eles do mesmo modo como todos os que se atrevem a se referir a eles o fazem, como "o homem com barba mas sem cabelo" e "a mulher com cabelo mas sem barba".

"E bom tornar a vê-lo, Olaf", continuou a voz profunda, e Sunny percebeu que era a voz da mulher sinistra. Ela usava uma roupa confeccionada com um estranho tecido azul muito brilhante, com dois grossos enchimentos nos ombros. Arrastava um tobogã de madeira — uma palavra que aqui significa "um trenó grande o suficiente para transportar diversas pessoas" — que produzia um ruído áspero contra o chão gelado. "Eu estava preocupada, imaginando que as autoridades poderiam tê-lo

capturado."

"Você parece bem-disposto", disse o homem com barba mas sem cabelo. Ele estava vestido do mesmo modo que a mulher com cabelo mas sem barba, porém sua voz era muito rouca, como se tivesse gritado por horas a fio e não conseguisse mais falar direito. "Faz um bom tempo desde que nos vimos pela última vez." O sorriso que o homem abriu para Olaf deixou o pico da montanha ainda mais frio. Em seguida parou de falar e ajudou a mulher a encostar o tobogã na pedra em que Sunny servira o café-da-manhã. A mais jovem dos Baudelaire viu que no tobogã estava pintado o familiar emblema do olho e havia umas correias compridas de couro, talvez usadas para conduzir.

Olaf tossiu de leve, coisa que às vezes as pessoas fazem quando não conseguem pensar em algo para dizer.

"Olá", disse ele meio nervoso. "Será que ouvi você dizer alguma coisa sobre fogo?" O homem com barba mas sem cabelo e a mulher com cabelo mas sem barba se entreolharam e soltaram uma gargalhada que fez Sunny tampar os ouvidos com as mãos. "Vocês não repararam", disse a mulher, "que não há mosquitos da neve por perto?"

"Nós reparamos", disse Esmé. "Achei que talvez eles não estivessem mais in."

"Não seja ridícula, Esmé", disse o homem com barba mas sem cabelo. Ele pegou a mão de Esmé e a beijou, e Sunny percebeu que ela tremia. "Os mosquitos não estão por perto porque sentiram o cheiro da fumaça."

"Não estou sentindo cheiro nenhum", disse Hugo.

"Bem, se você fosse um pequeno inseto, sentiria", retrucou a mulher com cabelo mas sem barba. "Se você fosse um mosquito da neve, sentiria o cheiro da fumaça que vem da base de operações de C.S.C."

"Nós fizemos um favor a você, Olaf", disse o homem. "Tocamos fogo em tudo aquilo."

"Não!", gritou Sunny, que não pôde se conter. Com "Não!" ela queria dizer: "Eu espero que isso não seja verdade, pois meus irmãos e eu esperávamos chegar até lá, resolver os mistérios que nos rodeiam e talvez encontrar um de nossos pais", mas ela não tinha planejado dizer isso em voz alta. Os dois visitantes baixaram os olhos para a jovem Baudelaire e lançaram aquela aura ameaçadora em sua direção.

"O que é isso?", perguntou o homem com barba mas sem cabelo.

"Isso é a mais jovem dos Baudelaire", respondeu Esmé. "Eliminamos os outros dois, mas estamos conservando esta aqui para nos assegurar de nossos direitos sobre a fortuna." A mulher com cabelo mas sem barba concordou com a cabeça. "Empregados bebês são muito inoportunos", disse ela. "Eu já tive um empregado bebê certa vez, muito tempo atrás, antes da cisão."

"Antes da cisão?", disse Olaf, e Sunny desejou que Klaus estivesse ali para lhe dizer o que significava a palavra "cisão". "Isso faz muito tempo. Aquele bebê já deve ser um adulto a essa altura."

"Não necessariamente", disse a mulher, e riu de novo, enquanto seu companheiro se curvava para examinar Sunny, que não conseguiu retribuir o olhar e baixou os olhos para os sapatos lustrosos do homem com barba mas sem cabelo.

"Esta é Sunny Baudelaire", disse ele em sua voz estranha e rouca. "Bem, bem, bem. Ouvi falar tanto desta pequena órfã. Ela já causou quase tantos problemas quanto seus pais." Ele endireitou o corpo e olhou para Olaf e sua trupe. "Mas nós sabemos como resolver problemas, não sabemos? O fogo resolve qualquer problema no mundo."

Ele começou a rir, e a mulher com cabelo mas sem barba riu junto. Nervoso, Olaf começou a rir também, e então dirigiu um olhar feroz para a sua trupe até eles começarem a rir, e num instante Sunny se viu cercada por vilões grandes e gargalhantes.

"Aquilo foi maravilhoso", disse a mulher com cabelo mas sem barba. "Primeiro nós tocamos fogo na cozinha, depois na sala de jantar. Então tocamos fogo na sala de visitas, na central de disfarces, na sala de projeção e nos estábulos. Passamos ao ginásio e ao centro de treinamento, à garagem, e todos os seis laboratórios. Tocamos fogo nos dormitórios e nas salas de aula, no saguão, no teatro e na sala de música, e também no museu e na sorveteria. Depois foi a vez das salas de ensaio, das centrais de testes e da piscina, que custou a pegar fogo. E por último os banheiros e a biblioteca de C.S.C. Essa foi a minha parte favorita — livros e mais livros, todos transformados em cinzas. Você devia estar lá, Olaf! Ateávamos fogo todas as manhãs, e todas as noites celebrávamos com uma garrafa de vinho e alguns fantoches de dedo. Usamos essas roupas à prova de fogo durante quase um mês. Foi maravilhoso!"

"Por que vocês não incendiaram tudo de uma vez só?", perguntou o conde Olaf. "É como costumo proceder."

"Não poderíamos ter feito isso na base de operações", disse o homem com barba mas sem cabelo. "Alguém teria nos detectado. Lembre-se, onde há fumaça, há fogo."

"Mas se vocês tocaram fogo sala por sala", disse Esmé, "os voluntários devem ter escapado."

"Eles já tinham ido embora", disse o homem, e coçou a cabeça no lugar onde deveria estar o cabelo. "A base de operações havia sido abandonada. Foi como se eles soubessem que estávamos para chegar. Mas tudo bem, não se pode ganhar todas."

"Talvez encontremos alguns deles quando incendiarmos o parque", disse a mulher em sua voz profunda, muito profunda.

"Parque?", perguntou Olaf, nervoso.

"Sim", disse a mulher, e coçou o lugar onde deveria estar a sua barba, se ela tivesse uma.

"Existe uma prova importante que C.S.C, escondeu em uma estatueta que foi vendida no Parque Caligari, portanto precisamos tocar fogo nele."

"Eu já fiz isso", disse o conde Olaf.

"No parque inteiro?", disse a mulher, surpresa.

"No parque inteiro", disse Olaf com um sorriso nervoso.

"Congratulações", disse ela em um profundo ronronar. "Você é melhor do que eu pensava, Olaf."

O conde Olaf pareceu aliviado, como se não tivesse certeza se a mulher iria congratulá-lo ou dar-lhe um pontapé. "Bem, é tudo em nome da causa maior", disse ele.

"Como recompensa", disse a mulher, "tenho um presente para você, Olaf." Sunny observou enquanto a mulher enfiava a mão no bolso da sua roupa reluzente e extraía um maço de papéis amarrado com um cordão. Os papéis pareciam muito velhos e desgastados, como se tivessem passado por muitas mãos diferentes conforme tinham

sido escondidos em diversos compartimentos secretos, e quem sabe tenham até sido divididos em várias pilhas quando transportados em carruagens através de uma cidade e reunidos novamente à meia-noite na sala dos fundos de uma livraria disfarçada de café disfarçado de loja de artigos esportivos. Os olhos do conde Olaf se arregalaram e brilharam muito, e ele estendeu suas mãos imundas para o maço de papel, como se fosse a própria fortuna Baudelaire que estivesse ali.

"O dossiê Snicket!", sussurrou ele.

"Está tudo aqui", disse a mulher. "Todos os gráficos, mapas e fotografias do único dossiê

que poderia nos mandar para a cadeia."

"Está completo, a não ser pela página treze", disse o homem. "Achamos que os Baudelaire furtaram essa página do Hospital Heimlich."

Os dois visitantes lançaram um olhar feroz para Sunny Baudelaire, que não conseguiu conter um choramingo de medo. "Migonão", disse ela, o que queria dizer alguma coisa no gênero de "Não está comigo, está com os meus irmãos", mas não precisou de um tradutor.

"Os órfãos mais velhos estão com ela", disse Olaf, "mas tenho quase certeza de que eles estão mortos."

"Então todos os nossos problemas viraram fumaça", disse a mulher com cabelo mas sem barba.

Olaf agarrou o dossiê e apertou-o contra o peito como se fosse um bebê recém-nascido, muito embora não fosse o tipo de pessoa que trata um recém-nascido com carinho. "Esse é o presente mais maravilhoso que eu já ganhei", disse. "Vou tratar de lê-lo agora mesmo."

"Vamos ler todos juntos", disse a mulher com cabelo mas sem barba. "O dossiê revela segredos que todos devíamos conhecer."

"Mas primeiro", disse o homem com barba mas sem cabelo, "tenho um presente para a sua namorada, Olaf."

"Para mim?", perguntou Esmé.

"Encontrei isso em uma das salas da base de operações", disse o homem. "Nunca tinha visto um desses antes, mas já faz um bom tempo que eu deixei de ser um voluntário." Com um sorriso matreiro, ele enfiou a mão no bolso e tirou de lá um tubinho verde.

"O que é isso?", perguntou Esmé.

"Acho que é um cigarro", disse o homem.

"Um cigarro!", exclamou ela com um sorriso tão grande quanto o de Olaf. "Que coisa mais in!"

"Imaginei que você fosse gostar", disse o homem. "Aqui está, experimente. Por sorte tenho alguns fósforos comigo."

O homem com barba mas sem cabelo riscou um fósforo, acendeu a ponta do tubinho verde e o ofereceu à perversa namorada de Olaf, que o levou à boca. O ar foi tomado por um cheiro forte, como o de legumes queimados, e Esmé Squalor começou a tossir.

"Qual é o problema?", perguntou a mulher. "Pensei que você gostasse de coisas in."

"E gosto", disse Esmé, tossindo mais um pouco, e Sunny lembrou-se do sr. Poe, que sempre tossia em seu lenço. Esmé deixou cair o tubinho verde no chão, de onde ele regurgitou uma fumaça verde-escura. "Adoro cigarros", explicou ela ao homem com barba mas sem cabelo,

"mas prefiro fumá-los com uma piteira comprida, porque não gosto do cheiro nem do gosto. E

porque cigarros fazem mal."

"Isso não importa agora", disse o conde Olaf, impaciente. "Vamos entrar na minha barraca e ler o dossiê." Ele começou a andar na direção da barraca, mas parou e lançou um olhar feroz para os seus comparsas, que o seguiam. "Vocês ficam aqui", disse. "Há segredos nesse dossiê que não quero que vocês conheçam."

Os sinistros visitantes começaram a rir, e seguiram o conde Olaf e Esmé para a barraca, fechando-a atrás de si. Sunny ficou com Hugo, Colette, Kevin e as duas mulheres de cara branca, olhando para os visitantes em silêncio, até que sua aura ameaçadora desaparecesse para dentro da barraca.

"Quem eram aquelas pessoas?", perguntou o homem de mãos de gancho assim que retornou da sua expedição pesqueira. Quatro salmões estavam pendurados em um dos seus ganchos, pingando água do Arroio Enamorado.

"Não sei", disse uma das mulheres de cara branca, "mas elas me deixam nervosa."

"Mas se são amigas do conde Olaf", disse Kevin, "devem ser bastante más." Os integrantes da trupe se entreolharam, mas ninguém comentou o que dissera o ambidestra. "O que aquele homem quis dizer quando disse 'Onde há fumaça, há fogo'?", perguntou Hugo.

"Não sei", disse Colette, e começou a se contorcer até ficar tão cheia de curvas quanto a fumaça do tubo verde que Esmé deixara cair.

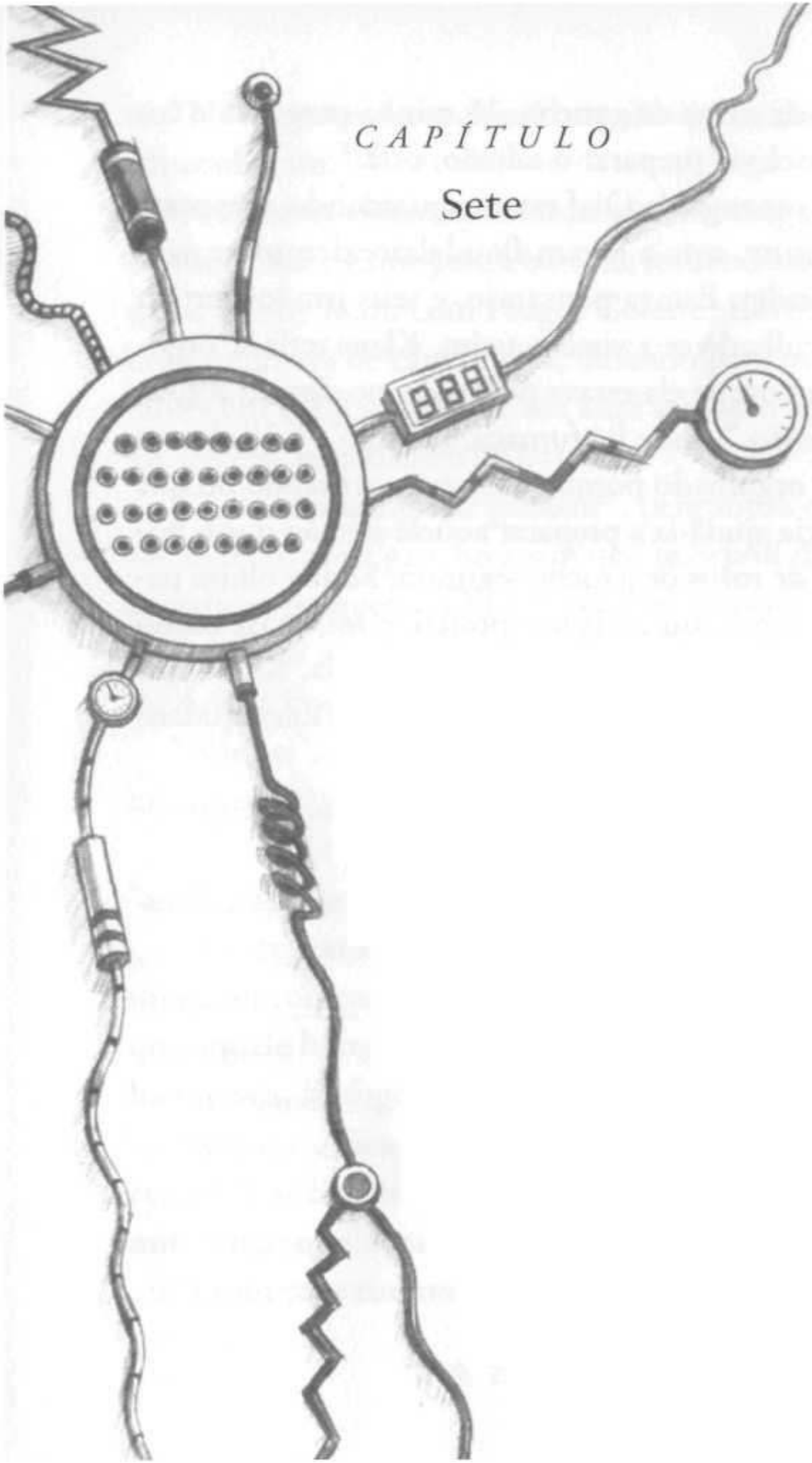
"Esqueçam todas essas perguntas", disse o homem de mãos de gancho. "A minha pergunta é como você vai preparar o salmão, órfã?"

O capanga de Olaf estava aguardando a resposta de Sunny, mas a jovem Baudelaire demorou para responder. Estava pensando, e seus irmãos teriam se orgulhado se a vissem assim. Klaus teria se orgulhado porque ela estava pensando no significado da expressão "Onde há

fumaça, há fogo". E Violet teria se orgulhado porque ela estava pensando no que poderia ajudá-la a preparar aquele salmão que o homem de mãos de gancho segurava. Sunny olhou para ele e pensou mais um pouco, e foi quase como se seus dois irmãos estivessem com ela, Klaus ajudando-a a pensar sobre a expressão e Violet ajudando-a a pensar numa invenção.

"Responda, bebê", rosnou o homem. "Como você vai preparar esse salmão para nós?"

"Lox!", disse Sunny, mas era como se os três Baudelaire juntos tivessem dado a resposta.



CAPÍTULO

Sete

Um associado meu escreveu certa vez um romance chamado Corredores do poder, que contava a história de diversas pessoas que discutiam como o mundo teria se tornado um lugar corrupto e perigoso, e se havia ou não um número suficiente de pessoas íntegras e decentes capazes de impedir que o planeta caísse em desespero. Passados vários anos ainda não li esse romance inteiro, porque participo de muitas discussões sobre como o mundo se tornou um lugar corrupto e perigoso e se há um número suficiente de pessoas íntegras e decentes capazes de impedir que o planeta inteiro caia em desespero, mesmo sem ler a respeito nas minhas horas de lazer. Mas ainda que eu não tenha lido o livro, a expressão "corredores do poder" veio a ser sinônimo de lugares muito discretos e muitas vezes secretos, onde assuntos importantes são discutidos. Sejam ou não corredores de fato, os corredores do poder tendem a se manter silenciosos e misteriosos. Se você já entrou em um edifício importante, como uma grande sucursal de biblioteca ou o consultório de um dentista que concorda em disfarçar os seus dentes, então já

vivenciou a sensação que acompanha os corredores do poder, e Violet e Klaus Baudelaire a vivenciaram assim que terminaram de percorrer o Caminho Secundário das Chamas e se puseram a seguir o misterioso escoteiro de suéter para fora da passagem secreta. Ainda que portassem máscaras, os dois irmãos sabiam que estavam em algum lugar importante, embora houvesse apenas um corredor curvo com uma pequena grade no teto por onde entrava a luz da manha.

"É por lá que escapa a fumaça da fogueira dos Escoteiros da Neve", sussurrou o escoteiro misterioso, apontando para o teto. "Aquilo conduz exatamente ao centro do Vale das Correntezas que Sopram Constantes, portanto a fumaça é dispersada aos quatro ventos. E C.S.C., não quer que ninguém veja a fumaça."

"Onde há fumaça", disse Violet, "há fogo." "Exatamente", disse o escoteiro. "Qualquer um que veja fumaça subindo de um lugar tão elevado pode desconfiar. Encontrei um dispositivo que funciona de acordo com esse princípio." Ele enfiou a mão na mochila e tirou de lá uma caixa retangular cheia de tubinhos verdes, iguais ao que Sunny vira o homem com barba mas sem cabelo entregar a Esmé Squalor.

"Não, obrigada", disse Violet. "Eu não fumo." "Nem eu", disse o escoteiro, "mas isso não são cigarros. São Cilindros Sempre-verdes Combustíveis. 'Sempre-verdes' são plantas que permanecem verdes mesmo no meio da neve e do frio. Esses dispositivos, quando acesos, por maior que seja o frio, liberam uma fumaça verde-escura que possibilita aos outros voluntários saber onde você está."

Klaus pegou a caixa das mãos do escoteiro e apertou os olhos para enxergar na luz pálida. "Já vi uma caixa dessas antes", disse ele, "em cima da mesa do meu pai. Eu procurava uma espátula de abrir cartas. Lembro de ter achado estranho, porque ele não fumava."

"Ele deve ter achado que lá era um bom esconderijo", disse Violet. "Mas por que fazer segredo disso?"

"Tudo o que se refere à organização é um segredo", disse o escoteiro. "Foi muito difícil descobrir o local secreto da base de operações."

"Foi difícil para nós também", disse Klaus. "Só conseguimos encontrá-la num mapa codificado."

"Eu tive de desenhar o meu próprio mapa", disse o escoteiro, e enfiou a mão no bolso do suéter. Ele acendeu um farolete, e os dois Baudelaire puderam ver que ele estava segurando um caderno de capa roxa-escura.

"O que é isso?", perguntou Violet.

"E um livro de lugar-comum", disse o escoteiro. "Sempre que encontro alguma coisa importante ou interessante, anoto aqui. Todas as minhas informações preciosas ficam registradas em um só lugar."

"Eu devia usar um desses", disse Klaus. "Meus bolsos já estão estufados de tanto papel."

"A partir de informações extraídas do livro do dr. Montgomery e alguns outros", disse o escoteiro, "consegui desenhar um mapa do caminho que deveria seguir a partir do ponto em que estamos agora." Ele abriu o caderno roxo e folheou algumas páginas até chegar a uma pequena porém elegante reprodução da caverna, do Caminho Secundário das Chamas e do corredor em que estavam. "Como podem ver", disse ele, correndo o dedo pelo desenho, 'a passagem se ramifica em duas direções."

"Esse mapa está muito bem traçado", disse Violet.

"Obrigado", retrucou o escoteiro. "Já me interessei por cartografia um tempo. Vejam, se formos para a esquerda encontraremos uma pequena área usada para armazenar trenós e agasalhos de neve, isso se o artigo de jornal que encontrei estiver certo. Mas se formos para a direita, chegaremos à porta com Cerramento Supravernacular

Complexo, que deve levar à

cozinha da base de operações. Poderemos dar de cara com a organização inteira tomando café-da-manhã."

Os dois Baudelaire se entreolharam por trás das máscaras, e Violet pousou a mão no ombro de Klaus. Eles não se atreveram a verbalizar as esperanças que tinham de que um de seus pais pudesse estar logo depois da esquina. "Vamos", sussurrou Violet. O escoteiro concordou em silêncio e seguiu na rente dos Baudelaire pelo corredor, que parecia cala vez mais frio. Àquela altura eles já estavam tão longe de Bruce e dos Escoteiros da Neve que não havia mais necessidade de cochichar, mas por causa de uma sensação muito comum transmitida pelos corredores do poder, as crianças se mantiveram caladas durante todo o percurso. Por fim chegaram a uma grande porta de metal com um dispositivo no lugar da maçaneta. O mecanismo lembrava um pouco uma aranha, com fios saindo em todas as direções, mas onde deveria ser a cabeça da aranha havia um teclado de máquina de escrever. Apesar da excitação por estar diante da base de operações, a mente inventiva de Violet se interessou imediatamente pelo estranho dispositivo, e ela se inclinou para observá-lo mais de perto.

"Espere", disse o escoteiro de suéter, detendo-a com o braço. "Essa é uma fechadura codificada. Se não a manusearmos do jeito certo não conseguiremos entrar."

"E como funciona?", perguntou Violet, com um pouco de frio.

"Não tenho certeza", admitiu o escoteiro, e pegou de novo o seu livro de lugar-comum. "O

sistema é chamado de Cerramento Supravernacular Complexo, portanto..."

"Portanto opera com linguagem", concluiu Klaus. "A palavra Vernacular' quer dizer 'uma linguagem local ou dialeto'. 'Supravernacular' deve indicar que vai além do vernacular. Mas ainda é um fechamento 'complexo', que é o mesmo que 'complicado'."

"E é complicado", disse Violet. "Está vendo como os fios estão enrolados em volta das dobradiças da porta? Eles estão travados, a não ser que você digite a seqüência certa de letras naquele teclado. Há mais letras do que números, portanto fica mais difícil alguém adivinhar a combinação da fechadura."

"Foi isso mesmo que eu li", confirmou o escoteiro, consultando uma página do seu

caderno. "E preciso digitar três senhas específicas em seqüência. As senhas mudam a cada estação, portanto os voluntários precisam ter um bocado de informações para abrir a porta. A primeira é o nome do cientista mais reconhecido como o descobridor da gravidade."

"Isso é fácil", disse Violet, e digitou S-I-R-I-S-A-A-C-N-E-W-T-O-N, o nome do físico que sempre admirou. Quando ela terminou de digitar, ouviram-se vários cliques abafados do teclado, como se o dispositivo estivesse esquentando.

"A segunda é o nome em latim dos detetives felinos conhecidos como Caçadores de Segredos Criminais", disse o escoteiro. "Encontrei a resposta no livro Fenômenos notáveis das Montanhas de Mão-Morta. A resposta é panthera leo." Ele se inclinou para a frente e digitou P-A-N-T-H-E-R-A-L-E-O. Um zumbido muito discreto do dispositivo foi ouvido, e as crianças viram que os fios nas dobradiças começavam a tremer.

"Está começando a destravar", disse Violet. "Espero ter uma oportunidade de estudar essa máquina."

"Mas antes vamos entrar na base de operações", disse Klaus. "Qual é a terceira senha?" O escoteiro suspirou e virou uma página do seu livro de lugares-comuns. "Não tenho certeza", admitiu. "Outro voluntário me disse que era o tema central do romance de Leon Tolstoi, Ana Karenina, mas ainda não tive a oportunidade de lê-lo."

Violet sabia que o seu irmão estava sorrindo, muito embora não pudesse ver seu rosto por trás da máscara. Ela estava se lembrando de um certo verão, muito tempo antes, em que Klaus era muito jovem e Sunny ainda não tinha nascido. A mãe dos Baudelaire costumava ler um livro muito grande a cada verão, e dizia brincando que erguer um grande romance era o único exercício adequado durante o calor. Naquele ano em que Violet estava pensando, a sra. Baudelaire escolhera Ana Karenina para ler, e Klaus sentava-se no colo da mãe por horas a fio enquanto ela lia. Ele aprendera a ler fazia pouco tempo, mas sua mãe o ajudava com as palavras difíceis e, de quando em quando, parava a leitura para contar o que estava acontecendo na história. Foi assim que Klaus e sua mãe leram a história de Ana Karenina, cujo namorado a tratava tão mal que ela acabou se jogando embaixo de um trem. Embora Violet tenha passado a maior parte daquele verão entre as leis da termodinâmica e a construção de uma miniatura de helicóptero com as peças de uma batedeira e fios de cobre, sabia que Klaus se lembraria do tema central de Ana Karenina.

"O tema central do livro", disse ele, "é que uma vida rural e simples, a despeito da

monotonia, é um tipo de narrativa pessoal preferível a uma vida audaciosa de paixão impulsiva, que só pode levar à tragédia."

"Esse tema está muito comprido", disse o escoteiro.

"O livro é muito comprido", retrucou Klaus. "Mas posso andar mais rápido. Uma vez eu e minhas irmãs conseguimos transmitir um telegrama comprido num instante."

"Pena que o telegrama nunca tenha chegado", disse baixinho o escoteiro, mas o Baudelaire do meio já estava apertando as teclas da porta com Cerra-mento Supravernacular Complexo. Ao digitar as palavras "uma vida rural", expressão que aqui significa "viver na roça", os fios começaram a se enrolar e desenrolar muito depressa, como minhocas numa calçada depois da chuva, e quando Klaus estava digitando "um tipo de narrativa pessoal preferível", uma frase que aqui significa "um jeito de viver a sua vida", a porta inteira tremeu como se estivesse tão nervosa quanto os Baudelaire. Por fim Klaus digitou "T-R-A-G-É-D-I-A", e as três crianças deram um passo atrás. Mas em vez de se abrir, a porta parou de tremer, os fios pararam de se mexer e o corredor ficou em silêncio total.

"Não funcionou", disse Violet. "Talvez esse não seja o tema central de Ana Karenina de Leon Tolstoi."

"Parecia estar funcionando, até a última palavra", disse o escoteiro.

"Talvez o mecanismo esteja meio emperrado", disse Violet.

"Ou talvez uma vida audaciosa de paixão impulsiva leve a alguma outra coisa que não à

tragédia", disse o escoteiro, e em certos casos aquela misteriosa pessoa tinha razão. Levar uma vida audaciosa de paixão impulsiva é uma expressão que se refere a pessoas que seguem os impulsos do coração, e que, assim como as pessoas que preferem seguir a razão, os conselhos de outras pessoas, ou um homem misterioso de capa de chuva azul-escura, acabam fazendo toda sorte de coisas. Por exemplo, se um dia você ler A Bíblia sagrada, irá se deparar com a história de Adão e Eva, cuja vida audaciosa de paixão impulsiva os levou a vestir roupas pela primeira vez na vida a fim de abandonar o jardim infestado de cobras onde viviam. Bonnie e Clyde, um outro casal famoso que vivia uma vida audaciosa de paixão impulsiva, descobriu que ela os levava a uma bem-sucedida, embora breve, carreira de assaltos a bancos. E no meu próprio caso, nos poucos momentos em que vivi uma vida audaciosa de

paixão impulsiva, ela me trouxe toda sorte de problemas, desde falsas acusações de incêndio criminoso até uma abotoadura quebrada que jamais poderei consertar. Mas nesse caso, enquanto os Baudelaire estavam diante da porta com Cerramento Supravernacular Complexo, a qual tinham que transpor para chegar à base de operações de C.S.C, resgatar a irmã e verificar se um de seus pais estava vivo, quem tinha razão não era o escoteiro de suéter, mas os dois Baudelaire, porque em Ana Karenina, de Leon Tolstoi, uma vida audaciosa de paixão impulsiva só pode levar à tragédia, como dissera Klaus; e como dissera Violet, o mecanismo estava meio emperrado, pois alguns segundos mais tarde a porta se escancarou com um lento e sinistro rangido. As crianças atravessaram a porta, piscando os olhos por causa da luz repentina, e ficaram paralisadas. Se você já leu a deplorável história dos Baudelaire até aqui, já sabe que a base de operações de C.S.C, nas Montanhas de Mão-Morta não existia mais, porém Violet e Klaus não estavam lendo a sua própria história, e por isso ainda não sabiam. Estavam dentro da própria história, e essa foi a parte da história em que ficaram tão chocados diante do que viram que sentiram náuseas.

A porta com Cerramento Supravernacular Complexo não se abria para uma cozinha. Não mais. Quando os Baudelaire acompanharam o misterioso escoteiro porta adentro, viram-se diante do que parecia ser um vasto campo coberto por uma plantação preta e arruinada em um vale tão frio e ventoso quanto o seu nome. Mas pouco a pouco os remanescentes carbonizados do grande e imponente edifício onde estariam agora, não fosse o fogo, começaram a aparecer. Ali perto havia um punhado de talheres de prata espalhados na frente dos restos de um fogão; ao lado, uma geladeira ainda em pé, como se estivesse ali para proteger os escombros do resto da cozinha. Do outro lado havia uma pilha de madeira queimada que devia ter sido a mesa de jantar, com um candelabro meio derretido espetado no topo, como uma árvore anã. Mais afastadas, as três crianças puderam ver as formas misteriosas de outros objetos sobreviventes do incêndio —

um trombone, um pêndulo de relógio antigo, algo parecido com um periscópio ou uma luneta de espião, uma colher de sorvete abandonada sobre uma pilha de cinzas e uma placa de ferro com as palavras "Biblioteca C.S.C." inscritas. Mas além da placa não havia nada a não ser pilhas e pilhas de destroços carbonizados. Era uma visão devastadora, que fez Violet e Klaus se sentirem totalmente sozinhos em um mundo arrasado. A única coisa visível que parecia preservada era uma imensa parede branca que se erguia até o alto, por trás da geladeira. Os Baudelaire precisaram de alguns momentos até perceber que se tratava de uma queda d'água congelada, erguendo-se como um escorregador de gelo na direção da nascente do

Arroio Enamorado sobre o Monte Fraught, no Cume das Aflições. Era tão reluzente e branco que fazia as ruínas da base de operações parecerem ainda mais escuras.

"Aqui deve ter sido um lugar lindo", disse o escoteiro de suéter, e caminhou até a queda d'água, fazendo subir poeira preta a cada passo. "Li que aqui havia uma grande janela", disse, fazendo um gesto no ar como se ela ainda estivesse lá. "Quando era a sua vez de cozinhar, você

podia olhar para a queda d'água lá fora enquanto picava legumes ou fervia um molho. Dizem que era muito tranqüilo. E havia um mecanismo bem do lado de fora da janela que captava um pouco de água da lagoa e a transformava em vapor. O vapor subia e cobria a base de operações com uma manta de névoa, o que garantia a invisibilidade da base."

Os Baudelaire caminharam até o lugar onde estava o escoteiro e olharam para a lagoa congelada ao pé da queda d'água. Ela se ramificava em dois afluentes, uma palavra que aqui significa "duas subdivisões de um rio ou curso d'água, cada qual seguindo em uma direção, ultrapassando as ruínas da base de operações e se curvando em volta das Montanhas de Mão-Morta até desaparecer de vista". Violet e Klaus olharam com tristeza para os redemoinhos escuros que tinham notado quando estavam caminhando ao longo do Arroio Enamorado. "Eram cinzas do incêndio", disse Klaus. "As cinzas caíram ao pé da queda d'água e a correnteza as levou rio abaixo."

Violet achou mais fácil se concentrar em alguma coisa pequena e específica, em vez de pensar no seu desapontamento. "Mas a lagoa está congelada", disse ela. "A correnteza não poderia ter levado as cinzas para baixo."

"Ela não devia estar congelada quando isso aconteceu", retrucou Klaus. "O calor do incêndio deve ter degelado a lagoa."

"Deve ter sido uma coisa horrível de ver", disse o escoteiro de suéter. Violet e Klaus concordaram, e começaram a imaginar o mar de chamas que assolou aquele lugar, uma expressão que aqui significa "o incêndio descomunal que destruiu a base de operações secreta no alto das montanhas". Eles quase podiam ouvir o ruído dos vidros se estilhaçando e o crepitar do fogo consumindo tudo. Eles quase podiam sentir o cheiro da fumaça preta flutuando para cima, e quase conseguiram ver os livros da biblioteca caindo em chamas das estantes e se desfazendo em cinzas. A única coisa que não foram capazes de imaginar foi quem teria estado na base de operações quando o fogo começou.

"Você acha", disse Violet, "que algum dos voluntários...”

"Não há indícios de que houvesse alguém aqui", disse depressa o escoteiro.

"Mas como podemos ter certeza?", perguntou Klaus. "Pode haver um sobrevivente em algum lugar agora mesmo."

"Olá!", gritou Violet, correndo os olhos pelos destroços em volta. “Olá?" Ela percebeu que seus olhos se enchiam de lágrimas ao chamar pelas pessoas que, sabia, não estariam em nenhum lugar por ali. A mais velha Baudelaire sentiu-se como se chamasse por aquelas pessoas desde o terrível dia na praia, e teve a sensação de que se gritasse por elas com insistência, elas poderiam reaparecer. Pensou em todas as vezes em que as chamara, quando ainda morava na mansão Baudelaire. Às vezes chamava por essas pessoas quando queria mostrar algo que inventara. Às vezes chamava por elas quando acabara de chegar em casa. E às vezes chamava simplesmente porque queria saber onde estavam. Violet apenas queria vê-las e sentir que estaria segura enquanto elas estivessem por perto. "Mamãe!", gritou Violet. "Papai!" Não houve resposta.

"Mãe!", gritou Klaus. "Pai!"

Ninguém respondeu, a não ser as quatro correntezas que sopram constantes no vale e a porta com Cerramento Supravernacular Complexo que se fechara empurrada pelo vento. As crianças notaram que a porta tinha sido planejada para se confundir com a encosta da montanha, por isso não podiam ver de onde tinham vindo nem qual o caminho de volta. Agora estavam verdadeiramente sós.

"Sei que todos nós tínhamos esperanças de encontrar pessoas na base de operações", disse gentilmente o escoteiro de suéter, "mas não creio que haja ninguém aqui. Agora estamos abandonados a nossa própria sorte."

"Isso é impossível!”, exclamou Klaus, e Violet ouviu-o soluçar. Ele procurou em seu bolso pela página treze do dossiê Snicket, que vinha carregando consigo desde que os Baudelaire a encontraram no Hospital Heimlich. Ali havia uma fotografia de seus pais ao lado de Jacques Snicket e um outro homem e uma frase que Klaus memorizara após ler tantas vezes. "'Devido às evidências discutidas na página nove'", recitou ele entre lágrimas, "'os peritos agora suspeitam que possa haver de fato um sobrevivente do incêndio, mas seu paradeiro é desconhecido'." Foi até o escoteiro e sacudiu a página na cara dele. "Nós pensávamos que o sobrevivente estivesse aqui", disse.

"Eu penso que o sobrevivente está aqui", disse o escoteiro, e finalmente removeu a máscara para revelar o seu rosto. "Sou Quigley Quagmire", disse. "Sobrevivi ao incêndio que destruiu o meu lar, e tinha esperança de encontrar meus irmãos."



CAPÍTULO

Oito

É mais uma das peculiaridades da vida que as pessoas digam coisas ridículas quando sabem que são ridículas. Se alguém perguntar: "Como vai?", por exemplo, você pode dizer sem pensar: "Bem, obrigado", quando de fato acabou de ser reprovado em um exame ou foi pisoteado por uma vaca. Um amigo pode dizer: "Procurei as minhas chaves em todos os lugares possíveis e imagináveis", mas você sabe que ele só procurou em alguns lugares ali por perto. Uma vez eu disse a uma mulher que amava muito: "Tenho certeza de que esses problemas logo irão acabar e de que você e eu iremos ser felizes para sempre", quando na verdade já suspeitava que as coisas ficariam muito piores. E foi assim com os dois Baudelaire mais velhos, quando se viram cara a cara com Quigley Quagmire e começaram a dizer coisas que sabiam ser absurdas.

"Você está morto", disse Violet, e tirou sua máscara para se certificar de que enxergava com clareza. Mas não havia como confundir Quigley, apesar de os

Baudelaire nunca o terem visto antes. Era tão parecido com Duncan e Isadora que só podia ser o terceiro trigêmeo Quagmire.

"Você e seus pais morreram num incêndio", disse Klaus, mas quando tirou a máscara sabia que isso não era verdade. Até o modo como Quigley sorria para os dois Baudelaire era exatamente igual ao dos seus irmãos.

"Não", disse Quigley. "Eu sobrevivi e estou procurando pelos meus irmãos."

"Mas como você sobreviveu?", perguntou Violet. "Duncan e Isadora disseram que a casa foi totalmente destruída pelo incêndio."

"E foi", disse Quigley de um jeito triste. Ele ergueu os olhos para a queda d'água congelada e suspirou. "Vou começar do começo. Eu estava na biblioteca da minha família, estudando um mapa da Floresta Finita, quando ouvi o ruído de vidros estilhaçando e pessoas gritando. Minha mãe entrou correndo na sala e disse que era um incêndio. Tentamos sair pela porta da frente, mas o Vestíbulo estava cheio de fumaça, então ela me levou de volta à biblioteca e levantou um canto do tapete. Embaixo havia um alçapão secreto. Ela me disse para aguardar lá

embaixo enquanto ia buscar meus irmãos. Lembro-me de ter ouvido a casa desmoronar acima de mim, do som de passos frenéticos e dos meus irmãos gritando." Quigley pôs a máscara no chão e encarou os Baudelaire. "Mas ela nunca voltou", disse. "Ninguém voltou, e quando tentei abrir o alçapão, alguma coisa que tinha caído sobre ele não me deixava abri-lo."

"Como você conseguiu sair?", perguntou Klaus.

"Andando", disse Quigley. "Quando percebi que ninguém ia me salvar, tateei no escuro e notei que estava numa espécie de corredor. Não havia mais para onde ir, portanto comecei a andar. Nunca senti tanto medo na vida, percorrendo sozinho um corredor escuro que meus pais mantinham em segredo. Não tinha idéia de onde iria chegar."

Os dois Baudelaire se entreolharam. Estavam pensando na passagem secreta que descobriram debaixo da casa deles, quando estavam sob os cuidados de Esmé Squalor e seu marido. "E aonde conduzia?", perguntou Violet.

"A casa de um herpetologista", disse Quigley. "No final do corredor havia uma porta secreta que levava a um salão enorme, todo de vidro. O salão estava cheio de jaulas vazias, mas era evidente que tinha sido usado para abrigar uma coleção de répteis."

"Nós também estivemos lá!", exclamou Klaus, surpreso. "É a casa do tio Monty! Ele foi nosso tutor até o conde Olaf chegar, disfarçado de..."

"Assistente de laboratório", completou Quigley. "Eu sei. A mala dele ainda estava lá."

"Também havia uma passagem secreta embaixo da nossa casa", disse Violet, "mas só

descobrimos quando fomos morar com Esmé Squalor."

"Há segredos por toda parte", disse Quigley. "Acho que todos os pais têm segredos. Você

só precisa saber onde procurar."

"Mas por que os nossos pais haveriam de ter túneis embaixo de casa que levavam a um prédio de apartamentos elegante e à casa de um herpetologista?", disse Klaus. "Não faz nenhum sentido."

Quigley suspirou e pôs a mochila no chão, ao lado da máscara. "Há muita coisa que não faz sentido", disse. "Eu esperava encontrar as respostas aqui, mas agora duvido que algum dia vá

encontrá-las." Ele pegou seu caderno roxo e abriu na primeira página. "Tudo o que posso contar é

o que tenho aqui neste livro de lugar-comum."

Klaus deu um sorrisinho para Quigley e enfiou a mão no bolso para pegar os papéis que guardara. "Conte para nós o que você sabe", disse Klaus, "e nós contaremos a você o que sabemos. Talvez juntos possamos responder às nossas perguntas."

Quigley assentiu, e as três crianças sentaram-se em círculo sobre o que antes fora o piso da cozinha. Quigley abriu a mochila e tirou um saquinho de amêndoas salgadas, que ele ofereceu aos irmãos. "Vocês devem estar com fome depois de escalar o Caminho Secundário das Chamas", disse. "Eu, pelo menos, estou. Vejamos, onde eu estava?"

"Na Sala dos Répteis", disse Violet, "no fim do corredor."

"Por algum tempo nada aconteceu", disse Quigley. "Na soleira da porta havia um exemplar d'O Pundonor Diário, que trazia uma reportagem sobre o incêndio. Foi assim que fiquei sabendo da morte dos meus pais. Passei muitos dias sozinho. Estava tão triste e assustado que não sabia o que fazer. Esperava que o herpetologista fosse amigo dos meus pais e que aparecesse para trabalhar. Talvez ele pudesse me ajudar. A cozinha estava cheia de comida, por isso não passei fome, mas todas as noites dormia ao pé da escada para ouvir se alguém entrasse."

Os Baudelaire balançaram a cabeça, compreensivos, e Violet pôs a mão no ombro de Quigley para reconfortá-lo. "Foi a mesma coisa com a gente, desde que tivemos notícia sobre os nossos pais", disse Violet. "Nem me lembro do que dissemos ou fizemos."

"Mas ninguém veio procurá-lo?", perguntou Klaus.

“O Pundonor Diário noticiou que eu tinha morrido no incêndio", disse Quigley. "A matéria afirmava que minha irmã e meu irmão tinham sido mandados para a Escola Preparatória Prufrock e o espólio estava a cargo da sexta consultora financeira mais importante."

"Esmé Squalor", disseram Violet e Klaus simultaneamente, uma palavra que aqui significa "ao mesmo tempo e com o mesmo tom de nojo".

"Exato", disse Quigley. "Mas eu não estava interessado nisso. Queria encontrar meus irmãos. Achei um atlas na biblioteca do dr. Montgomery e o estudei até encontrar a localização da Escola Preparatória Prufrock. Não ficava muito longe, portanto

comecei a juntar os suprimentos que pude para a expedição."

"Você não pensou em chamar as autoridades?", perguntou Klaus.

"Acho que não estava pensando com clareza", admitiu Quigley. "Meu único intuito era encontrar meus irmãos."

"É claro", disse Violet. "E depois, o que aconteceu?”

"Fui interrompido", disse Quigley. "Bem na hora que eu estava enfiando o atlas numa grande sacola, entrou alguém. Era Jacques Snicket, mas eu ainda não sabia de quem se tratava. Mas ele sabia quem eu era, e ficou feliz por eu estar vivo."

"Como você sabia que podia confiar nele?", perguntou Klaus.

"Ele conhecia a passagem secreta", disse Quigley. "Ele sabia um bocado de coisas sobre a minha família, ainda que tivesse passado anos sem ver os meus pais. E..."

"E...?", disse Violet.

Quigley deu um sorrisinho. "Ele era muito lido", disse. "Estava na casa do dr. Montgomery para ler. Disse que havia um arquivo importante escondido em algum lugar por ali e teria de ficar por alguns dias para encerrar sua investigação."

"Então ele não levou você para a escola?", perguntou Violet.

"Disse que não era seguro que eu fosse visto", explicou Quigley. "Contou que fazia parte de uma organização secreta, assim como os meus pais."

"C.S.C.", disse Klaus, e Quigley assentiu.

"Duncan e Isadora tentaram nos contar sobre C.S.C.", disse Violet, "mas nunca tiveram chance de fazer isso. Não sabemos nem o que a sigla quer dizer."

"Quer dizer uma porção de coisas", disse Quigley, folheando o seu caderno. "Quase tudo o que a organização usa tem as mesmas iniciais. Desde os detetives felinos voluntários, os Caçadores de Segredos Criminais, até a porta com Cerramento Supravernacular Complexo."

"Mas o que a organização faz?", perguntou Violet. "O que é C.S.C.?"

"Jacques não quis me contar", disse Quigley, "mas acho que as iniciais representam Corporação pelo Salvamento das Chamas."

"Corporação pelo Salvamento das Chamas?", repetiu Violet, e olhou para o irmão. "O que quer dizer isso?"

"Em algumas comunidades", disse Klaus, "não existe um corpo de bombeiros oficial, portanto elas dependem de voluntários para apagar os incêndios e salvar as vítimas."

"Disso eu sei", ponderou Violet, "mas o que isso tem a ver com os nossos pais, o conde Olaf e tudo o que nos aconteceu? Sempre achei que se descobríssemos o que significam as iniciais, teríamos resolvido o mistério, mas continuo tão confusa quanto antes."

"Você acha que os nossos pais estavam combatendo incêndios em segredo?", perguntou Klaus.

"Mas por que manteriam segredo?", perguntou Violet. "E por que precisavam de uma passagem secreta embaixo da casa?"

"Jacques disse que as passagens foram construídas por membros da organização", disse Quigley. "Em caso de emergência, poderiam escapar para um lugar seguro."

"Mas o túnel que encontramos liga a nossa casa à de Esmé Squalor", disse Klaus.

"Aquele não é um lugar seguro."

"Alguma coisa aconteceu", disse Quigley. "Alguma coisa mudou tudo." Ele folheou algumas páginas do seu livro de lugar-comum até encontrar o que estava procurando. "Jacques Snicket chamou aquilo de 'cisão'", explicou, "mas eu não sei o que quer dizer essa palavra."

"Uma cisão", disse Klaus, "é a divisão de um grupo de pessoas antes unidas. É como uma grande briga em que cada qual escolhe o seu lado."

"Faz sentido", disse Quigley. "Do jeito que Jacques falou parece que a organização inteira estava um caos. Voluntários que antes trabalhavam juntos agora eram inimigos; lugares que antes eram seguros agora eram perigosos. Ambos os lados empregavam os mesmos códigos e os mesmos disfarces. E até mesmo o símbolo de C.S.C., que era usado para representar os nobres ideais compartilhados por todos, virou fumaça."

"Mas como aconteceu a cisão?", perguntou Violet. "O que desencadeou a luta?"

"Não sei", disse Quigley. "Jacques não teve tempo de me explicar."

"O que ele estava fazendo?", perguntou Klaus.

"Procurando vocês", respondeu Quigley. "Ele mostrou uma fotografia em que vocês três estão no cais de algum lago, e me perguntou se eu os tinha visto ultimamente. Ele sabia que o conde Olaf era o tutor de vocês e sabia também de todas as coisas horríveis que aconteceram lá. Sabia que vocês tinham ido morar com o dr. Montgomery. Sabia até de algumas invenções que você fez, Violet, e das pesquisas de Klaus, e até de algumas das façanhas odontológicas de Sunny. Ele queria encontrá-los antes que fosse tarde demais."

"Tarde demais para o quê?", perguntou Violet.

"Não sei", disse Quigley com um suspiro. "Jacques passou muito tempo na casa do dr. Montgomery, mas estava ocupado com a investigação, não teve tempo de me explicar tudo. Ficava acordado a noite inteira lendo e copiando informações, e depois dormia o dia inteiro, às vezes desaparecia por horas seguidas. Um dia me disse que precisava sair para entrevistar alguém na cidade de Paltryville, e nunca mais voltou. Aguardei semanas e semanas pela sua volta. Li uma porção de livros e comecei a escrever o meu próprio livro de lugar-comum. De início foi difícil achar alguma informação sobre C.S.C, mas tomei notas sobre tudo o que encontrei. Devo ter lido centenas de livros. Jacques nunca mais voltou. Certa manhã aconteceram duas coisas que me fizeram decidir não esperar mais. A primeira foi um artigo n'O Pundonor Diário dizendo que os meus irmãos tinham sido raptados da escola. Sabia que precisava fazer algo coisa. Não podia esperar por Jacques Snicket nem por ninguém."

Os Baudelaire balançaram a cabeça, concordando.

"Qual era a segunda coisa?", perguntou Violet.

Quigley fez silêncio e revirou um punhado de cinzas no chão, deixando-as cair de suas mãos enluvadas. "Senti cheiro de fumaça", disse, "e quando abri a porta da Sala dos Répteis, vi que alguém atirara uma tocha acesa através do vidro do teto. Em minutos, a casa inteira, inclusive a biblioteca, estava em chamas."

"Oh", disse Violet baixinho. "Oh" é uma palavra que usualmente significa algo na linha de:

"Ouvi o que você disse e não estou interessada", mas nesse caso, é claro, a mais velha dos Baudelaire queria dizer algo bem diferente, algo difícil de definir. Ela queria dizer: "Estou triste por ouvir que a casa do tio Monty foi incendiada", mas não só isso. Com "Oh" Violet estava também tentando descrever sua tristeza com relação a todos os incêndios que trouxeram Quigley, Klaus e ela até as Montanhas de Mão-Morta, para se sentar em círculo e tentar resolver o mistério que os envolvia. Quando Violet disse "Oh", não pensava apenas no incêndio da Sala dos Répteis, mas nos incêndios que destruíram a casa dos Baudelaire e a casa dos Quagmire, o Hospital Heimlich, o Parque Caligari e a base de operações de C.S.C, onde o cheiro da fumaça permanecia no ar. Ao pensar em todos esses incêndios, Violet se sentiu como se o mundo inteiro ardesse em chamas e ela e seus irmãos, e todas as outras pessoas decentes do mundo, jamais pudessem encontrar um lugar

seguro.

"Outro incêndio", murmurou Klaus, e Violet percebeu que ele estava pensando na mesma coisa. "Aonde você poderia ir, Quigley?"

"O único lugar em que consegui pensar foi Paltryville", disse Quigley. "Na última vez em que vi Jacques ele disse que estava indo para lá. Se eu conseguisse encontrá-lo, talvez ele me ajudasse a resgatar Duncan e Isadora. O atlas do dr. Montgomery mostrava como chegar lá, mas fui a pé, pois tinha medo de pegar carona, afinal qualquer um poderia ser inimigo. Demorei bastante para chegar, mas assim que pisei na cidade vi um grande edifício que combinava com a tatuagem no tornozelo de Jacques Snicket. Achei que devia ser um lugar seguro."

"O consultório do dr. Orwell!", exclamou Klaus. "Não é um lugar seguro!"

"Klaus foi hipnotizado lá", explicou Violet, "e o conde Olaf estava disfarçado de..."

"De recepcionista", concluiu Quigley. "Eu sei. A placa falsa com o nome dele ainda estava sobre a mesa. O consultório estava abandonado, mas eu sabia que Jacques estivera lá porque havia algumas anotações com a letra dele. Com essas anotações e as informações extraídas da biblioteca do dr. Montgomery, tomei conhecimento da base de operações de C.S.C. E em vez de esperar por Jacques, parti para encontrar a organização. Achei que era a chance de resgatar meus irmãos."

"Então você partiu para as Montanhas de Mão-Morta sozinho?", perguntou Violet.

"Não exatamente", disse Quigley. "Eu tinha essa mochila que Jacques deixou para trás, com Cilindros Sempre-verdes Combustíveis e outras coisas, e tinha o meu livro de lugar-comum. Por fim encontrei os Escoteiros da Neve e me dei conta de que me esconder entre eles seria a melhor maneira de chegar ao Monte Fraught." Ele virou uma página do seu livro de lugar-comum e examinou as anotações. "Fenômenos notáveis das Montanhas de Mão-Morta, que li na biblioteca do dr. Montgomery, tinha um capítulo escondido que me revelou tudo sobre o Caminho Secundário das Chamas e a porta com Cerramento Supravernacular Complexo." Klaus tentou ler as anotações por cima do ombro de Quigley. "Eu devia ter lido aquele livro quando tive a oportunidade", disse ele, balançando a cabeça. "Se soubéssemos a respeito de C.S.C, quando morávamos com o tio Monty poderíamos ter evitado muitos problemas."

"Quando morávamos com o tio Monty", lembrou Violet, "estávamos preocupados

em escapar das garras do conde Olaf, não pensávamos em fazer qualquer pesquisa adicional."

"Eu tive tempo à vontade para pesquisar", disse Quigley, "mas ainda não encontrei todas as respostas que procuro. Não encontrei Duncan e Isadora e não sei onde está Jacques Snicket."

"Ele está morto", disse Klaus com muita calma. "O conde Olaf o assassinou."

"Achei que vocês me diriam isso", disse Quigley. "Quando ele não voltou imaginei que alguma coisa estava muito errada. Mas e os meus irmãos? Vocês sabem o que aconteceu com eles?"

"Eles estão em segurança, Quigley", disse Violet. "Pelo menos é o que pensamos. Nós os salvamos das garras de Olaf, e eles escaparam com um homem chamado Hector."

"Escaparam?", repetiu Quigley. "Para onde foram?"

"Não sabemos", admitiu Klaus. "Hector construiu uma casa móvel auto-sustentável a ar quente. Era uma casa voadora, mantida no ar por uma porção de balões. Hector disse que poderia flutuar para sempre."

"Nós tentamos embarcar", disse Violet, "mas o Olaf conseguiu nos impedir."

"Então vocês não sabem onde eles estão?", perguntou Quigley.

"Receio que não", disse Violet, e afagou sua mão. "Mas Duncan e Isadora são pessoas intrépidas. Sobreviveram nas garras de Olaf por bastante tempo, recolhendo e anotando informações sobre os esquemas dele."

"Violet está certa", disse Klaus. "Tenho certeza de que, onde quer que estejam, continuam a pesquisar. Acabarão descobrindo que você está vivo e virão procurá-lo, assim como você foi procurá-los."

Os dois Baudelaire estremeceram. Eles estavam falando sobre a família de Quigley, é

claro, mas se sentiam como se estivessem falando sobre a deles. "Tenho certeza de que os seus pais também estão vivos e procurando por vocês", disse Quigley, como se tivesse lido os pensamentos deles. "E Sunny também. Vocês sabem onde ela

está?"

"Em algum lugar aqui perto", disse Violet. "Com o conde Olaf. Ele também queria encontrar a base de operações."

"Talvez Olaf já tenha passado aqui", disse Quigley, correndo os olhos pelos destroços.

"Talvez tenha sido ele quem ateou fogo nesse lugar."

"Acho que não", disse Klaus. "Ele não teria tido tempo para atear fogo nesse lugar inteiro. Estávamos bem atrás dele. E tem mais, eu não acho que o lugar tenha sido incendiado de uma só

vez."

"Por que não?", perguntou Quigley.

"É grande demais", respondeu Klaus. "Se a base de operações inteira estivesse queimando, o céu teria sido coberto de fumaça."

"É verdade", disse Violet. "Toda essa fumaça iria levantar muitas suspeitas."

"Onde há fumaça", disse Quigley, "há fogo."

Violet e Klaus se voltaram para o amigo concordando, mas Quigley olhava para a lagoa e os dois afluentes congelados, onde antes ficavam as janelas da cozinha de C.S.C, e onde eu, certa vez, piquei brócolis enquanto a mulher que eu amava preparava um molho picante de amendoim. Ele apontava para o céu, onde eu e meus associados costumávamos observar as águias voluntárias capazes de localizar fumaça a grandes distâncias.

Mas naquela tarde não havia águias nos céus das Montanhas de Mão-Morta, e quando Violet e Klaus olharam na direção em que Quigley apontava, outra coisa chamou a sua atenção. Pois quando Quigley falou "Onde há fumaça, há fogo", ele não estava se referindo à teoria de Klaus sobre a destruição da base de C.S.C, mas à fumaça verde que se elevava no céu do Cume das Aflições, no topo do escorregador de gelo.

CAPÍTULO

Nove

Os dois Baudelaire ficaram ao lado de Quigley, olhando para o pequeno penacho de fumaça, uma expressão que aqui significa "uma nuvem misteriosa de fumaça verde". Depois da longa história que ele contara sobre como sobrevivera ao incêndio e o que tinha aprendido a respeito de C.S.C, os Baudelaire mal podiam acreditar que estavam diante de mais um mistério.

"É um Cilindro Sempre-verde Combustível", disse Quigley. "Alguém no topo da queda d'água está



enviando um sinal."

"Sim", disse Violet, "mas quem?"

"Talvez seja um voluntário que escapou do incêndio", disse Klaus. "Está sinalizando para algum outro voluntário que por acaso esteja por perto."

"Mas pode ser uma armadilha", disse Quigley. "Alguém pode estar atraindo voluntários para o pico a fim de emboscá-los. Lembrem-se, os códigos de C.S.C., são usados por ambos os lados da cisão."

"Isso não devia se chamar código", disse Violet. "Alguém está tentando se comunicar, mas não temos a menor idéia de quem seja nem o que está dizendo."

"É isso o que Sunny deve sentir quando fala com pessoas que não a conhecem muito bem", disse Klaus, pensativo.

A menção do nome de Sunny, os Baudelaire se lembraram do quanto sentiam sua falta.

"Seja um voluntário ou uma armadilha", disse Violet, "pode ser a nossa única oportunidade de encontrar nossa irmãzinha."

"E meus irmãos", completou Quigley.

"Vamos mandar uma resposta", disse Klaus. "Você ainda tem aqueles Cilindros Sempre-verdes Combustíveis?"

"É claro", disse Quigley, tirando-os da mochila, "mas Bruce confiscou os meus fósforos, disse que não são seguros para crianças."

"Você acha que ele é inimigo de C.S.C.?", perguntou Klaus.

"Se todas as pessoas que advertem crianças sobre o perigo dos fósforos são inimigas de C.S.C.", disse Violet com um sorriso, "então não temos a menor chance de sobreviver."

"Mas como vamos acender o Cilindro sem fósforos?", perguntou Quigley. Violet enfiou a mão no bolso. Os quatro ventos do Vale das Correntezas que Sopram Constantes não permitiam que Violet prendesse seu cabelo, mas ela acabou conseguindo tirar o cabelo dos olhos, e as engrenagens da sua mente inventiva começaram a se mover. O sinal no céu não era nem enviado por um voluntário nem uma armadilha. Era uma fumaça produzida por um bebê de dentes muito compridos e um jeito confuso de falar. Quando Sunny Baudelaire disse "Lox", os comparsas do conde Olaf interpretaram sua fala como um simples tatibitate, e não uma explicação

de como iria cozinhar o salmão que o homem de mãos de gancho pescara. "Lox" é uma palavra que se refere a salmão defumado, e é um jeito delicioso de apreciar um peixe fresco, especialmente se tiver à mão os equipamentos e ingredientes adequados, uma frase que aqui significa "pães especiais, queijo cremoso, pepino fatiado, pimenta-do-reino e alcaparras". O lox tem a qualidade adicional de produzir um bocado de fumaça durante a preparação, e essa é a razão por que Sunny escolheu esse método de preparar o peixe, e não o gravlax — que é salmão marinado durante vários dias numa mistura de especiarias — ou o sashimi — que é o salmão fatiado e servido cru. Quando ela se lembrou do que o conde Olaf dissera sobre ser capaz de ver tudo e todos de cima do pico onde estavam, a jovem Baudelaire percebeu que a frase "onde há fumaça, há fogo" poderia ajudá-la. Enquanto Violet e Klaus ouviam a extraordinária narrativa ao pé da queda d'água congelada, Sunny tratou de preparar o lox e enviar um sinal aos irmãos que deviam estar por perto. Primeiro ela enfiou o Cilindro Sempre-verde Combustível — que ela acreditava ser um cigarro — em um pequeno canteiro de ervas, para aumentar a fumaça. Então pôs o salmão dentro do prato de forno coberto que usara como cama. Em questão de segundos, o peixe pescado pelo homem de mãos de gancho estava absorvendo o calor e a fumaça do efervescente tubinho verde, e um grande penacho de fumaça verde se elevava para os céus do Monte Fraught. Sunny ergueu os olhos para o sinal que enviara e não pôde deixar de sorrir. Na última vez em que fora separada dos irmãos ela ficara aguardando em uma gaiola até que eles viessem salvá-la, mas agora estava crescida, e já era capaz de participar ativamente na derrota do conde Olaf.

"Alguma coisa está cheirando bem", disse uma das mulheres de cara branca, indo até a bandeja coberta. "Devo admitir que duvidava que uma criança pudesse ficar encarregada da cozinha, mas sua receita parece deliciosa."

"Existe uma palavra para esse tipo de cozimento do peixe", disse o homem de mãos de gancho, "mas não me lembro qual é."

"Lox", disse Sunny, mas ninguém a ouviu, pois o conde Olaf estava fazendo bastante barulho ao sair da sua barraca acompanhado por Esmé e os sinistros visitantes. Olaf estava com o dossiê Snicket nas mãos e fulminou Sunny com os olhos brilhantes, muito brilhantes.

"Acabe com esta fumaça imediatamente^', ele ordenou. "Pensei que você não passasse de uma prisioneira aterrorizada, mas começo a pensar que você é uma espiã!"

"Como assim, Olaf?", perguntou a outra mulher de cara branca. "Ela está usando o cigarro de Esmé para cozinhar o nosso peixe."

"Alguém pode ver a fumaça", rosnou Esmé, como se há alguns momentos antes ela não tivesse fumado. "Onde há fumaça, há fogo."

O homem com barba mas sem cabelo catou um punhado de neve e jogou em cima das ervas, apagando o Cilindro Sempre-verde Combustível. "Para quem você está mandando sinais, bebê?", perguntou com sua voz rouca. "Se você é uma espia, vamos atirá-la de cima dessa montanha."

"Gugu", disse Sunny, o que queria dizer algo do tipo: "Vou fazer de conta que sou um bebê inocente, em vez de responder a essa pergunta".

"Estão vendo?", disse a mulher de cara branca, olhando para o homem com barba mas sem cabelo. "Ela é apenas um bebê inocente."

"Talvez", disse a mulher com cabelo mas sem barba. "Não se atira um bebê de cima de uma montanha, a não ser que seja absolutamente necessário."

"Bebês podem ser úteis", concordou o conde Olaf. "Estou pensando em recrutar mais gente jovem para a minha trupe. Reclamam menos quando têm de fazer o que eu mando."

"Mas nós nunca reclamamos", disse o homem de mãos de gancho. "Tento ser o mais obediente possível."

"Chega de papo furado", disse o homem com barba mas sem cabelo. "Temos um monte de esquemas para planejar. Tenho algumas informações que podem ajudá-lo com a sua idéia de recrutamento, e, de acordo com o dossiê Snicket, existe mais um lugar onde os voluntários se reúnem."

"O último lugar seguro", disse a mulher sinistra. "Temos de encontrá-lo e queimá-lo."

"E quando fizermos isso", disse o conde Olaf, "a última prova dos nossos crimes será

destruída. Nunca mais teremos de nos preocupar com as autoridades."

"Onde fica esse lugar?", perguntou Kevin.

Olaf abriu a boca para responder, porém a mulher com cabelo mas sem barba o impediu com um gesto brusco e um olhar desconfiado para Sunny. "Não na frente da dentuça", disse ela com sua voz muito, muito profunda. "Se ela souber o que estamos prestes a fazer não vai conseguir dormir, e você precisa da sua empregada bebê cheia de energia. Mande-a embora, então faremos os nossos planos."

"É claro", disse Olaf, sorrindo nervoso para os sinistros visitantes. "Órfã, vá até o carro e remova todas as migalhas de batatinha frita."

"Fútil", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: "Essa é uma tarefa impossível", mas ela teve de ir mesmo assim, e a trupe de Olaf foi se reunir em volta da pedra chata para ouvir o novo plano. Passando pelo fogo apagado e pela panela onde iria dormir aquela noite, Sunny suspirou com tristeza, pensando que o seu plano tinha dado errado. Mas quando chegou ao carro de Olaf e baixou os olhos para a queda d'água congelada, viu uma coisa bastante animadora, uma expressão que aqui significa "um penacho de fumaça verde idêntico ao que ela tinha liberado no céu, vindo do final do escorregador de gelo". A mais jovem Baudelaire sorriu. "Manos", disse consigo mesma. Sunny, é claro, não podia ter certeza de que eram Violet e Klaus que estavam sinalizando, mas tinha esperanças de que fossem eles, e as esperanças foram suficientes para alegrá-la quando abriu a porta do carro e começou a soprar as migalhas de batata frita que Olaf e sua trupe espalharam pelo estofamento.

E embora Sunny tivesse mais esperanças agora, no final da queda d'água congelada os dois Baudelaire mais velhos não se sentiam nem um pouco esperançosos notando, ao lado de Quigley, que a fumaça verde desaparecia do pico mais alto.

"Alguém apagou o Cilindro Sempre-verde Combustível", disse Quigley, com um tubinho verde na mão. "O que vocês acham que isso significa?"

"Não sei", disse Violet, e suspirou. "Talvez nosso esquema não esteja funcionando."

"É claro que está", disse Klaus. "Você notou que o sol da tarde estava refletido na queda d'água congelada, o que lhe deu a idéia de usar os princípios científicos da convergência e da refração da luz, como você fez no Lago Lacrimoso contra as sanguessugas. Você usou o espelho de Colette para captar os raios de sol e direcioná-los para a ponta do Cilindro Sempre-verde Combustível, fazendo com que o calor da luz solar o acendesse."

"Klaus tem razão", disse Quigley. "Não poderia ter funcionado melhor."

"Obrigada", disse Violet, "mas não foi isso que eu quis dizer. O código é que não está

funcionando. Ainda não sabemos quem está em cima do pico, nem quem estava nos mandando o sinal. Agora ele se dissipou, mas ainda não sabemos o que significava."

"Talvez seja o caso de apagar o nosso Cilindro Sempre-verde Combustível", disse Klaus.

"Talvez", concordou Violet, "ou talvez devamos subir até o topo da queda d'água e descobrir quem está lá."

Quigley franziu a testa e pegou o seu livro de lugar-comum. "O único caminho para o pico mais alto", disse, "é o que os Escoteiros da Neve estão seguindo. Teríamos de voltar pela porta com Cerra-mento Supravernacular Complexo, retroceder pelo Caminho Secundário das Chamas, retornar à caverna dos Caçadores de Segredos Criminais, nos juntarmos outra vez aos escoteiros e escalar durante um longo tempo."

"Esse não é o único caminho para o pico", disse Violet com um sorriso.

"E, sim", insistiu Quigley. "Olhe o mapa."

"Olhe a queda d'água", retrucou Violet, e as três crianças ergueram os olhos para o reluzente escorregador de gelo.

"Você quer dizer", disse Klaus, "que pode inventar alguma coisa que nos leve até o topo de uma queda d'água congelada?"

Mas Violet já estava amarrando o cabelo e estudando as ruínas da base de operações de C.S.C. "Vou precisar daquele uquelele que você pegou no trailer", disse para Klaus, "e daquele candelabro meio derretido que está perto da mesa de jantar."

Klaus tirou o uquelele do bolso do casaco e entregou-o à irmã, depois foi até a mesa e pegou o estranho objeto derretido. "A não ser que você precise de alguma outra ajuda", disse ele,

"vou examinar os destroços da biblioteca e ver se há algum documento. Poderíamos aproveitar para aprender o máximo possível sobre essa base de operações."

"Boa idéia", disse Quigley, e enfiou a mão na mochila. De lá tirou um caderno muito parecido com o que usava, mas com a capa azul-escura. "Tenho um caderno de reserva", disse.

"Vocês podem estar interessados em começar seu próprio livro de lugar-comum."

"Muito obrigado", disse Klaus. "Vou anotar tudo o que encontrar. Quer participar da busca?"

"Acho que vou ficar por aqui", disse Quigley, olhando para Violet. "Já ouvi falar muito das invenções de Violet Baudelaire, e gostaria de vê-la trabalhar."

Klaus concordou e foi para a biblioteca destruída, enquanto Violet, sem graça por causa do comentário de Quigley, se inclinava para recolher um garfo que sobrevivera ao incêndio. Uma das tristezas do caso Baudelaire é que Violet jamais conheceu um homem chamado CM. Kornbluth, um dos meus associados, que passou a maior parte da vida no Vale das Correntes que Sopram Constantes como instrutor de mecânica na base de operações de C.S.C. O sr. Kornbluth era um homem tão cheio de segredos que ninguém jamais soube de onde viera nem o que significavam o C e o M de seu nome. Passava grande parte do tempo enfurnado no quarto, escrevendo histórias estranhas ou olhando pelas janelas da cozinha. A única coisa que deixava o sr. Kornbluth de bom humor era um estudante de mecânica especialmente promissor. Se um rapaz demonstrasse interesse em radares de mares profundos, o sr. Kornbluth tirava os óculos e sorria. Se uma moça levasse a ele uma pistola grampeadora que construíra, o sr. Kornbluth batia palmas. E se um par de gêmeos lhe perguntasse como redirecionar uma determinada fiação de cobre, ele tirava do bolso um saquinho de papel e oferecia pistaches a todos os que estivessem em volta. Portanto, quando penso em Violet Baudelaire no meio dos destroços da base de operações de C.S.C., removendo cuidadosamente as cordas do uquelele e dobrando ao meio alguns garfos, posso imaginar o sr. Kornbluth voltando as costas para a janela, sorrindo para a inventora Baudelaire e dizendo: "Beatrice, venha até aqui! Veja o que esta menina está fazendo!". Mas ele e seus pistaches já partiram há muito tempo.

"O que você está fazendo?", perguntou Quigley.

"Uma coisa que nos fará subir por aquela queda d'água", respondeu Violet. "Eu só queria que Sunny estivesse aqui. Seus dentes seriam perfeitos para cortar essas cordas de uquelele."

"Talvez eu tenha algo que possa ajudar", disse Quigley, vasculhando a mochila.

"Quando eu estava no consultório do dr. Orwell, encontrei estas unhas cor-de-rosa postiças. São horrorosas, mas são bem afiadas."

Violet pegou uma das unhas e olhou atentamente para ela. "Acho que o conde Olaf estava usando uma dessas", disse ela, "como parte do seu disfarce de recepcionista. É tão estranho você ter seguido nossos passos por todo esse tempo e nós não sabermos nem que você

estava vivo."

"Eu sabia que vocês estavam vivos", disse Quigley. "Jacques Snicket me contou tudo sobre sua família. Ele os conhecia desde antes de vocês nascerem."

"Imaginei", disse Violet cortando as cordas do uquelele. "Na fotografia que encontramos, meus pais estão em pé ao lado de Jacques Snicket e um outro homem."

"Provavelmente é o irmão de Jacques", disse Quigley. "Jacques me contou que ele e seus dois irmãos estavam trabalhando em um dossiê importante."

"O dossiê Snicket", disse Violet. "Esperávamos encontrá-lo aqui." Quigley ergueu os olhos para a queda d'água congelada. "Talvez a pessoa que nos enviou o sinal saiba onde ele está", disse.

"Vamos descobrir num instante", disse Violet. "Por favor, tirem os sapatos."

"Os sapatos?", perguntou Quigley.

"A queda d'água congelada deve estar muito escorregadia", explicou Violet, "por isso vou amarrar estes garfos com as cordas do uquelele nos dedos dos nossos pés. Com a ajuda dos garfos teremos sapatos de alpinismo. E nas mãos vamos segurar mais dois garfos. Como os talheres são quase tão pontudos quanto os dentes de Sunny, os sapatos de alpinismo vão se cravar no gelo, e nós poderemos andar sem perder o equilíbrio."

"Mas para que o candelabro?", perguntou Quigley, desamarrando os sapatos.

"Vou usá-lo para testar o gelo", disse Violet. "É raro uma queda d'água congelar de maneira uniforme, ainda mais se o tempo está esquentando, e nós estamos perto da Falsa Primavera. Deve haver lugares no escorregador em que o gelo é só uma fina camada. Se cravarmos os nossos garfos no gelo fino, cairemos lá de cima. O

candelabro servirá para que, antes de cada passo, testemos os lugares onde vamos pisar."

"Parece que vai ser uma jornada difícil", disse Quigley.

"Não mais difícil do que escalar o Caminho Secundário das Chamas", disse Violet, amarrando um garfo no sapato de Quigley. "Vou usar o nó Sumac para ficar bem seguro. Agora só precisamos dos sapatos de Klaus e..."

"Desculpe interromper, mas acho que isso pode ser importante", disse Klaus, retornando da biblioteca. Ele segurava o caderno azul-escuro em uma das mãos e um pequeno pedaço de papel chamuscado na outra. "Encontrei este pedaço de papel em uma pilha de cinzas", disse ele.

"É de algum livro de códigos."

"O que está escrito?", perguntou Violet.

'"No e flagração resultando na destruição de um sant'", leu Klaus, "'tários devem valer-se do Colóquio Secreto Cri, o qual está encoberto de acordo'."

"Isso não faz nenhum sentido", disse Quigley. "Você acha que está escrito em código?"

"Como se fosse um código", disse Klaus. "Algumas partes da frase foram queimadas, por isso teremos de decifrá-la como se estivesse em código. 'Flagração' é provavelmente a última parte da palavra 'conflagração', uma palavra difícil para 'incêndio', e 'sant' é provavelmente o começo da palavra 'santuário', que significa um lugar seguro. Portanto a sentença deve começar mais ou menos assim: "No evento de uma conflagração resultando na destruição de um santuário'."

Violet levantou-se e olhou por cima do ombro dele. "Tários", disse ela, "é provavelmente

'voluntários', mas não sei o que significa 'devem valer-se'."

"Significa 'fazer uso de'", disse Klaus, "como você está se valendo do uquelele e daqueles garfos. Entendeu? Isso quer dizer que no caso de um lugar seguro ser incendiado, eles vão deixar algum tipo de mensagem — 'Colóquio Secreto Cri."

"Mas o que poderia significar 'Colóquio Secreto Cri'?", perguntou Quigley.

"Criminal?

Crítico?"

"Criterioso?", tentou adivinhar Violet. "Cristalino?"

"Mas aqui diz que está 'encoberto de acordo ", salientou Klaus, "Isso significa que o colóquio, que quer dizer 'diálogo', ou 'conversa', está escondido de uma maneira lógica. Se fosse um Colóquio Secreto Subaquático, estaria escondido embaixo da queda d'água ou da lagoa. Portanto nenhuma dessas palavras é a certa. Onde alguém deixaria uma mensagem para não ser destruída pelo fogo?"

"Mas o fogo destrói tudo", disse Violet. "Olhe para a base de operações. Não sobrou nada, a não ser a entrada da biblioteca e..."

"... e a geladeira", completou Klaus. "Que em uma linguagem pedante poderia ser chamada de máquina criostática — que serve para manter baixas temperaturas."

"Colóquio Secreto Criostático!", disse Quigley.

"Os voluntários deixaram uma mensagem", disse Klaus, a meio caminho da geladeira,

"no único lugar que eles sabiam que não seria afetado pelo fogo."

"E o único lugar onde os inimigos não pensariam em procurar", completou Quigley.

"Afinal, nunca se guarda nada tão importante na geladeira."

O que Quigley disse, é claro, não é de todo verdade. Como um envelope, uma estatueta oca e um caixão de defunto, uma geladeira pode conter toda sorte de coisas, inclusive as muito importantes, dependendo de como estiver o seu dia. Por exemplo, uma geladeira pode conter um saco de gelo, que seria muito importante se você estivesse ferido. Uma geladeira pode conter uma garrafa d'água, que seria importante se você estivesse com sede. E uma geladeira pode conter uma cestinha de morangos, que seria importante se algum maníaco lhe dissesse: "Se você

não me der uma cestinha de morangos vou cutucar você com esta bengala". Mas quando os dois Baudelaire mais velhos e Quigley Quagmire abriram a geladeira, não encontraram nada que pudesse ajudar uma pessoa ferida, morrendo de sede ou sendo ameaçada por um maníaco de bengala que adora morangos, nem nada que parecesse

importante. A geladeira estava quase vazia. Lá dentro havia apenas algumas daquelas coisas que as pessoas guardam em geladeiras e quase não usam, inclusive um pote de mostarda, um vidro de azeitonas, três vidros de geléia de sabores diferentes, uma garrafa de suco de limão e um único pepino em conserva, solitário em um pequeno recipiente de vidro.

"Não há nada aqui", disse Violet.

"Dê uma olhada na gaveta de legumes", disse Quigley. Klaus abriu a gaveta e tirou de lá

algumas folhinhas tubulares, compridas e verdes.

"Têm cheiro de cebola", disse Klaus, "e estão meio duras, mas ainda não congelaram."

"Cebolinhas Semicongeladas Cheirosas", disse Quigley.

"Mais um mistério", disse Violet, e seus olhos se encheram de lágrimas. "Não temos nada, a não ser mistérios. Não sabemos onde está Sunny; não sabemos onde está o conde Olaf; não sabemos quem está enviando sinais do topo da queda d'água nem o que está tentando dizer. E

agora temos uma mensagem misteriosa em um código misterioso dentro de uma geladeira misteriosa e um maço de cebolinhas misteriosas na gaveta de legumes. Estou cansada de mistérios. Quero alguém que nos ajude."

"Podemos ajudar um ao outro", disse Klaus. "Temos as suas invenções, os mapas de Quigley e a minha pesquisa."

"E somos muito lidos", disse Quigley. "Isso deveria ser suficiente para resolver qualquer mistério."

Violet suspirou e chutou alguma coisa caída no chão. Era uma pequena casca de pistache escurecida pelo fogo. "É como se já fôssemos membros de C.S.C.", disse ela. "Estamos mandando sinais, decifrando códigos e descobrindo segredos nas ruínas de um incêndio."

"Você acha que os nossos pais ficariam orgulhosos de nós", perguntou Klaus, "por seguirmos a sua trilha?"

"Não sei", disse Violet. "Afinal, eles mantinham C.S.C, em segredo."

"Talvez eles fossem nos contar mais tarde", disse Klaus.

"Ou talvez tivessem esperanças de que um dia descobríssemos", disse Violet.

"Sempre me pergunto a mesma coisa", disse Quigley. "Se eu pudesse voltar no tempo para o momento em que minha mãe me mostrou a passagem secreta embaixo da biblioteca, perguntaria por que ela guardava tantos segredos."

"E mais um mistério", disse Violet tristemente, e ergueu os olhos para o escorregador de gelo. Escurecia, e a queda d'água congelada parecia cada vez menos brilhante à luz do sol poente, como se aquela fosse a última chance de escalar o escorregador e checar quem lhes enviara os sinais. "Cada um de nós devia investigar o mistério que tem mais capacidade de resolver", disse Violet. "Eu vou resolver o mistério do Cilindro Sempre-verde Combustível e descobrir quem está lá em cima e o que quer. Klaus, você devia ficar aqui embaixo resolvendo o mistério do Colóquio Secreto Criostático e decifrando o código para descobrirmos qual é a mensagem."

"E eu ajudarei vocês dois", disse Quigley, pegando o seu caderno roxo. "Vou deixar o meu livro de lugar-comum com Klaus e escalar a queda d'água com Violet, para o caso de precisar da minha ajuda."

"Tem certeza?", perguntou Violet. "Você já nos trouxe até aqui, Quigley. Não precisa se arriscar mais."

"Nós entenderemos", disse Klaus, "se você quiser ir embora e procurar seus irmãos."

"Não diga absurdos", disse Quigley. "Somos todos parte do mesmo mistério. É claro que vou ajudá-los."

Os dois Baudelaire se entreolharam e sorriram. É muito raro conhecer uma pessoa digna de confiança que queira ajudar, e ao encontrá-la você pode se sentir reconfortado e seguro, mesmo que esteja no meio de um vale ventoso no topo das montanhas. Por um momento, enquanto seu amigo sorria de volta para eles, era como se todos os mistérios já estivessem resolvidos, mesmo que Sunny ainda estivesse longe, o conde Olaf à solta e a base de operações



de C.S.C, abandonada às cinzas. Só de saber que tinham encontrado uma pessoa como Quigley Quagmire, Violet e Klaus se sentiram como se todos os códigos fizessem sentido e todas as pistas tivessem sido checadas.

Violet deu um passo à frente, seus sapatos de alpinismo assistidos por garfos produzindo pequenos ruídos sobre a terra gelada, e segurou a mão de Quigley. "Obrigada", disse ela, "por se apresentar como voluntário."

CAPÍTULO

Dez

Violet e Quigley caminharam cautelosamente por cima da lagoa congelada até chegar ao pé da queda d'água. "Boa sorte!", gritou Klaus da arcada da biblioteca. Ele estava limpando as lentes dos óculos, como costumava fazer antes de iniciar uma pesquisa séria.

"Boa sorte para você!", respondeu Violet, por cima do barulho dos ventos da montanha. Ao olhar para trás e ver o irmão, lembrou-se de quando os dois tentavam deter o trailer enquanto ele disparava montanha abaixo. Klaus tinha sentido vontade de lhe dizer alguma coisa, para o caso de o drag chute e a substância pegajosa não funcionarem. Violet tinha a mesma sensação agora, enquanto se preparava para escalar a queda d'água congelada e deixar o irmão entre os restos carbonizados da base de operações de C.S.C. "Klaus...", disse ela. Klaus colocou os óculos e abriu seu sorriso mais valente para a irmã. "O que quer que você esteja pensando em dizer", disse ele, "diga quando voltar." Violet assentiu com a cabeça e bateu o

candelabro contra um ponto do gelo. Ouviu um tum! profundo, que indicava uma camada muito sólida sobre a qual podiam pisar tranqüilos.

"Vamos começar por aqui", disse ela a Quigley. "Segura o rojão!" A expressão "segura o rojão", como você deve saber, não significa que Violet queria que Quigley se agarrasse a um foguete de festa junina para ser levado por via aérea até o Cume das Aflições. A expressão significa simplesmente "prepare-se para uma empreitada muito difícil", e sem dúvida seria muito difícil escalar uma queda d'água congelada, no meio de um vale em que os ventos de várias direções sopravam tão fortes, sem nada além de um candelabro e alguns garfos para ajudar na subida. Violet e Quigley precisaram de alguns minutos até operar de maneira adequada a invenção, o que consistia em fincar os garfos no gelo apenas o suficiente para segurá-los no lugar, mas não tão fundo a ponto de deixá-los presos. Depois que ambos estavam bem posicionados, Violet teve de esticar o braço o mais alto que podia e bater o candelabro no gelo para encontrar o próximo ponto sólido onde pisar. Nos primeiros passos chegou a parecer que a ascensão pelo declive gelado seria impossível daquele modo, mas à

medida que o tempo ia passando e os dois voluntários ficavam cada vez mais habilidosos com os sapatos de alpinismo e o candelabro, ficou claro que mais uma vez a perícia de Violet ganharia o dia, uma expressão que aqui significa "possibilitar que Violet e Quigley Quagmire escalassem uma queda d'água congelada depois de segurar o rojão daquela difícil jornada".

"Sua invenção está funcionando", gritou Quigley para Violet, que estava acima dele.

"Estes sapatos são maravilhosos."

"Parece que funcionam mesmo", concordou Violet, "mas não vamos comemorar ainda. Temos um longo caminho pela frente."

"Minha irmã escreveu um dístico exatamente sobre isso", disse Quigley, e recitou o poema de Isadora:

“Comemore meio serviço, E ao fim terá só meio viço."

Violet sorriu e esticou o braço para testar o gelo acima dela. "Isadora é uma boa poeta", disse, "e seus poemas se mostraram adequados a diversas situações. Quando estávamos na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos, ela nos conduziu até o local onde estava escondendo uma mensagem secreta em uma série de dísticos."

"Fico pensando se isso é um código que ela aprendeu com C.S.C.", disse Quigley, "ou se ela mesma inventou."

"Não sei", disse Violet pensativa. "Ela e Duncan foram os primeiros que nos falaram sobre C.S.C., mas nunca me ocorreu que eles pudessem ser filiados. Mas, se pensar bem, o código que Isadora usou era similar a um usado por nossa tia Josephine. Elas esconderam uma mensagem oculta num bilhete e aguardaram até que descobríssemos. Talvez ambas fossem voluntárias." Ela puxou do gelo o seu sapato de alpinismo e fincou-o de novo alguns centímetros acima para continuar a escalada. "Talvez todos os nossos tutores tenham sido membros de C.S.C., de um lado ou de outro da cisão."

"É difícil acreditar", disse Quigley, "que estivemos sempre cercados por pessoas em missões secretas e que nunca tenhamos percebido."

"É difícil acreditar que estamos escalando uma queda d'água congelada nas Montanhas de Mão-Morta", retrucou Violet, "e no entanto aqui estamos nós. Olhe, Quigley, está vendo a saliência onde está fincado o meu garfo esquerdo? E bastante sólida para nós dois nos sentarmos e recuperarmos o fôlego."

"Bom", disse Quigley. "Tenho um saquinho de cenouras na mochila, podemos comer e recuperar nossas energias." O trigêmeo subiu até o lugar onde Violet se sentara, uma pequena saliência do tamanho de um sofá, e escorregou para o seu lado. Os alpinistas viram que tinham chegado mais longe do que pensavam. As ruínas enegrecidas da base de operações estavam muito abaixo deles, e agora Klaus parecia apenas um pontinho perto de uma minúscula arcada de ferro. Quigley deu uma cenoura a Violet, que a mordeu pensativa.

"Sunny adora cenouras cruas", disse Violet. "Espero que esteja bem alimentada, onde quer que esteja.

"Espero que meus irmãos também estejam se alimentando", disse Quigley. "Meu pai sempre dizia que uma boa refeição dá coragem a uma pessoa."

"Meu pai dizia a mesma coisa", disse Violet, olhando para Quigley de um jeito curioso.

"Você acha que isso também era um código?"

Quigley encolheu os ombros e suspirou. Pedacinhos de gelo caíram das pontas dos garfos e foram levados pelo vento. "É como se nunca tivéssemos conhecido os

nossos pais", disse ele.

"Nós os conhecíamos", disse Violet. "Eles apenas tinham alguns segredos. Todo mundo deve ter algum segredo."

"Imagino que sim", disse Quigley, "mas eles podiam ter mencionado que pertenciam a uma organização secreta com uma base de operações escondida nas Montanhas de Mão-Morta."

"Quem sabe não queriam nos proteger de um lugar tão perigoso", disse Violet, olhando para além da saliência. "Se bem que, uma vez que você precisa esconder uma base de operações, esse é um belo lugar para se fazer isso. A não ser pelos destroços do incêndio, é uma linda vista."

"Muito linda, sem dúvida", disse Quigley, mas ele não estava olhando para a vista. Estava olhando para Violet Baudelaire.

Muitas coisas tinham sido tiradas dos três Baudelaire. Seus pais, seu lar. Os vários tutores que tiveram foram assassinados pelo conde Olaf, ou talvez tenham saído de suas vidas simplesmente porque eram pessoas deploráveis que logo perderam o interesse pelas crianças. Em todas as ocasiões em que os irmãos foram obrigados a usar disfarces absurdos o que perderam foi a dignidade. Ou uns aos outros, quando foram obrigados a se separar, e Sunny agora tinha de cumprir tarefas domésticas no topo da queda d'água congelada, enquanto Violet e Klaus aprendiam os segredos de C.S.C, embaixo dela. Mas outra coisa fora tirada aos Baudelaire: sua privacidade, uma palavra que aqui significa "tempo para si mesmo, sem ninguém à espreita". A não ser que você seja um eremita ou um par de gêmeos siameses, provavelmente gosta de tirar umas férias da família com um amigo ou companheiro, no seu quarto ou em um vagão de trem que você conseguiu levar sorrateiramente para fora do país. Mas desde aquele dia pavoroso na Praia de Sal, quando o sr. Poe contou aos Baudelaire que seus pais haviam morrido, eles praticamente não tiveram momentos de privacidade. Do quarto pequeno e escuro onde dormiam



na casa do conde Olaf até o trailer superlotado no Parque Caligari, e todos os lugares deploráveis entre uma coisa e outra, a situação dos Baudelaire foi sempre tão desesperada que quase nunca eles conseguiam um momento de privacidade.

Enquanto Violet e Quigley descansam por mais alguns minutos em cima de uma saliência a meio caminho do topo da queda d'água congelada, aproveito a

oportunidade para conceder a eles um pouquinho de privacidade, não escrevendo mais nada sobre o que aconteceu entre aqueles dois amigos naquela tarde gélida.

Existem aspectos da minha vida pessoal sobre os quais jamais escreverei, por mais preciosos que sejam, e oferecerei à mais velha dos Baudelaire o mesmo direito. Contarei a vocês que os dois jovens retomaram a escalada, que a tarde pouco a pouco se tornou noite e que tanto Violet como Quigley sorriam discretamente, enquanto o candelabro testava o gelo, e os sapatos de alpinismo ajudavam os dois a escalar as montanhas. Mas Violet Baudelaire teve tão poucos momentos de privacidade na vida que permitirei a ela guardar para si mesma alguns poucos momentos importantes que não contarei aos meus leitores angustiados.

"Estamos quase lá", disse Violet. "É difícil enxergar com o sol poente, mas acho que estamos quase no cume."

"Mal posso acreditar que escalamos durante a tarde inteira", disse Quigley.

"Não durante a tarde inteira', lembrou ela com um sorriso tímido. "Acho que essa queda d'água é quase tão alta quanto a Avenida Sombria 667. Levei bastante tempo para subir e descer por aquele poço de elevador e achar seus irmãos. Espero que agora sejamos mais bem-sucedidos."

"Eu também", disse Quigley. "O que você acha que vamos encontrar no cume?"

"Set!", veio a resposta.

"Não consegui ouvir por causa do vento", disse Quigley. "O que você disse?"

"Eu não disse nada", respondeu Violet. Ela olhou para cima e apertou os olhos tentando enxergar aos últimos clarões do crepúsculo, não acreditando que tivesse ouvido direito. De todas as palavras da língua inglesa, em que foi originalmente escrito este livro, a palavra "set" é a que tem o maior número de definições, e se você abrir um bom dicionário e ler o extenso verbete, começará a achar que "set" nem chega a ser uma palavra, mas apenas um som que significa coisas diferentes, dependendo de quem diz. Por exemplo, se uma banda de músicos de jazz fala "set", eles devem estar se referindo às músicas que pretendem tocar naquela noite, contanto que o clube onde tocam não tenha sido incendiado. Se um proprietário de restaurante usa a palavra "set", deve estar se referindo a um conjunto de taças de vinho idênticas ou a um grupo de garçonetes com a mesma aparência. Um bibliotecário chamaria de "set" uma coleção de livros do mesmo autor ou sobre o

mesmo assunto. E um egiptólogo usaria a palavra "set" para se referir ao antigo deus do mal, muito embora ele não apareça muito nas conversas. Mas quando Violet ouviu a palavra "set", vindo de cima do Cume das Aflições, ela não achou que havia uma banda de jazz, nem um dono de restaurante, nem um bibliotecário, nem um egiptólogo falando sobre jazz, nem taças de vinho, garçonetes, livros temáticos, e nem um imoral aardvark, o inimigo mitológico do deus Osíris. Ela cravou o seu garfo o mais alto que pôde e viu os raios do sol poente se refletirem em um grande dente, então Violet percebeu que a definição da palavra "set" era: "Eu sabia que você ia me encontrar!", e quem a pronunciou foi Sunny Baudelaire.

"Set!", disse Sunny outra vez.

"Sunny!", exclamou Violet.

"Psiu!", disse Sunny.

"O que está acontecendo?", perguntou Quigley, várias garfadas atrás de Violet.

"É Sunny", explicou Violet, e içou-se até o cume para ver sua irmãzinha de perto. Ela estava em pé ao lado do carro do conde Olaf, sorrindo de orelha a orelha. Sem mais palavra, as duas Baudelaire se abraçaram com força, mas Violet tomou cuidado para não cutucar Sunny com um dos garfos que segurava. Quando Quigley chegou ao cume e se recostou contra um dos pneus do automóvel, as duas Baudelaire estavam sorrindo com lágrimas nos olhos.

"Eu sabia que a veríamos de novo, Sunny", disse Violet. "Eu sabia."

"Klaus?", perguntou Sunny.

"Ele está bem, e perto", disse Violet. "Ele também sabia que conseguiríamos encontrá-la."

"Set", concordou Sunny, mas então reparou em Quigley, e seus olhos se arregalaram.

"Quagmire?", perguntou espantada.

"Sim", disse Violet. "Esse é Quigley Quagmire, Sunny. Ele sobreviveu ao incêndio." Sunny andou, vacilante, até Quigley e apertou-lhe a mão. "Ele nos levou até a base de operações com um mapa desenhado por ele."

"Arigatô", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa parecida com: "Apreciamos

a sua ajuda, Quigley".

"Foi você quem enviou um sinal para nós?", perguntou ele.

“Eu”, disse Sunny. “Lox.”

"O conde Olaf andou obrigando você a preparar a comida?", perguntou Violet, perplexa.

"Carmiga sopratudo", disse Sunny.

"Olaf a obrigou até a limpar as migalhas do carro", traduziu Violet para Quigley.

"Isso é ridículo!", disse Quigley.

"Cinderela", disse Sunny. Ela queria dizer algo do gênero de: "Tive de fazer todas as tarefas domésticas e fui humilhada o tempo todo", mas Violet não teve tempo de traduzir, pois a voz rascante do conde Olaf soou.

"Onde está você, Bebelaire?", perguntou ele, somando um apelido absurdo à sua lista de insultos. "Tenho tarefas para você."

As três crianças se entreolharam em pânico. "Escondesconde", sussurrou Sunny, e nem foi preciso traduzir. Violet e Quigley olharam para todos os lados à procura de um lugar para se esconder. Mas só havia um único lugar.

"Embaixo do carro", disse Violet, e ela e Quigley se contorceram para entrar debaixo do automóvel comprido e preto, tão sujo e fedido quanto o seu dono. Como inventora que era, a mais velha dos Baudelaire tinha estudado atentamente o mecanismo dos automóveis, mas nunca tinha visto um em estado de conservação tão precário, uma frase que aqui significa "a parte inferior de um automóvel tão deteriorada que o óleo do motor pingava sobre as cabeças das duas crianças escondidas ali embaixo". Mas eles não tinham um momento a perder com seu desconforto. Assim que conseguiram esconder seus sapatos de alpinismo, chegaram o conde Olaf e seus comparsas. Debaixo do carro tudo o que os dois voluntários podiam ver era a tatuagem do vilão no seu tornozelo esquerdo imundo e os sapatos de salto alto de Esmé Squalor, ornamentados com brilhos e estampas de olhos.

"A única coisa que comemos hoje foi aquele salmão defumado, e já é quase hora do jantar", disse Olaf. "É melhor começar a cozinhar, órfã."

"Amanhã é a Falsa Primavera", disse Esmé, "e seria muito in ter um jantar de Falsa Primavera."

"Você ouviu isso, dentuça?", rosnou Olaf. "Minha namorada quer um jantar elegante. Mãos à obra."

"Olaf, precisamos de você aqui", disse uma voz muito profunda, e Violet e Quigley viram dois pares de sinistros sapatos pretos surgirem de trás dos vilões, que estremeceram. De repente, pareceu ficar muito mais frio embaixo do carro, e Violet teve de forçar as pernas contra os pneus para que elas não tremessem e acabassem fazendo barulho.

"Sim, Olaf", concordou a voz rouca do homem com barba mas sem cabelo, embora Violet e Quigley não o enxergassem. "O nosso plano de recrutamento vai acontecer logo de manhã, portanto precisamos que você ajude a abrir a rede no chão."

"Você não pode mandar um dos nossos empregados fazer isso?", perguntou Esmé. "O

homem de mãos de gancho, as duas mulheres de cara branca e as três aberrações do parque poderiam fazer isso. Contando vocês, são oito pessoas para abrir a rede. Por que nós deveríamos fazer isso?"

Os quatro sapatos pretos deram um passo na direção dos elegantes saltos de Esmé e da tatuagem de Olaf. "Vocês vão ajudar", disse a mulher com cabelo mas sem barba, "porque eu mandei."

Houve uma longa pausa, então o conde Olaf soltou uma risadinha esganiçada. "Essa é

uma boa razão", disse. "Vamos, Esmé. Já demos nossas ordens ao bebê, não temos mesmo mais nada para fazer."

"É verdade", concordou Esmé. "Eu estava pensando em começar a fumar de novo, estou entediada. Você tem mais algum daqueles cigarros verdes?"

"Receio que não", retrucou o homem com barba mas sem cabelo, se afastando do carro.

"Foi o único que encontrei."

"Que pena", disse Esmé. "Não gosto do gosto nem do cheiro, e eles fazem mal para a saúde, mas os cigarros estão muito in, e eu gostaria de fumar."

"Talvez haja mais um nas ruínas da base de operações", disse a mulher com cabelo mas sem barba. "É difícil achar as coisas no meio de todas aquelas cinzas. Nós procuramos por dias a fio e não conseguimos encontrar o açucareiro."

"Não na frente do bebê!", disse Olaf depressa, e os quatro pares de sapatos saíram andando. Violet e Quigley permaneceram embaixo do carro até Sunny dizer "Barralimpa", o que queria dizer alguma coisa tipo "Agora já dá para sair com segurança".

"Que pessoal horroroso", disse Quigley, limpando óleo e fuligem do casaco. "Senti calafrios da cabeça aos pés."

"Tinham uma aura ameaçadora", sussurrou Violet. "Os pés com a tatuagem eram o conde Olaf e aqueles sapatos brilhosos eram Esmé Squalor. Mas quem eram os outros dois, Sunny?"

"Piromaníacos ignotos", murmurou Sunny. Ela queria dizer alguma coisa parecida com:

"Não sei, mas foram eles que tocaram fogo na base de operações de C.S.C.". E Violet se apressou em explicar.

"Klaus encontrou uma importante mensagem que sobreviveu ao incêndio", disse Violet.

"Quando voltarmos com você para lá tenho certeza de que Klaus já terá decodificado a mensagem. Vamos."

"Nempensá", disse Sunny, o que queria dizer: "Não creio que deva acompanhar vocês".

"Céus, por que não?", perguntou Violet.

"Otrosan", disse Sunny.

"Sunny está dizendo que os vilões mencionaram um outro santuário para os voluntários se reunirem", explicou Violet para Quigley.

"Você sabe onde fica?", perguntou Quigley.

Sunny sacudiu a cabeça. "Dossiolaf", disse ela.

"Mas se o conde Olaf está com o dossiê Snicket", disse Violet, "como você vai descobrir onde fica o santuário?"

"Matahari", disse ela, o que queria dizer algo como: "Se eu ficar, poderei espionar e descobrir". "De jeito nenhum", disse Violet, depois de traduzir. "Não é seguro você ficar aqui, Sunny. Já é ruim que Olaf a tenha obrigado a cozinhar."

"Lox", salientou Sunny.

"Mas o que você vai preparar para um jantar de Falsa Primavera?" Sunny sorriu para a irmã e foi andando até o porta-malas. Violet e Quigley ouviram o barulho que Sunny fazia enquanto vasculhava os restos dos suprimentos, mas se mantiveram alertas para impedir que Olaf e seus comparsas os surpreendessem. Quando Sunny voltou, ostentava um sorriso triunfante e um grande saco de cogumelos, uma lata de castanhas d'água e uma enorme berinjela. "Enroladinhos Falsa Primavera!", disse, o que queria dizer alguma coisa na linha de: "Legumes sortidos embrulhados em folhas de espinafre, preparados em homenagem à

Falsa Primavera".

"Só por você conseguir carregar essa berinjela, já fico surpresa. Que dizer prepará-la", disse Violet. "Ela deve pesar quase a mesma coisa que você."

"Chanceceia", disse Sunny. Ela queria dizer alguma coisa como: "Servir a ceia aos vilões seria a oportunidade perfeita para ouvir a conversa deles", e Violet traduziu relutante.

"Parece perigoso", disse Quigley.

"É claro que é perigoso", disse Violet. "Se a pegarem espionando, o que podem fazer?"

"Gaga-gugu", disse Sunny, o que queria dizer: "Ninguém vai me pegar porque acham que eu sou apenas um bebê indefeso".

"Acho que sua irmã tem razão", disse Quigley. "De um jeito ou de outro, não seria seguro carregá-la até lá embaixo. Precisamos das nossas mãos livres para segurar os

garfos e descer. Vamos deixar Sunny investigar o mistério, ela é quem tem a maior possibilidade de resolvê-lo. Enquanto isso, trabalharemos em um plano de fuga."

Violet sacudiu a cabeça. "Não quero deixar a minha irmã para trás", disse ela. "Os Baudelaire jamais devem ser separados."

"Separôklaus", argumentou Sunny.

"Se existe algum outro lugar onde os voluntários estão se encontrando", disse Quigley,

"precisamos saber onde é. Sunny pode descobrir para nós, mas só se ela ficar aqui."

"Não vou abandonar a minha irmãzinha bebê no topo de uma montanha", disse Violet. Sunny deixou cair os seus legumes no chão, foi andando até a irmã e sorriu. "Não sou mais um bebê", disse Sunny, e abraçou-a. Essa foi a frase mais comprida que a jovem Baudelaire já tinha pronunciado, e, olhando para ela, Violet percebeu quão verdadeira era sua frase. Sunny de fato já não era um bebê. Era uma menininha com dentes aguçados, algumas habilidades culinárias impressionantes e com a oportunidade de espionar um grupo de vilões e descobrir uma informação crucial. Durante os eventos desafortunados que recaíram sobre os três órfãos, Sunny



superara sua primeira infância, e, embora Violet ficasse meio triste só de pensar nisso, ela ficou orgulhosa e sorriu para a irmã.

"Acho que você tem razão", disse Violet. "Você já não é um bebê. Mas tome cuidado, Sunny. Ainda que você seja uma mocinha, é perigoso ficar espionando vilões. E lembre-se, estamos bem ao pé da queda d'água. Se precisar de nós, é só mandar outro sinal." Sunny abriu a boca para responder, mas antes que ela conseguisse emitir um único som, as três crianças ouviram um prolongado ruído embaixo do carro de Olaf, como se uma das serpentes do dr. Montgomery estivesse lá. O carro oscilou de leve, e Violet apontou para um dos pneus, que tinha murchado. "Eu devo ter furado", disse Violet, "com os meus sapatos de alpinismo com garfos."

"Essa não é uma coisa simpática para fazer", disse Quigley, "mas não posso dizer que sinto muito."

"Como vai indo o jantar, dentuça?", gritou a voz cruel do conde Olaf, sobrepondo-se ao ruído do vento.

"Acho que é melhor ir embora, antes que nos descubram", disse Violet, dando outro abraço na irmã e um beijo na testa. "Logo nos veremos, Sunny."

"Até logo, Sunny", disse Quigley. "Estou muito contente por conhecê-la em pessoa. Muito obrigado por nos ajudar a encontrar o último santuário."

Sunny Baudelaire ergueu os olhos para Quigley, depois para a sua irmã mais velha, e abriu para eles um grande e alegre sorriso com todos os seus dentes impressionantes. Depois de passar tanto tempo na companhia de vilões, ela estava alegre por estar com pessoas que respeitavam suas habilidades, apreciavam seu trabalho e entendiam seu modo de falar. Mesmo que Klaus não estivesse ali, ela se sentia como se sua família estivesse reunida e a temporada nas Montanhas de Mão-Morta fosse ter um final feliz. Sunny estava errada quanto a isso, é claro, mas naquele instante a mais jovem Baudelaire apenas sorriu para aquelas duas pessoas que se preocupavam com ela, uma que acabara de conhecer e outra que conhecia desde sempre, e se sentiu como se estivesse ficando mais alta naquele exato momento. "Feliz", disse a mocinha. E

todos os que a ouviram entenderam o que ela queria dizer.

Se você já viu o retrato de alguém que acabou de ter uma idéia, deve ter notado a





lâmpada acima da cabeça do retratado. Não é usual uma lâmpada pairando no ar, mas essa imagem se tornou símbolo do pensamento, assim como a imagem de um olho se tornou símbolo do crime e do comportamento desonesto. Quando Violet e Quigley desceram de volta pelo escorregador de gelo, seus sapatos de alpinismo assistidos por garfos se cravando no gelo a cada passo, olharam para baixo e viram Klaus, iluminado pelos últimos raios do sol poente. Ele segurava um farolete acima da cabeça para ajudar os dois alpinistas a encontrar o caminho, mas parecia que ele tinha acabado de ter uma idéia.

"Ele deve ter encontrado um farolete no meio dos destroços", disse Quigley. "Parece o que Jacques me deu de presente."

"Espero que ele tenha encontrado informações suficientes para decodificar o Colóquio Secreto Criostático", disse Violet, e bateu o candelabro no gelo abaixo dos pés. "Tenha cuidado aqui, Quigley. O gelo parece fino. Vamos contornar."

"Quando subimos o gelo parecia estar mais sólido que agora", disse Quigley.

"Não é de admirar", disse Violet. "Na subida furamos o gelo com os nossos garfos. Quando chegar a Falsa Primavera, toda essa queda d'água estará meio descongelada."

"Quando chegar a Falsa Primavera", disse Quigley, "espero que estejamos a caminho do último santuário."

"Eu também", disse Violet, e os dois alpinistas não disseram mais nada até chegar ao pé

da queda d'água e atravessar a lagoa congelada pelo caminho que Klaus indicava com o farolete.

"Estou tão contente por vocês terem voltado inteiros", disse Klaus, iluminando os restos da sala de jantar. "Está frio, mas se nos sentarmos atrás da entrada da biblioteca estaremos protegidos do vento."

Mas Violet estava tão ansiosa por contar quem eles tinham encontrado no cume da montanha que não podia esperar mais. "É Sunny", disse ela. "É Sunny quem está lá em cima. Era ela que estava nos mandando sinais."

"Sunny?", disse Klaus, com os olhos tão arregalados quanto o sorriso. "Como ela foi parar lá? Ela está bem? Por que você não a trouxe?"

"Ela está bem", disse Violet. "Está com o conde Olaf, mas está bem."

"Ele a machucou?", perguntou Klaus.

Violet sacudiu a cabeça. "Não", disse. "Ele a obriga a cozinhar e a fazer toda a limpeza."

"Mas ela é um bebê!", disse Klaus.

"Não é mais", disse Violet. "Nós nem percebemos, Klaus, mas ela cresceu um bocado. Ela é jovem demais para se encarregar de todas as tarefas domésticas, é claro, mas no meio de todo o sofrimento que passamos, ela deixou de ser um bebê."

"Ela já tem idade suficiente para espionar", disse Quigley. "Já descobriu quem ateou fogo na base de operações."

"Foram duas pessoas horríveis, um homem e uma mulher de auras ameaçadoras", disse Violet. "Até o Olaf tem medo deles."

"O que eles estão fazendo lá em cima?", perguntou Klaus.

"Uma espécie de reunião vilanesca", disse Quigley. "Eles mencionaram um plano de recrutamento e uma grande rede."

"Isso não me soa muito bem", disse Klaus.

"Ainda há mais", disse Violet. "O conde Olaf está com o dossiê Snicket e descobriu alguma coisa sobre um local secreto — o último santuário onde C.S.C., pode se reunir. E por isso que Sunny ficou lá. Se ouvir alguém comentar onde fica esse lugar, saberemos onde encontrar os outros voluntários."

"Espero que ela consiga descobrir", disse Klaus. "Sem ela, tudo o que eu descobri é

inútil."

"O que você descobriu?", perguntou Quigley.

"Vou mostrar", disse Klaus, e seguiu na frente até as ruínas da biblioteca, onde Violet reparou que ele estivera trabalhando. Seu caderno azul-escuro estava aberto, e várias páginas estavam cheias de anotações. Ali perto havia uma porção de pedaços de papel meio queimados, empilhados debaixo de uma xícara chamuscada que Klaus usou como peso de papel, e todo o conteúdo da geladeira estava disposto em semicírculo: o pote de mostarda, o vidro de azeitonas, três vidros de geléia e as cebolinhas semicongeladas. O pote da conserva de um pepino só e o suco de limão tinham sido postos de lado. "Essa é uma das pesquisas mais difíceis que já fiz", disse Klaus, sentando-se junto ao seu caderno. "A biblioteca do juiz Strauss era confusa, e a biblioteca gramatical da tia Josephine era maçante, mas a biblioteca arrasada de C.S.C, é um desafio maior. Mesmo que soubesse que livro estou procurando, ele pode ter se desfeito em cinzas."

"Você encontrou alguma coisa sobre o Colóquio Secreto Criostático?", perguntou Quigley, sentando-se ao lado dele.

"No começo, não", disse Klaus. "O pedaço de papel que nos levou até a geladeira estava no meio das cinzas, o que dificultou a busca. Mas depois encontrei uma página que devia ser do mesmo livro." Ele pegou o seu caderno e ergueu o farolete para poder enxergar as páginas. "A página estava tão gasta", disse, "que a copiei para o meu livro de lugar-comum. Ela explica o funcionamento do código."

"Leia para nós", disse Violet, e Klaus aquiesceu, uma palavra que aqui significa "aceitou a sugestão de Violet e leu em voz alta um parágrafo muito complicado".

"O 'Colóquio Secreto Criostático'", leu ele, "'é um sistema de comunicação de emergência que se vale dos produtos mais esotéricos que se pode encontrar em uma geladeira. Os voluntários saberão que o código está sendo usado pela presença de

cebol... " Ele ergueu os olhos do caderno. "A sentença acaba aqui", disse, "mas suponho que 'cebol' seja a primeira parte de 'cebolinhas semicongeladas'. Se houver alguma cebolinha semicongelada na geladeira, deverá

haver também uma mensagem."

"Entendi", disse Violet, "mas o que quer dizer esotéricos?”

"Neste caso", disse Klaus, "acho que quer dizer coisas que não são muito usadas, as coisas que ficam muito tempo na geladeira."

"Como mostarda, geléias e coisas assim", disse Violet. "Entendi."

'"O recipiente da mensagem encontrará as iniciais dele ou dela, conforme especificado por um dos nossos voluntários poetas, como se segue'", continuou Klaus. "E então vem um poeminha:

“Dos potes de geléia, o mais escuro Contém o destinatário seguro."

"Isso é um dístico", disse Quigley. "Como os que a minha irmã escreve."

"Não creio que a sua irmã tenha escrito esse poema", disse Violet. "O código deve ter sido inventado antes de ela nascer."

"Foi o que pensei", disse Klaus, "mas quem será que ensinou Isadora a fazer dísticos?

Pode ter sido um voluntário."

"Ela teve um professor de poesia quando éramos pequenos", disse Quigley, "mas nunca cheguei a conhecê-lo. Sempre tive aulas de cartografia."

"E a sua habilidade para fazer mapas", disse Violet, "nos levou à base de operações."

"E a sua habilidade de inventora", disse Klaus, "possibilitou escalar o Cume das Aflições."

"E a sua habilidade em pesquisas está nos ajudando agora", disse Violet. "E como se estivéssemos em treinamento sem saber."

"Nunca pensei que aprender cartografia fosse um treinamento", disse Quigley. "Era apenas algo de que eu gostava."

"Bem, eu nunca tive treinamento em poesia", disse Klaus, "mas o dístico parece dizer que dentro do pote de geléia mais escuro está o nome da pessoa que deve receber a mensagem." Violet olhou para os três potes de geléia. "Tem de damasco, morango e amora-preta", disse. "Amora-preta é a mais escura."

Klaus desatarraxou a tampa do pote de geléia. "Olhem", disse ele, e apontou o farolete para que Violet e Quigley pudessem ver. "Alguém escreveu duas letras na superfície da geléia com uma faca: J e S."

"J.S.", disse Quigley. "Jacques Snicket."

"A mensagem não pode ser para ele", disse Violet. "Jacques Snicket está morto."

"Talvez quem escreveu a mensagem não soubesse", disse Klaus, e continuou a ler o livro de lugar-comum. "'Se necessário, o colóquio usará um calendário de dias da semana, baseado em frutos, a fim de anunciar um encontro. Domingo é representado por um solitário...' Aqui a frase foi cortada, mas acho que significa que essas azeitonas são um código. Domingo é uma azeitona, segunda-feira, duas azeitonas, e assim por diante."

"Quantas azeitonas há naquele vidro?", perguntou Quigley.

"Cinco", disse Klaus, franzindo o nariz. "Desde que os Squalor nos prepararam martínis aquosos, o sabor das azeitonas me enjoa."

"Cinco azeitonas quer dizer quinta-feira", disse Violet.

"Hoje é sexta", disse Quigley. "O encontro dos voluntários vai ser daqui a menos de uma semana."

Os dois Baudelaire assentiram com a cabeça, e Klaus abriu seu caderno de novo. "'Os condimentos preparados à base de especiarias'", leu, "'devem trazer uma etiqueta codificada, remetendo os voluntários a poemas em código.'"

"Não entendi", disse Quigley.

Klaus pegou o pote de mostarda. "É aqui que a coisa fica complicada. A mostarda é um condimento feito à base de especiarias e, conforme o código, deveria nos remeter

a um poema."

"Como a mostarda pode nos remeter a um poema?", perguntou Violet. Klaus sorriu. "No começo eu também fiquei confuso", disse ele, "mas depois resolvi dar uma olhada na lista de ingredientes. Escutem só: 'Vinagre, sementes de mostarda, sal, açafrão-da-índia, a quadra final da décima primeira estância de "O jardim de Proserpina", de Algernon Charles Swinburne, e cálcio dissódico, um conservante supostamente natural'. Quatro linhas de um poema formam uma quadra, e uma estância é o mesmo que uma estrofe, ou seja, uma seqüência de versos. Essa é a referência a um poema."

"A lista de ingredientes de uma geléia é um lugar perfeito para esconder um código", disse Violet. "Mas você encontrou o poema?"

Klaus franziu a testa e ergueu a xícara de chá.

"Encontrei uma pilha de papéis queimados quase se desintegrando", disse ele, "mas aqui está o que restou dela. A quadra final da décima primeira estância de 'O jardim de Proserpina', de Algernon Charles Swinburne."

"Conveniente", disse Quigley.

"Um pouco conveniente demais", disse Klaus. "A biblioteca inteira foi destruída, e o único poema que sobreviveu é aquele que precisamos. Seria muita coincidência." Ele ergueu o pedaço de papel para que Violet e Quigley pudessem vê-lo. "Parece que alguém sabia que iríamos procurar por isso."

"O que diz a quadra?", perguntou Violet.

"Nada muito alegre", disse Klaus, e iluminou o poema:

"Que não há vida que sempre viva; Que não há defunto que reviva; Que mesmo exausto o rio à deriva Tortuoso e seguro chega ao mar."

As crianças estremeceram e, sentadas no chão, chegaram ainda mais perto uma da outra. Havia escurecido, e só o que se enxergava era o farolete de Klaus. Se você já esteve no escuro munido de um farolete, talvez tenha sentido que alguma coisa na escuridão em volta do facho de luz estava à espreita. Mas se você resolver ler um poema sobre defuntos, com certeza não vai se sentir melhor.

"Gostaria que Isadora estivesse aqui", disse Quigley. "Ela poderia nos dizer o que

significa esse poema."

"Que mesmo exausto o rio à deriva, tortuoso e seguro chega ao mar" repetiu Violet.

"Você acha que isso se refere ao último santuário?"

"Não sei", disse Klaus. "Não consegui encontrar mais nada que nos ajude a compreender o poema."

"E o suco de limão?", perguntou Violet. "E o pepino em conserva?" Klaus sacudiu a cabeça. "Talvez houvesse algo mais na mensagem", disse ele, "mas o fogo deu cabo de todo o resto. Não achei mais nada na biblioteca que parecesse útil." Violet pegou o pedaço de papel das mãos do irmão e leu mais uma vez a quadra. "Há

alguma coisa meio apagada aqui", disse ela. "Alguma coisa que foi escrita a lápis." Quigley enfiou a mão na sua mochila. "Esqueci que temos dois faroletes", disse, e acendeu uma segunda luz sobre o papel. De fato havia uma palavra escrita a lápis, quase apagada. Violet, Klaus e Quigley se inclinaram o máximo que puderam para tentar ler. Os ventos noturnos fizeram o papel farfalhar, e as crianças tremeram com os faroletes nas mãos. Mas por fim conseguiram direcionar os fachos de luz sobre a quadra e ler o que estava escrito.

"Açucareiro", disseram em uníssono, e se entreolharam.

"O que será que quer dizer?", perguntou Klaus.

Violet suspirou. "Quando estávamos embaixo do carro de Olaf", disse ela a Quigley, "um dos vilões disse alguma coisa sobre procurar um açucareiro. Lembra?" Quigley assentiu e pegou o seu caderno roxo. "Jacques Snicket já mencionou um açucareiro", disse ele, "quando estávamos na biblioteca do dr. Montgomery. Disse que era importante encontrá-lo. Anotei isso no topo de uma página do meu caderno de lugar-comum e deixei o resto da página em branco, para o caso de conseguir mais alguma informação." Ele ergueu a página e os dois Baudelaire viram que não havia mais nada escrito. "Nunca mais soube de nada a respeito", disse ele.

Klaus suspirou. "Parece que quanto mais sabemos, mais mistérios encontramos. Chegamos à base de operações de C.S.C., e decodificamos uma mensagem, mas tudo o que sabemos é que existe um último santuário e que os voluntários vão se reunir quinta-feira nesse lugar."

"Pode ser o suficiente", disse Violet, "caso Sunny descubra onde fica o santuário."

"Mas como vamos tirar Sunny das garras do conde Olaf?", perguntou Klaus.

"Com os nossos sapatos de alpinismo assistidos por garfos", disse Quigley. "Podemos voltar lá em cima e resgatar Sunny."

Violet sacudiu a cabeça. "Se Sunny desaparecer", disse ela, "vão procurar por nós. Do Cume das Aflições é possível enxergar tudo, por quilômetros e quilômetros. E nós somos minoria absoluta."

"É verdade", admitiu Quigley. "Há dez vilões lá em cima contra apenas quatro de nós. O

que faremos para salvá-la?"

"Olaf está com alguém que amamos", disse Klaus, pensativo. "Se tivéssemos alguma coisa que ele ama, poderíamos trocá-la por Sunny. O que Olaf ama?"

"Dinheiro", disse Violet.

"Incêndios", disse Quigley.

"Nós não temos dinheiro", disse Klaus, "e Olaf não trocaria Sunny por um incêndio. Deve haver alguma coisa que o deixaria muito infeliz se tirássemos dele." Violet e Quigley se entreolharam e sorriram. "O conde Olaf ama Esmé Squalor", disse Violet. "Se Esmé fosse nossa prisioneira poderíamos negociar uma troca."

"É verdade", disse Klaus, "mas Esmé não está em nosso poder."

"Mas podemos fazê-la prisioneira", disse Quigley, e todos se calaram. Fazer uma pessoa prisioneira é uma coisa vilanesca, e quando você pensa em fazer uma coisa vilanesca — mesmo que tenha uma boa razão para isso —, você se sente como um vilão. Nos últimos tempos os Baudelaire usaram disfarces e ajudaram a incendiar um parque de diversões, e com isso estavam começando a se sentir como vilões. Mas Violet e Klaus nunca tinham feito nada tão vilanesco como fazer alguém prisioneiro, e olhando para Quigley puderam perceber que ele se sentia igualmente desconfortável por estar ali sentado no escuro maquinando um plano vilanesco.

"Como agiríamos?", perguntou Klaus.

"Poderíamos atraí-la", disse Violet, "e fazê-la cair em uma armadilha." Quigley escreveu alguma coisa no seu livro de lugar-comum. "Poderíamos usar os Cilindros

Sempre-verdes Combustíveis", disse. "Esmé pensa que são cigarros e acha que cigarros são in. Se acendermos alguns, pode ser que ela desça até aqui."

"Mas, e depois?", perguntou Klaus.

Violet sentiu frio e enfiou a mão no bolso. Encontrou o que estava procurando. De dentro do bolso, ela tirou uma fita de cabelo que estava ao lado da faca de pão, esquecida ali dentro. A mais velha dos Baudelaire prendeu os cabelos e pensou que era estranho usar seus talentos de inventora para capturar alguém numa armadilha. "A armadilha mais fácil de construir", disse ela,

"é um buraco. Podemos cavar um buraco fundo e cobri-lo com um pouco dessa madeira queimada, para que Esmé não possa vê-lo. A madeira está enfraquecida pelo fogo, quando ela pisar..."

Violet não precisou terminar a sentença para que Klaus e Quigley concordassem. "Há

séculos os caçadores usam armadilhas assim", disse Klaus, "para capturar animais."

"Isso não me consola. Continuo me sentindo mal por fazer isso", disse Violet.

"Como poderíamos cavar um buraco desses?", perguntou Quigley.

"Bem", disse Violet, "nós não temos nenhuma ferramenta, mas podemos usar as mãos. A medida que o buraco for ficando mais fundo, removeremos a terra com a ajuda de algum instrumento."

"Eu ainda tenho aquele jarro", disse Klaus.

"Precisamos tomar cuidado para não cairmos em nossa própria armadilha", disse Violet.

"Eu tenho uma corda na mochila", disse Quigley. "Podemos amarrar uma ponta na arcada da biblioteca e usá-la para sair do buraco."

Violet passou a mão na terra. Estava muito fria, porém solta, e ela percebeu que eles não teriam problemas para cavar o buraco. "Será que isso é certo?", perguntou Violet. "Vocês acham que os nossos pais fariam a mesma coisa?"

"Os nossos pais não estão aqui", disse Klaus. "Podem ter estado, mas não estão aqui

agora."

As crianças ficaram em silêncio e tentaram pensar um pouco, apesar do frio e da escuridão. Decidir qual a coisa certa a fazer é mais ou menos como decidir o que usar numa festa. É fácil perceber que vestir um equipamento de mergulho ou levar um par de travesseiros seria uma grande mancada. Mas decidir qual a coisa certa a fazer é muito mais delicado. Pode parecer certo vestir um terno azul-marinho, mas se você chegar lá e outra pessoa estiver com a mesma roupa, você pode acabar sendo confundido com aquela pessoa e algemado em seu lugar. Usar seus sapatos favoritos pode parecer certo, mas uma súbita inundação na festa pode estragá-los para sempre. Usar uma armadura nessa festa pode parecer certo, mas pode haver muitas outras pessoas usando a mesma coisa, e nesse caso você poderia acabar sendo pego em uma inundação devido a um caso de identidade trocada, e quando fosse arrastado pela fúria das águas até o mar, desejaria apenas ter vestido o equipamento para mergulho. A verdade é que você

jamais pode ter certeza de ter decidido vestir a coisa certa até que seja tarde demais para voltar e mudar de idéia, e é por isso que o mundo está cheio de pessoas maléficas e malvestidas e carentes de voluntários capazes de impedi-las.

"Eu não sei qual a coisa certa a fazer", disse Violet, "mas o conde Olaf raptou Sunny, e pode ser que tenhamos de capturar alguém para detê-lo."

Klaus concordou. "Vamos combater fogo", disse ele, "com fogo."

"Então é melhor pôr mãos à obra", disse Quigley, e pôs-se em pé. "Quando surgir o sol, acenderemos os Cilindros Sempre-verdes Combustíveis com a ajuda do espelho."

"Se queremos que o buraco esteja pronto ao alvorecer", disse Violet, "vamos ter de cavar a noite inteira."

"Onde vamos cavar?", perguntou Klaus.

"Na frente da entrada", decidiu Violet. "Depois podemos nos esconder atrás da arcada da biblioteca, até que Esmé caia."

"Como vamos saber se ela caiu", perguntou Quigley, "sem enxergá-la?"

"Vamos ouvir", respondeu Violet. "A madeira vai quebrar, e talvez Esmé grite." Klaus estremeceu. "Não será um som agradável."

"Nossa situação é que não é agradável", disse Violet, e a mais velha dos Baudelaire tinha razão. Não foi agradável se ajoelhar na frente da entrada destruída da biblioteca, nem cavar através das cinzas e da terra com as mãos nuas, enquanto as quatro correntezas do vale sopravam. Não foi agradável para Violet e seu irmão transportar a terra removida no jarro, enquanto Quigley amarrava sua corda na arcada para entrar e sair do buraco que cada vez ia ficando mais fundo. Não foi agradável nem mesmo fazer uma pausa para comer uma cenoura ou olhar para a reluzente queda d'água congelada e imaginar Esmé Squalor se aproximando da base de operações em busca de um Cilindro Sempre-verde Combustível. Mas a parte menos agradável da situação não foi a terra fria, nem os ventos gélidos, nem a exaustão de cavar o buraco noite adentro. A parte menos agradável foi imaginar que eles podiam estar fazendo uma coisa vilanesca. Os irmãos Baudelaire não tinham certeza de que cavar um buraco fundo para capturar uma vila era algo que seus pais ou qualquer outro voluntário aprovariam, mas com tantos segredos de C.S.C., perdidos nas cinzas era impossível ter certeza de alguma coisa, e essa incerteza os perseguiu a cada jarro cheio de terra, a cada subida pela corda e a cada pedaço de madeira que puseram sobre o buraco para escondê-lo.

Quando os primeiros raios de sol apareceram no horizonte nevoento, os Baudelaire ergueram os olhos para o escorregador de gelo. No topo das Montanhas de Mão-Morta estava um grupo de vilões espionado por Sunny. Mas quando Violet e Klaus olharam para o buraco fundo e escuro que Quigley os ajudara a cavar, se perguntaram se não haveria um outro grupo de vilões, ao pé do escorregador. Observando a coisa vilanesca que tinham feito, os três voluntários se perguntaram se eles mesmos não eram também vilões, e essa era a pior sensação do mundo.

CAPITULO

Doze



Na cidade sueca de Estocolmo, há pouco tempo, uma quadrilha assaltou um banco e fez alguns funcionários prisioneiros. Durante vários dias, assaltantes e prisioneiros viveram em íntima proximidade, expressão que aqui significa "permaneceram juntos durante todo o tempo até que a polícia invadisse o banco e prendesse os assaltantes". No entanto, quando os prisioneiros foram libertados, as autoridades descobriram que uma amizade havia florescido ente eles e os assaltantes, e desde então a expressão "Síndrome de Estocolmo" é usada para descrever essa estranha simpatia que se desenvolve entre vítima e algoz.

Outra expressão, contudo, descreve uma situação mais comum. É a chamada "Síndrome do Monte Fraught", e se aplica nos casos em que um prisioneiro não fica amigo de seus algozes; ao contrário, despreza-os mais a cada momento que passa e não vê a hora de escapar de suas garras. Era essa a sensação que Sunny Baudelaire experimentava ali, em pé na beira do Monte Fraught, enquanto olhava fixamente para a queda d'água congelada e pensava na sua situação. A menininha passara outra noite em claro no prato coberto, depois de lavar os restos de salmão com punhados de neve derretida. Era gelado, é claro, com os ventos das Montanhas de Mão-Morta soprando através dos buracos na tampa, e era doloroso, porque seus dentes começaram a bater de frio, causando pequenos cortes nos lábios. Porém havia mais uma razão para Sunny não ter dormido bem: ela estava frustrada. A despeito de todo o seu esforço, ela não conseguira descobrir a localização do último santuário onde C.S.C., iria se reunir, nem em que consistia o plano de recrutamento a que se referiram o homem com barba mas sem cabelo e a mulher com cabelo mas sem barba. Quando os vilões se reuniram em volta da pedra chata para o jantar, discutiram esses assuntos, mas toda vez que Sunny se aproximava eles a fulminavam com o olhar e mudavam rapidamente de assunto. Tudo o que conseguiu foi preparar um bom jantar para a trupe. Nenhuma das vilanescas figuras reclamou de seus rolinhos Falsa Primavera, e até

repetiram quando Sunny voltou com a bandeja.

Mas algo crucial escapara à atenção do conde Olaf e seus comparsas, e Sunny estava muito grata por isso. Em homenagem à Falsa Primavera, a jovem Baudelaire preparara legumes sortidos enrolados em folhas de espinafre. Isso consumira o saco de cogumelos, a lata de tremoços e o bloco de espinafre congelado. Mas no último minuto Sunny decidira não usar a enorme berinjela. Quando Violet mencionou que a berinjela devia pesar quase tanto quanto Sunny, a mais jovem dos Baudelaire teve uma idéia. Em vez de picar o legume em tiras, ela o esconderia atrás do pneu murcho do carro do conde Olaf. Agora que o sol despontava no céu e o grupo de

vilões logo começaria a costumeira briguinha matinal, Sunny resgatou a berinjela e a levou, rolando, para junto do prato de forno. Ao passar ao lado do carro com o enorme legume, olhou para a queda d'água congelada e notou que ela parecia menos congelada. Sabia que seus irmãos estavam lá embaixo com Quigley, e, embora não pudesse vê-los, sentia-se melhor por saber que estavam por perto e que logo estaria com eles.

"O que você está fazendo, bebê?" Sunny acabara de escamotear a berinjela dentro do prato de forno quando ouviu a voz de uma das comparsas de Olaf. As duas mulheres de cara branca estavam se espreguiçando na frente da barraca.

"Aubergine", respondeu Sunny, o que queria dizer: "Tenho planos para essa berinjela, e mesmo que conte do que se trata vocês não entenderão uma só palavra".

"Mais tatibitate", disse uma mulher de cara branca com um suspiro. "Estou começando a achar que Sunny é um bebê indefeso, e não uma espiã."

"Gugu-ga...", começou Sunny, mas a aba da barraca do conde Olaf se abriu antes que ela pudesse emitir o último "ga". O vilão e a sua namorada apareceram, e ficou claro que eles esperavam que o sábado fosse um grande dia, pois estavam paramentados para a ocasião, uma expressão que aqui significa "usando roupas tão estranhas que a mais jovem dos Baudelaire perdeu a fala quando os viu". Parecia que o conde Olaf tinha lavado a cara, o que era incrível, e estava vestindo um terno novo de um material que, à primeira vista, parecia ter estampa de bolinhas. Mas quando Sunny olhou com mais atenção, notou que cada bolinha era um pequeno olho, assim como a tatuagem de Olaf, a insígnia de C.S.C., e todos os outros olhos que vinham atormentando os Baudelaire desde aquele dia terrível na praia. Por isso, a visão do terno novo do conde Olaf produziu em Sunny a sensação de ser espionada não por um, mas por uma multidão de vilões. Mas não importa quão absurda fosse a indumentária de Olaf, a de Esmé Squalor era ainda pior. Sunny não conseguiu se lembrar de nenhum vestido tão enorme, e ficou surpresa por ele ter cabido na barraca, deixando ainda espaço suficiente para os vilões dormirem. O vestido era feito de camadas e camadas de tecido brilhante, amarelo, laranja e vermelho, cortadas em formas triangulares de tal modo que cada camada parecia penetrar na seguinte. Erguendo-se acima dos ombros, pilhas enormes de renda preta enrolavam-se no ar como estranhas volutas. O

vestido parecia tão imenso e esquisito que Sunny não pôde imaginar por que alguém usaria aquilo, mas quando a malfazeja namorada avançou para fora da barraca, tudo ficou claro: Esmé Squalor estava fantasiada de um enorme incêndio.

"Que manhã maravilhosa!", exultou o conde Olaf. "Pense só, no final do dia terei mais novos membros na minha trupe do que jamais tive!"

"E nós precisamos deles", concordou Esmé. "Temos que trabalhar juntos pela causa maior, que é tocar fogo no último santuário!"

"Só de pensar em ver o Hotel Desenlace em chamas eu já fico excitado! Vou abrir uma garrafa de vinho!", anunciou o conde Olaf, e Sunny cobriu a boca com as mãos para que os vilões não ouvissem seu gritinho de susto. O Hotel Desenlace devia ser o último santuário para o encontro dos voluntários, e Olaf estava tão excitado que pronunciara o nome inadvertidamente, uma palavra que aqui significa "sem perceber que a mais jovem dos Baudelaire estava por perto".

"A idéia de todas aquelas águias encobrindo o céu me deixa tão excitada que vou fumar um daqueles cigarros verdes!", anunciou Esmé, e em seguida fechou a cara. "Só que não tenho nenhum. Droga!"

"Mil perdões, vossa Esmecelência", disse uma das mulheres de cara branca, "mas vejo aquela fumaça verde no pé da queda d'água."

"É mesmo?", disse Esmé, ansiosa, e olhou na direção em que a empregada de Olaf apontava. Sunny também olhou, e reconheceu o penacho de fumaça verde no fundo do declive. A mais jovem dos Baudelaire se perguntou por que seus irmãos estariam sinalizando e o que estariam tentando dizer.

"É estranho", disse Olaf. "Não devia ter sobrado nada por queimar na base de operações."

"Olhe só a quantidade de fumaça", disse Esmé, gulosa. "Deve haver um maço inteiro de cigarros lá embaixo. O dia está ficando cada vez melhor!"

Olaf sorriu, depois desviou os olhos da queda d’água e notou a presença de Sunny. "Vou mandar o bebê descer e buscar os cigarros para você", disse o conde Olaf.

"Ye-sss!", disse Sunny, entusiasmada.

"O bebê roubaria todos os cigarros", disse Esmé, lançando um olhar feroz para a menininha. "Vou eu mesma."

"Mas essa descida pode levar horas", disse Olaf.

"Você não quer estar presente para o recrutamento? Eu amo pegar pessoas em armadilhas."

"Eu também", concordou Esmé, "mas não se preocupe, estarei de volta em instantes. Não vou andando. Um dos tobogãs me levará até lá num minuto."

"Droga!", Sunny não pôde deixar de exclamar. Ela queria dizer algo no gênero de: "Era o que eu planejava fazer", porém ninguém entendeu.

"Cale a boca, dentuça", disse Esmé, "e saia da minha frente." Ela passou em disparada pela mais jovem dos Baudelaire, e Sunny percebeu que havia alguma coisa costurada na barra do vestido que produzia um som crepitante, como o barulho de um incêndio. Jogando um beijo para o conde Olaf, Esmé pegou o tobogã dos vilões sinistros.

"Volto já, querido", disse ela. "Mande esse bebê tirar um cochilo antes que veja o que estamos armando."

"Esmé tem razão", disse Olaf, dirigindo a Sunny um sorriso cruel. "Já para o prato. Uma criatura tão feia e indefesa como você tem que ficar longe das minhas vistas."

"Falou e disse, bonitão", disse Esmé, e deu uma risadinha malvada, enquanto se preparava para escorregar pela queda d'água. As duas mulheres de cara branca saíram correndo para empurrar o tobogã enquanto Sunny desaparecia das vistas de Olaf.

Como você pode imaginar, a visão de uma mulher adulta, usando um enorme vestido que imitava chamas, descendo de tobogã da nascente do Arroio Enamorado para os dois afluentes e a lagoa semicongelada ao pé da queda d'água não é o tipo de coisa que passe despercebida. Violet foi a primeira a reparar no borrão colorido descendo em disparada, e guardou o espelho de Colette que usara para acender os Cilindros Sempre-verdes Combustíveis empilhados na frente do buraco. Franzindo o nariz por causa do cheiro de fumaça, Violet se voltou para Klaus e Quigley, que terminavam de colocar os últimos pedaços de madeira sobre a armadilha.

"Vejam", disse Violet, apontando para o vulto.

"Você acha que é Esmé?", perguntou Klaus.

Violet apertou os olhos. "Acho que sim", disse. "Ninguém, a não ser Esmé, usaria uma roupa dessas."

"É melhor nos escondermos", disse Quigley, "antes que ela nos veja." Os dois Baudelaire concordaram, e foram andando até a entrada da biblioteca.

"Fico feliz em não enxergar mais o buraco", disse Klaus. "Olhar para aquela escuridão me lembrou a horrível passagem secreta na Avenida Sombria 667."

"Foi lá que Esmé capturou os seus irmãos", disse Violet para Quigley, "e depois nos capturou."

"E agora que estamos combatendo fogo com fogo, nós é que vamos raptá-la", disse Quigley, incomodado.

"É melhor não pensar nisso", disse Violet, embora ela mesma não tivesse parado de pensar na armadilha. "Logo teremos Sunny de volta, e é isso que importa."

"Talvez isso também importe", disse Klaus, e apontou para a arcada. "Eu nunca tinha notado, até agora."

Violet e Quigley ergueram os olhos para ver ao que ele se referia, e viram quatro palavrinhas acima das suas cabeças, gravadas logo abaixo do grande letreiro que dizia "Biblioteca C.S.C."

"O mundo aqui silencia' , leu Quigley. “O que vocês acham que isso significa?"

"Parece um lema", disse Klaus. "Na Escola Preparatória Prufrock eles tinham um gravado perto da entrada, para que todos se lembrassem dele quando entrassem lá." Violet sacudiu a cabeça. "Não era nisso que eu estava pensando", disse. "Lembro vagamente de alguma coisa a respeito dessa frase."

"O mundo parece mesmo silencioso por aqui", disse Klaus. "Não ouvimos o zumbido de um só mosquito da neve desde que chegamos."

"O cheiro da fumaça os espanta, lembra?", disse Quigley.

"É claro", disse Klaus, e deu uma espiada pelo canto da arcada para conferir o progresso de Esmé. O borrão colorido estava mais ou menos a meio caminho da queda d'água, indo diretamente para a armadilha. "Havia tanta fumaça aqui na base de operações que os mosquitos podem nunca mais voltar."

"Sem mosquitos da neve", disse Quigley, "os salmões do Arroio Enamorado vão ficar com fome. Eles comem mosquitos da neve." Ele tirou do bolso o seu livro de

lugar-comum. "E

sem salmões", completou, "as águias das Montanhas de Mão-Morta vão ficar com fome. A destruição da sede de operações de C.S.C, causou danos ainda maiores do que eu imaginava." Klaus concordou. "Quando caminhávamos ao longo do Arroio Enamorado", disse, "os peixes estavam tossindo por causa das cinzas na água. Lembra, Violet?" Ele voltou-se para a irmã, mas Violet não estava ouvindo. Ela ainda tentava se lembrar onde tinha ouvido as palavras inscritas na arcada. "As únicas palavras que consigo ouvir agora", disse ela, "são O mundo aqui silencia." Ela fechou os olhos. "Acho que foi há muito tempo, Klaus, antes de você nascer."

"Talvez alguém as tenha dito para você", disse Quigley.

Violet tentou se remeter ao passado mais remoto de que se lembrava, mas tudo parecia tão nebuloso quanto as montanhas. Podia ver o rosto de sua mãe, seu pai em pé ao lado dela, usando um terno preto como as cinzas da base de operações. Sabia que eles tinham dito alguma coisa, mas não conseguia se lembrar o que era. Não importava o quanto tentasse, a memória continuava silenciosa como uma tumba. "Ninguém falou isso para mim", disse ela, afinal. "Alguém cantou. Acho que os meus pais cantaram as palavras 'o mundo aqui silencia' muito tempo atrás, mas não sei por quê." Ela abriu os olhos e encarou os dois meninos. "Talvez estejamos fazendo a coisa errada", disse.

"Mas nós tínhamos concordado", disse Quigley, "em combater fogo com fogo." Violet assentiu, e ao enfiar as mãos nos bolsos esbarrou de novo na faca de pão. Pensou na escuridão do buraco e no grito que Esmé daria ao cair dentro dele. "Sei que tínhamos concordado", disse Violet, "mas se C.S.C., de fato significa, como já nos ocorreu, Corporação pelo Salvamento das Chamas, então se trata de uma organização que extingue incêndios. Se todo mundo combatesse fogo com fogo, o mundo inteiro se acabaria em fumaça."

"Entendo o que você quer dizer", disse Quigley. "Se o lema de C.S.C, é O mundo aqui silencia, devíamos fazer alguma coisa menos barulhenta e violenta do que pegar alguém em uma armadilha."

"Quando eu estava olhando para dentro do buraco", disse Klaus mansamente, "lembrei de um livro escrito por um filósofo famoso. Ele disse: 'Quem enfrenta monstros deve cuidar para que, no processo, não se transforme em monstro também. Quando você olha longamente para o abismo, o abismo também olha para você'." Klaus olhou para a irmã, depois para Esmé, que já se aproximava, e por fim para a

madeira que cobria o buraco. "Um 'abismo' é, de fato, um 'buraco'", disse ele. "Nós construímos um abismo para Esmé. Isso é algo que só um monstro faria." Quigley estava copiando as palavras de Klaus no seu livro de lugar-comum. "O que aconteceu com esse filósofo?", perguntou.

"Está morto", disse Klaus. "Acho que você tem razão, Violet. Nós não queremos ser tão vilanescos e monstruosos quanto o conde Olaf."

"Mas o que vamos fazer?", perguntou Quigley. "Sunny ainda é prisioneira de Olaf, e Esmé estará aqui em pouco tempo. Se não pensarmos na coisa certa agora, será tarde demais." Assim que o trigêmeo terminou de falar, as três crianças ouviram algo que as fez perceber que já poderia ser tarde demais. Detrás da arcada, Violet, Klaus e Quigley ouviram o ruído áspero do tobogã chegando ao pé da queda d'água, e a risadinha triunfante de Esmé

Squalor. Os voluntários espiaram por detrás da arcada e viram a traiçoeira namorada sair do tobogã com um sorriso no rosto. Quando Esmé ajeitou o seu enorme vestido de chamas e deu um passo na direção dos Cilindros Sempre-verdes Combustíveis, Violet não estava mais olhando para ela. Olhava para o chão, a uns poucos passos de onde estava. As três máscaras contra mosquitos da neve que eles tinham dispensado logo que chegaram às ruínas estavam empilhadas. Tinham presumido que não precisariam mais delas, mas Violet se deu conta de que tinham se enganado. Quando Esmé deu mais um passo na direção da armadilha, Violet correu até as máscaras, colocou uma delas no rosto e saiu do esconderijo.

"Pare, Esmé!", gritou ela. "É uma armadilha!"

Esmé se deteve e olhou com curiosidade para Violet. "Quem é você?", perguntou ela.

"Você não devia aparecer de repente na frente das pessoas desse jeito. E uma coisa vilanesca."

"Sou uma voluntária", disse Violet.

A boca de Esmé, pintada de batom cor de laranja para combinar com o vestido, se abriu em um sorriso de escárnio. "Não há mais voluntários aqui", disse ela. "A base de operações está

destruída!"

Klaus foi o seguinte a pegar uma máscara e confrontar a pérfida companheira de Olaf. "A nossa base de operações pode estar destruída", disse, "mas C.S.C, está firme e forte como sempre!"

Esmé franziu o cenho para os dois irmãos como se não conseguisse decidir se deveria ou não ficar assustada. "Vocês podem ser fortes", disse ela, nervosa, "mas são baixinhos." Seu vestido crepitou quando ela fez menção de dar mais um passo na direção do buraco. "Quando eu puser as mãos em vocês..."

"Não!", gritou Quigley, e saiu de trás da arcada com a sua máscara. "Não chegue perto, Esmé. Se der mais um passo, cairá na nossa armadilha."

"Você está inventando essa história", disse Esmé, mas não se mexeu. "Você está

tentando ficar com os cigarros para você."

"Não são cigarros", disse Klaus, "e nós não somos mentirosos. Embaixo daquela madeira há um buraco muito fundo."

Esmé olhou desconfiada para eles. Precavida, uma palavra que aqui significa "sem cair em um buraco fundo", ela se inclinou, puxou um pedaço de madeira e olhou para dentro da armadilha. "Bem, bem, bem...", disse. "Vocês construíram mesmo uma armadilha. Eu jamais teria caído nela, é claro, mas devo admitir que vocês cavaram um buraco e tanto."

"Queríamos pegá-la", disse Violet, "para podermos trocá-la por Sunny Baudelaire. Mas..."

"Mas não tiveram coragem de ir até o fim", disse Esmé com um sorriso zombeteiro.

"Voluntários não são corajosos o bastante para fazer algo por uma causa maior."

"Atirar pessoas em buracos não é uma causa maior!", exclamou Quigley. "É uma traição."

"Se você não fosse tamanho idiota", disse Esmé, "perceberia que as duas coisas são mais ou menos a mesma."

"Ele não é um idiota", disse Violet, furiosa. Ela sabia, é claro, que não valia a pena se aborrecer com os insultos de uma pessoa tão ridícula, mas gostava demais de Quigley para permitir que o xingassem.

"Ele nos trouxe até a base de operações usando um mapa que ele mesmo desenhou."

"Ele é muito lido", disse Klaus.

Ao ouvir as palavras de Klaus, Esmé jogou a cabeça para trás e gargalhou, sacudindo as camadas crepitantes do enorme vestido. "Muito lido!", repetiu ela em um tom de voz desagradável.

"Ser muito lido não vai ajudá-lo em nada. Muitos anos atrás, queriam que eu desperdiçasse o verão inteiro lendo Ana Karenina, mas eu sabia que aquele livro bobo nunca iria me ajudar, portanto o joguei na lareira." Ela esticou o braço e recolheu mais alguns pedaços de madeira, que atirou longe com uma risadinha abafada. "Olhem para a sua preciosa base de operações, voluntários! Virou cinzas, assim como aquele livro. E olhem para mini. Sou bonita, elegante, e fumo cigarros!" Gargalhou de novo e apontou para as crianças. "Se vocês não ficassem o tempo todo de cabeça enfiada em livros, já teriam de volta aquele precioso bebê."

"Nós vamos tê-la de volta", disse Violet, com firmeza.

"E mesmo?", zombou Esmé. "E como vocês pretendem fazer isso?"

"Vou falar com o conde Olaf", disse Violet, "e ele vai entregá-la de volta para mim." Esmé começou a rir, embora sem o mesmo entusiasmo de antes. "O que você quer dizer com isso?", disse ela.

"Exatamente o que eu disse", respondeu Violet.

"Hum...", desconfiou Esmé. "Deixe-me pensar." A perversa namorada começou a andar de um lado para outro sobre a lagoa congelada, fazendo crepitar seu enorme vestido. Klaus se inclinou para cochichar com a irmã. "O que você está fazendo?", perguntou.

"Acha mesmo que podemos tirar Sunny do conde Olaf com uma simples conversa?"

"Não sei", Violet cochichou de volta, "mas é melhor do que atrair alguém para uma armadilha."

"Eu estava errado em cavar aquele buraco", concordou Quigley, "mas não estou seguro de que ir diretamente para as garras de Olaf seja a coisa certa a fazer."

"Vai levar algum tempo para chegar ao Cume das Aflições de novo", disse Violet.

"Pensaremos em alguma coisa durante a escalada."

"Assim espero", disse Klaus, "mas se não conseguirmos pensar em alguma coisa..." Klaus não teve chance de completar a frase, pois Esmé bateu palmas para chamar a atenção das crianças.

"Se vocês querem falar com o meu namorado", disse, "acho que posso levá-los até lá. Se não fossem tão bocós, saberiam que ele está muito perto."

"Eu sei onde ele está, Esmé", disse Klaus. "Está no topo da queda d'água, na nascente do Arroio Enamorado."

"Então imagino que vocês saibam chegar lá", disse Esmé, parecendo um pouco tola. "O

tobogã não sobe ladeiras, portanto eu não tenho idéia de como poderíamos chegar até o pico."

"Ela dará um jeito", disse Quigley, apontando para Violet.

Violet sorriu para o seu amigo, grata pelo apoio, e fechou os olhos por trás da máscara. Mais uma vez pensava em uma música que alguém cantara quando ela era muito pequena. Violet já sabia o que fazer para levar Esmé com eles na escalada, mas pensar na complicada expedição trouxe à sua mente uma canção muito antiga. E possível que quando você era muito jovem alguém tenha cantado essa canção para fazê-lo dormir, distraí-lo durante uma longa viagem de carro ou a fim de transmitir um código secreto. A canção se chama "A aranhinha tão pequenininha", e é muito triste. Conta a história de uma pequena aranha que estava tentando escalar um chafariz, mas sempre que estava prestes a concluir sua jornada, um jato de água, seja da chuva, seja da mangueira do jardim, acabava jogando-a para baixo, até que no final da canção a aranha decide tentar mais uma vez alcançar o topo do chafariz, de onde, provavelmente, voltará

a cair.

Violet Baudelaire não podia evitar sentir-se como aquela pobre aranha enquanto escalava a queda d'água pela última vez, acompanhada de Quigley, Klaus e Esmé Squalor, sentada no seu tobogã. Depois de afixar os dois últimos garfos aos sapatos de Klaus, Violet dissera aos companheiros que amarrassem as correias do tobogã em volta da cintura, para que pudessem puxar a namorada de Olaf atrás de si. Chegar desse modo ao Cume das Aflições era exaustivo, especialmente depois de passar a

noite inteira cavando um buraco, e a sensação era de que podiam ser arrastados de volta para baixo a qualquer momento, como a aranha da canção. O gelo do declive estava enfraquecido depois das garfadas de Violet e Quigley, a viagem de tobogã de Esmé e a elevação da temperatura com a iminente chegada da Falsa Primavera. A cada passo da invenção de Violet, o gelo parecia se mover ligeiramente. O escorregador de gelo estava quase tão exausto quanto eles, e logo o gelo iria se derreter por completo.

"Mush!", gritava Esmé. Essa era uma interjeição que os exploradores do Ártico costumavam gritar para os cães que puxavam seus trenós, e isso certamente não tornava a escalada mais fácil para os voluntários.

"Eu gostaria que ela parasse de dizer isso", murmurou Violet por atrás da máscara. Ela bateu com o candelabro no gelo à sua frente, e um pequeno pedaço se destacou da queda d'água e despencou em direção às ruínas da base de operações. Violet ficou observando até ele desaparecer abaixo dela e suspirou. Jamais veria a base de operações em toda a sua glória. Nenhum dos Baudelaire veria. Violet jamais experimentaria a sensação de cozinhar contemplando os dois afluentes do Arroio Enamorado, enquanto batia papo com os outros voluntários. Klaus jamais saberia qual era a sensação de aprender todos os segredos de C.S.C, no conforto de uma das poltronas da biblioteca, com os pés sobre os escabelos C.S.C. Sunny jamais operaria o projetor da sala de projeção, praticaria a arte dos falsos bigodes na central de disfarces, ou relaxaria na sala de estar na hora do chá, comendo biscoitos de amêndoas feitos segundo a receita da minha avó. Violet jamais estudaria composições químicas em um dos seis laboratórios, e Klaus jamais utilizaria as barras fixas do ginásio, e Sunny jamais ficaria atrás do balcão da sorveteria preparando sundaes com calda de caramelo para as baratas nadadoras quando fosse o seu turno. E nenhum dos Baudelaire jamais chegaria a conhecer os voluntários mais amados: o instrutor de mecânica CM. Kornbluth, o dr. Isaac Anwhistle, conhecido como Ike, e o bravo voluntário que atirara o açucareiro pela janela da cozinha para que não fosse destruído no incêndio e ficara observando enquanto ele flutuava para longe em um dos afluentes do Arroio Enamorado. Os Baudelaire jamais conheceriam nenhuma dessas pessoas, assim como eu não voltarei jamais a ver minha bem-amada Beatrice ou recuperarei o meu pepino em conserva da geladeira, onde o deixei, para devolvê-lo ao seu devido lugar, um importante sanduíche codificado. Violet, é claro, não tinha consciência de todas as coisas que jamais faria, nem das pessoas que jamais conheceria, mas ao contemplar os vastos e cinéreos escombros da base de operações, sentiu-se como se toda a jornada pelas Montanhas de Mão-Morta tivesse sido tão inútil quanto a jornada da aranhinha na

canção que ela jamais gostou de ouvir.

"Mush!", gritou Esmé com uma risadinha cruel.

"Por favor, Esmé, pare de falar isso", gritou Violet, impaciente. "Essa história de mush está atrasando a escalada."

"Uma escalada lenta pode ser vantajosa para nós", murmurou Klaus para a irmã. "Quanto mais tempo levarmos para chegar ao topo, mais tempo teremos para pensar no que dizer ao conde Olaf."

"Podíamos dizer que ele está cercado", sugeriu Quigley, "e que há voluntários por toda parte, prontos para prendê-lo caso ele não liberte Sunny."

Violet sacudiu a máscara. "Ele não acreditaria nisso", disse ela ao cravar seu sapato no gelo. "Do alto do Cume das Aflições ele pode ver tudo e todos. Verá que somos os únicos voluntários na área."

"Deve haver alguma coisa que possamos fazer", disse Klaus. "Não partimos para essa jornada para dar com os burros n'água."

"E claro que não", disse Quigley. "Encontramos um ao outro e resolvemos alguns mistérios."

"Será que isso será suficiente", perguntou Violet, "para derrotar todos aqueles vilões lá

em cima?"

A pergunta de Violet era difícil, e nem Klaus nem Quigley tinham a resposta. Em vez de arriscar um palpite, uma expressão que aqui significa "continuar a gastar verbo com o assunto", eles decidiram arriscar a escalada, uma expressão que aqui significa "continuar em silêncio até

chegarem à nascente do Arroio Enamorado". Ao chegar no cume achatado, sentaram-se na beirada e puxaram as correias com toda a força que tinham. Içar Esmé Squalor e o tobogã para cima do Monte Fraught foi uma tarefa tão difícil que as crianças nem notaram quem estava por perto. Mas acabaram por ouvir uma voz rascante e familiar bem atrás delas.

"Quem vem aí?", bradou o conde Olaf. Sem fôlego, as três crianças se voltaram e

deram de cara com o vilão e duas sinistras figuras plantadas junto ao seu comprido automóvel.

"Pensamos que vocês chegariam aqui pelo caminho normal", disse o homem com barba mas sem cabelo, "e não pela queda d'água."

"Não, não, não", disse depressa Esmé. "Eles não são as pessoas que estávamos esperando. São voluntários que encontrei na base de operações."

"Voluntários?", disse a mulher com cabelo mas sem barba, mas sua voz não estava tão profunda como de costume. Os vilões franziram o cenho do mesmo jeito confuso que Esmé tinha franzido há pouco, como se não tivessem certeza se deviam ficar assustados ou não, e o homem de mãos de gancho, as duas mulheres de cara branca e os três ex-empregados do parque de diversões se reuniram em volta para ver o que fizera Olaf silenciar de repente. Embora exaustos, os Baudelaire desamarraram as correias do tobogã da cintura e plantaram-se ao lado de Quigley, para enfrentar juntos seus inimigos. Os órfãos estavam assustados, é claro, mas com os rostos ocultos podiam falar abertamente, uma expressão que aqui significa "confrontar o conde Olaf e seus comparsas como se não estivessem com medo deles".

"Olaf, construímos uma armadilha para capturar sua namorada", disse Violet, "mas não queríamos nos transformar em monstros como você."

"Eles não passam de uns mentirosos imbecis!", gritou Esmé. "Eu os encontrei metendo a mão nos cigarros. Eu é que os capturei e obriguei a me arrastar até aqui, como cães de trenó." O Baudelaire do meio ignorou a bobagem da namorada vilanesca. "Estamos aqui para levar Sunny Baudelaire", disse Klaus, "e não vamos embora sem ela." Olaf fechou a cara e fitou-os com os seus olhos muito, muito brilhantes, como se tentasse enxergar através das máscaras. "E o que faz vocês terem tanta certeza", disse ele, "de que vou entregar a minha prisioneira?"

Violet fez um esforço tremendo para pensar no que iria fazer. Estava claro que o conde Olaf acreditava que as três pessoas mascaradas na frente dele eram membros de C.S.C, e ela tinha a impressão de que, se pronunciasse as palavras certas, poderia derrotá-lo sem se tornar tão vilanesca quanto ele. Mas nem ela nem o seu irmão e o seu amigo sabiam o que dizer. As correntezas das Montanhas de Mão-Morta sopravam gélidas, e Violet enfiou as mãos nos bolsos para se proteger do frio, e então esbarrou pela terceira vez na grande faca de pão. Ela começou a pensar que talvez a coisa certa fosse ter capturado Esmé na armadilha. Com a demora da resposta de Violet, a carranca do conde Olaf começou pouco a pouco a se converter

em um



sorriso triunfante, mas assim que ele abriu a boca para falar, Violet viu duas coisas que a encheram de esperança. A primeira foi a visão de dois cadernos, um roxo e o outro azul, aparecendo para fora dos bolsos dos seus companheiros. Eram os livros de lugar-comum onde Klaus e Quigley tinham anotado as informações que encontraram na biblioteca devastada da base de operações de C.S.C. A outra foi uma coleção de pratos espalhados por cima da pedra chata onde a trupe de Olaf vinha tomando as refeições. Sunny fora forçada a lavar aqueles pratos, e usara punhados de neve derretida para isso. Agora os pratos estavam espalhados do lado de fora para secar sob o sol da Falsa Primavera. Violet viu a pilha de pratos, uma fileira de xícaras de chá

e uma jarrinha de creme, todas as louças adornadas com desenhos de olhos. Mas o conjunto de chá não estava completo, e isso fez Violet sorrir quando se voltou novamente para o conde Olaf.

"Você vai libertar Sunny", disse ela, "porque sabemos onde está o açucareiro."

O conde Olaf engoliu em seco e ergueu sua única sobrancelha, enquanto encarava os dois Baudelaire e Quigley Quagmire. Seus olhos estavam mais brilhantes do que nunca. “Onde está?”, disse ele com um terrível e agudo sussurro. "Entreguem o açucareiro agora!" Ainda mascarada, Violet sacudiu a cabeça. "Só o entregaremos quando você libertar Sunny Baudelaire", disse.

"Nunca!", retrucou o vilão. "Sem a fedelha dentuça não conseguirei pôr as mãos na

fortuna Baudelaire. Ou vocês me entregam o açucareiro ou vou atirá-los montanha abaixo!"

"Se você nos atirar lá embaixo", disse Klaus, "nunca saberá onde está o açucareiro." Mas é claro que ele não revelou que os Baudelaire não tinham a menor idéia de onde estava o açucareiro, nem do motivo por que ele era tão importante.

Esmé Squalor avançou na direção de Olaf, fazendo seu vestido crepitar contra a terra.

"Precisamos daquele açucareiro", rosnou ela. "Solte o bebê. Depois faremos outro plano para roubar a fortuna."

"Mas roubar a fortuna é uma causa maior", disse o conde Olaf. "Não podemos soltar o bebê."

"A causa maior é pegar o açucareiro", disse Esmé, contrariada.

"É roubar a fortuna", insistiu Olaf.

"É pegar o açucareiro", retrucou Esmé.

"Fortuna!" Açucareiro!

"Fortuna!"

"Açucareiro!"

"Chega!", ordenou o homem com barba mas sem cabelo. "O plano de recrutamento está

prestes a começar. Vocês não podem passar o dia discutindo."

"Não íamos passar o dia discutindo", disse Olaf, envergonhado. "Em umas poucas horas..."

"Nós dissemos chegai", repetiu a mulher com cabelo mas sem barba. "Tragam o bebê

aqui!"

"Tragam o bebê imediatamente!", ordenou o conde Olaf às duas mulheres de cara

branca.

"Está tirando um cochilo no prato de forno."

As duas mulheres de cara branca suspiraram, mas foram pegar a panela como se fossem duas cozinheiras retirando algum prato do forno, e não empregadas vilanescas encarregadas de trazer um uma prisioneira até o chefe dos vilões. Nesse meio-tempo, os dois visitantes sinistros enfiaram a mão por dentro do colarinho da camisa e puxaram alguma coisa que traziam pendurada no pescoço. Violet e Klaus se surpreenderam ao ver dois reluzentes apitos de prata, parecidos com o que Olaf usara para se disfarçar de treinador na Escola Preparatória Prufrock.

"Vejam só isso, voluntários", disse o homem sinistro com sua voz rouca, e os dois vilões sopraram os respectivos apitos. Sobre as cabeças das crianças ouviu-se um enorme ruído farfalhante, como se as correntezas de ar das Montanhas de Mão-Morta estivessem tão assustadas com as pessoas sinistras quanto os jovens. E de repente tudo ficou muito escuro, como se também o sol da manhã tivesse colocado uma máscara. Mas quando olharam para cima, Violet, Klaus e Quigley viram que a razão por que o céu parecia emitir sons e a luz parecia ter sido abafada era mais estranha do que os ventos se assustarem e o Sol colocar uma máscara. O céu do Monte Fraught estava coalhado de águias. Centenas e centenas delas voavam em círculos bem acima dos dois vilões sinistros. Para terem chegado tão depressa as águias deviam ter feito seus ninhos por perto, e deviam ter sido muito bem treinadas também, pois voavam em um silêncio tétrico. Algumas pareciam tão velhas que deviam pairar nos céus desde quando os pais dos Baudelaire eram crianças. Outras pareciam mais jovens, como se tivessem acabado de sair do ovo. Mas todas elas pareciam exaustas, e certamente preferiam estar em qualquer outro lugar que não o pico mais alto das Montanhas de Mão-Morta, obedecendo a ordens vilanescas.

"Olhem para aquelas criaturas!", exclamou a mulher com cabelo mas sem barba.

"Quando ocorreu a cisão, vocês voluntários podem ter ficado com os corvos-correio e os répteis amestrados."

"Não mais", disse o conde Olaf. "Todos os répteis, com exceção de um..."

"Não interrompa", interrompeu a mulher sinistra. "Vocês podem ter os corvos-correio, mas nós temos os dois mamíferos mais poderosos e obedientes do mundo: os leões e as águias!"

"Águias não são mamíferos", exclamou Klaus, exasperado. "Elas são aves!"

"Elas são escravas", disse o homem com barba mas sem cabelo, e os dois vilões sacaram dois chicotes de dentro de seus bolsos. Violet e Klaus perceberam na hora que aqueles açoites eram muito parecidos com o que Olaf usara contra os leões no Parque Caligari. Exibindo escárnio, estalaram seus chicotes no ar, e quatro águias pousaram sobre os enchimentos que os vilões tinham nos ombros.

"Essas feras nos obedecem", disse a mulher. "Hoje vão nos ajudar no maior dos nossos triunfos." Desenrolou o chicote e mostrou com um gesto a terra em volta de si. As crianças notaram que por toda a extensão do cume havia uma rede no chão, que só acabava junto aos seus sapatos de alpinismo. "Ao meu sinal as águias erguerão a rede e a jogarão sobre um grupo de jovens que pensa estar aqui para celebrar a Falsa Primavera."

"Os Escoteiros da Neve", disse Violet, atônita.

"Não vai restar um só desses fedelhos uniformizados", vangloriou-se o homem, "e vamos oferecer a cada um deles a emocionante oportunidade de juntar-se a nós."

"Eles nunca se juntarão a vocês", disse Klaus.

"E claro que sim", disse a mulher sinistra com sua voz muito, muito profunda. "Ou eles entram para nossa trupe ou serão nossos prisioneiros. De todo modo, uma coisa é certa, as casas de seus pais serão incendiadas, uma por uma."

Os dois Baudelaire estremeceram, e até o conde Olaf pareceu sentir um incômodo. "É

claro", disse ele depressa, "a principal razão por que estamos fazendo isso é pôr as mãos em todas as fortunas."

"E claro", disse Esmé com uma risadinha nervosa. "Teremos a fortuna Spats, a fortuna Kornbluth, a fortuna Winnipeg e muitas outras. Poderei me dar ao luxo de morar na cobertura de todo e qualquer edifício que não esteja em chamas!"

"Assim que nos contarem onde está o açucareiro", disse o homem com barba mas sem cabelo, "vocês poderão partir com a sua amiguinha bebê. Isso é, se não preferirem se juntar a nós."

"Não, obrigado", disse Quigley. "Não temos interesse."

"Não faz diferença se vocês têm ou não interesse", disse a mulher com cabelo mas sem barba. "Olhem em volta. Vocês são minoria absoluta. Aonde quer que formos, encontraremos novos camaradas ansiosos por nos auxiliar."

"Nós também temos camaradas", disse Violet, corajosamente. "Assim que salvarmos Sunny vamos nos encontrar com os outros voluntários no último santuário e contar a eles sobre o seu horrível plano!"

"Tarde demais, voluntários", disse o conde Olaf, triunfante. "Aí vêm os novos recrutas!" Com uma horripilante gargalhada, o vilão apontou na direção do caminho pedregoso, e os Baudelaire viram, para além do prato de forno que as mulheres de cara branca traziam, a chegada dos Escoteiros da Neve, andando em uma perfeita fila dupla, mais parecendo ovos na embalagem do que jovens em excursão. Os escoteiros deviam ter notado que os mosquitos da neve estavam ausentes nessa parte das Montanhas de Mão-Morta, e já tinham retirado suas máscaras, portanto Violet e Klaus localizaram imediatamente Carmelita Spats, que vinha na frente de uma das filas com uma tiara na cabeça. "Tiara" é uma palavra que aqui significa "pequena coroa dada, sem uma boa razão para isso, a uma menina desagradável". Ela ostentava um sorriso pretensioso e bobo. Ao seu lado, na frente da outra fila, vinha Bruce, com o Mastro da Primavera em uma das mãos e um grande charuto na outra. Havia algo em seu rosto que Violet e Klaus acharam familiar, mas estavam preocupados demais com o vilanesco plano de recrutamento para prestar atenção naquilo.

"O que vocês bisbórrias estão fazendo aqui?", reclamou Carmelita com sua voz odiosa.

"Sou a Rainha da Falsa Primavera, e lhes ordeno que vão embora!"

"Vamos, vamos, Carmelita", disse Bruce. "Tenho certeza de que essas pessoas estão aqui para ajudar a comemorar o seu dia especial. Vamos ser corteses. Você sabe, devíamos ser amorosos, bonzinhos, corteses, delicados, emblemáticos..."

Os escoteiros tinham começado a recitar o ridículo juramento, mas os dois Baudelaire sabiam que não havia tempo hábil para aquilo. "Bruce", interrompeu Violet, "essas pessoas não estão aqui para ajudar a comemorar a Falsa Primavera. Planejam seqüestrar todos os Escoteiros da Neve."

"O quê?", perguntou Bruce com um sorriso, como se a mais velha dos Baudelaire estivesse brincando.

"É uma armadilha", explicou Klaus. "Leve os escoteiros para longe daqui."

"Não dêem atenção a esses três idiotas", disse depressa o conde Olaf. "O ar da montanha lhes subiu à cabeça. Cheguem só alguns passos mais perto e nos uniremos todos na comemoração especial."

"Ficaremos felizes em colaborar", disse Bruce. "Afinal, somos amorosos, bonzinhos, corteses..."

"Não!", gritou Violet. "Não está vendo a rede no chão? E as águias no céu?"

"A rede é decorativa", disse Esmé, com um sorriso tão falso quanto a Primavera, "e as águias são a vida selvagem."

"Por favor, escutem!", disse Klaus. "Vocês estão correndo perigo!" Carmelita olhou com ferocidade para os dois Baudelaire e ajustou a tiara na cabeça. "Por que eu deveria dar ouvidos a bisbórrias? Vocês são tão idiotas que ainda estão de máscara, apesar de não haver nenhum mosquito da neve por aqui."

Violet e Klaus se entreolharam através das máscaras. A reação de Carmelita fora bastante grosseira, mas era preciso admitir que ela tinha razão. Era improvável que conseguissem convencer os escoteiros de que diziam a verdade com os rostos cobertos. Não queriam sacrificar seus disfarces e revelar suas verdadeiras identidades ao conde Olaf e sua trupe, mas também não podiam permitir o rapto de todos os escoteiros, nem mesmo para salvar a irmã. Os dois Baudelaire balançaram a cabeça um para o outro, depois se voltaram e viram que Quigley também estava balançando a cabeça. Então as três crianças tiraram suas máscaras em nome de uma causa maior.

O conde Olaf deixou cair o queixo e sua boca se abriu de perplexidade. "Você está

morta!", disse ridiculamente à mais velha dos Baudelaire. "Você morreu no trailer, junto com Klaus!"

Esmé arregalou os olhos para Klaus, tão perplexa quanto seu namorado. "Você também está morto!", exclamou. "Você caiu de uma montanha!"

"E você é um daqueles gêmeos!", disse Olaf para Quigley. "Você já morreu há muito tempo!"

"Não sou um gêmeo", disse Quigley, "nem estou morto."

"E também não é um voluntário", disse o conde Olaf com escárnio. "Nenhum de vocês é

membro de C.S.C. Não passam de um bando de órfãos."

"Nesse caso", disse a mulher com cabelo mas sem barba com sua voz muito, muito profunda, "não temos nenhuma razão para nos preocupar com aquele bebê idiota."

"É verdade", disse Olaf, e voltou-se para as mulheres de cara branca. "Atirem o bebê

montanha abaixo!", ordenou.

Violet e Klaus soltaram um grito de horror, mas as duas mulheres de cara branca olharam para o prato de forno e depois se entreolharam. Lentamente, dirigiram seus olhares para o conde Olaf, sem no entanto se mexer.

"Vocês estão surdas?", perguntou Olaf. "Atirem esse bebê!"

"Não", disse uma delas, e os dois Baudelaire ficaram aliviados.

"Não?", perguntou Esmé Squalor, atônita. "O que você quer dizer com não!"

"Queremos dizer não", disse uma mulher de cara branca, e a sua companheira concordou. Juntas, colocaram o prato de forno no chão. Violet e Klaus imaginaram que Sunny devia estar assustada demais para sair dali de dentro, por isso a panela permanecia imóvel.

"Não queremos mais participar dos seus planos", disse a outra mulher de cara branca, e suspirou. "Foi divertido combater fogo com fogo, mas já estamos satisfeitas."

"Não acreditamos que foi mera coincidência nossa casa ter sido incendiada", disse a primeira mulher. "O fogo levou nosso irmão, Olaf."

O conde Olaf apontou para as duas mulheres com um dedo comprido e ossudo.

"Obedeçam às minhas ordens!", berrou ele, mas suas duas ex-cúmplices sacudiram a cabeça, viraram as costas e começaram a se afastar do vilão. Todos os presentes viram quando as duas mulheres de cara branca passaram pelo conde Olaf, por Esmé Squalor, os dois vilões sinistros com águias nos ombros, os dois Baudelaire e

Quigley, o homem de mãos de gancho e os ex-empregados do Parque Caligari. Depois de passar por Bruce, Carmelita Spats e os outros Escoteiros da Neve, elas começaram a se afastar do Monte Fraught.

Olaf soltou um terrível rugido e começou a pular. "Vocês não podem escapar, suas caras brancas!", gritou ele. "Eu mesmo vou destruí-las! Na verdade, posso fazer qualquer coisa eu mesmo! Sou um profissional liberal e não preciso da ajuda de ninguém para atirar esse bebê

montanha abaixo!". Com uma risadinha malévola, ele pegou o prato de forno e foi até a beira da queda d'água congelada.

"Não!", gritou Violet.

"Sunny!", gritou Klaus.

"Digam adeus a esse bebê, fedelhos Baudelaire!", disse o conde Olaf, com um sorriso triunfante que deixava à mostra seus dentes imundos.

"Eu não sou bebê!", gritou uma voz familiar debaixo do automóvel do vilão, e os dois Baudelaire viram com orgulho e alívio Sunny emergir de trás do pneu furado e correr ao encontro dos irmãos. Klaus teve de tirar os óculos para enxugar as lágrimas. "Não sou mais um bebê!", repetiu Sunny, voltando-se triunfante para Olaf.

"Como é possível?", disse o vilão, mas quando levantou a tampa da panela descobriu como era possível, pois o que estava lá dentro não era um bebê.

"Babaganuche!", gritou Sunny, o que queria dizer alguma coisa do gênero de: "A berinjela acabou provando ser mais útil do que eu pensava", mas não foi preciso ninguém traduzir, pois o grande legume escorregou para fora do prato de forno e aterrissou nos pés de Olaf.

"Nada está dando certo hoje!", gemeu o vilão. "Estou começando a achar que lavar a cara foi total perda de tempo!"

"Não fique aborrecido, patrão", disse Colette com uma contorção preocupada. "Tenho certeza de que Sunny irá cozinhar alguma coisa para nós com a berinjela."

"É verdade", disse o homem de mãos de gancho. "Ela está ficando uma cozinheira cada vez melhor. Os rolinhos Falsa Primavera estavam muito gostosos, e o lox estava uma delícia."

"Ela podia ter carregado um pouco mais na cebolinha picada", disse Hugo, mas os três Baudelaire viraram as costas para aquela conversa ridícula e encararam os Escoteiros da Neve.

"Agora você acredita?", perguntou Violet a Bruce. "Você percebe que esse homem é um vilão horroroso?"

"Não está lembrada de nós?", perguntou Klaus a Carmelita Spats. "Olaf armou um plano terrível na época da Escola Preparatória Prufrock, e agora está armando outro!"

"É claro que estou lembrada de vocês", disse Carmelita. "São aqueles órfãos bisbórrias que causaram todos aqueles problemas ao vice-diretor Nero. E agora estão tentando arruinar o meu dia especial! Dê aqui esse Mastro da Primavera, tio Bruce!"

"Vamos, vamos, Carmelita", disse Bruce, mas Carmelita já tinha agarrado o comprido mastro das mãos dele e estava marchando por cima da rede rumo à nascente do Arroio Enamorado. O homem com barba mas sem cabelo e a mulher com cabelo mas sem barba agarraram os chicotes malignos e levaram os apitos às suas bocas sinistras, mas os Baudelaire notaram que eles iriam aguardar que todos os escoteiros avançassem para só então acionar a armadilha.

"Eu me corôo Rainha da Falsa Primavera!", anunciou Carmelita. Com uma gargalhada triunfal, afastou os Baudelaire a cotoveladas e fincou o Mastro da Primavera no topo meio congelado da queda d água. O gelo começou a se estilhaçar, e os Baudelaire viram com horror uma rachadura imensa abrir caminho pelo centro da queda d'água em direção à lagoa e os afluentes do Arroio Enamorado. Embora fosse apenas o gelo se quebrando, parecia que a montanha estava prestes a se partir ao meio, como se uma enorme cisão fosse dividir o mundo inteiro.

"O que vocês estão olhando?", perguntou Carmelita com desdém. "Vocês deviam estar dançando em minha homenagem."

"É isso mesmo", disse o conde Olaf, "por que vocês não dançam em homenagem a essa adorável menininha?"

"Boa idéia", disse Kevin, e foi até a rede com os colegas. "Afinal, tenho dois pés igualmente fortes."

"E nós devíamos tentar ser amorosos, bonzinhos e corteses", disse o homem de mãos

de gancho. "Não é isso, tio Bruce?"

"Isso mesmo", concordou Bruce dando uma baforada no seu charuto. Ele parecia aliviado com o fim da discussão, e o escoteiros finalmente tiveram oportunidade de fazer a mesma coisa que faziam todos os anos. "Avante! Vamos recitar o Juramento Alfabético dos Escoteiros da Neve e dançar em volta do Mastro da Primavera."

Os escoteiros aplaudiram e seguiram Bruce, que inadvertidamente pisava na rede. "Os Escoteiros da Neve", disseram os Escoteiros da Neve, "são amorosos, bonzinhos, corteses, delicados, emblemáticos, felizes, grandiosos, humanos, imbatíveis, jovens, limitados, modestos, nacionalistas, oficiais, perfeitos, queridos, recentes, sabidos, talentosos, unânimes, varonis, xilofones e zipados. De manhã, de tarde e de noite, o dia inteiro!" É claro que não existe nada de errado em fazer um juramento e colocar em palavras o que você considera importante na vida. Por exemplo, se lhe parece que pessoas lidas têm menos probabilidade de ser más, e que um mundo cheio de pessoas que ficam sentadas com livros nas mãos é preferível a um mundo onde haja cisões, sirenes e outras coisas barulhentas e problemáticas, então você poderia dizer quando entrasse numa biblioteca: "Aqui o mundo é

tranqüilo", como se fosse um juramento segundo o qual a leitura é uma causa maior. Mas se você

acha que as pessoas lidas devem ser queimadas e suas fortunas roubadas, poderia adotar o lema

"Combata fogo com fogo!" como seu juramento. Sejam quais forem as palavras que você escolher para descrever a sua própria vida, leve em conta estes dois conselhos básicos para compor um bom juramento. Um é que o juramento deverá fazer sentido — portanto, se o seu juramento contiver a palavra "xilofone", isso deverá significar que um instrumento de percussão tocado com baquetas é muito importante na sua vida, e não que você simplesmente não é capaz de se lembrar de uma boa palavra que comece com X. O outro conselho é que o juramento deverá ser relativamente curto, pois se um grupo de vilões tentar atraí-lo para dentro de uma armadilha manipulada por águias exaustas, você terá tempo de fugir.

O Juramento Alfabético dos Escoteiros da Neve, infelizmente, não seguia nenhuma dessas orientações. Assim que prometeram ser "xilofones", o homem com barba mas sem cabelo estalou o chicote no ar, e as águias que pousaram nos ombros dos dois vilões começaram a levantar vôo. Quando o juramento estava prestes a terminar, e os escoteiros estavam tomando fôlego para fazer o som de neve, a mulher com

cabelo mas sem barba soprou o seu apito estridente, lembrando aos Baudelaire as corridas em círculo que Olaf os obrigava a praticar na Escola Preparatória Prufrock. Os irmãos ficaram com Quigley, observando as águias mergulharem em alta velocidade para o chão e agarrarem a rede com as asas tremendo com o esforço. Como se removessem todos os pratos de uma mesa de jantar erguendo os cantos da toalha, as águias ergueram no ar todos os que estavam em cima da rede. Se você usar esse método inusitado para tirar a mesa, provavelmente será mandado para o seu quarto ou expulso do restaurante, e no Cume das Aflições os resultados também foram desastrosos. Em instantes, todos os Escoteiros da Neve e os comparsas de Olaf estavam reunidos em um amontoado aéreo, debatendo-se dentro da rede. A única pessoa que escapou ao recrutamento — além dos Baudelaire e de Quigley, é claro — foi Carmelita Spats, que estava ao lado do conde Olaf e sua namorada.

"O que está acontecendo?", perguntou Bruce de dentro da rede para o conde Olaf. "O

que você fez?"

"Triunfei", disse Olaf, "pela segunda vez. A primeira foi há muito tempo, quando eu o enganei para ficar com uma coleção de répteis." Os Baudelaire se entreolharam atônitos, lembrando de repente em que ocasião tinham visto Bruce pela primeira vez. "E agora, enganei você para ficar com uma coleção de crianças!"

"O que vai acontecer conosco?", perguntou um dos Escoteiros da Neve, amedrontado.

"Para mim tanto faz", disse outro escoteiro, que ao que tudo indica estava desenvolvendo a Síndrome de Estocolmo. "Todos os anos escalamos o Monte Fraught e é sempre a mesma coisa. Pelo menos este ano está sendo um pouco diferente!"

"Por que eu também estou sendo recrutado?", perguntou o homem de mãos de gancho, e os Baudelaire viram que um dos seus ganchos se projetava para fora da rede. "Eu já trabalho para você."

"Não se preocupe, ganchudo", retrucou Esmé, zombeteira. "É tudo por uma causa maior!"

"Mush!"', gritou o homem com barba mas sem cabelo, estalando o chicote. Grasnando de medo, as águias começaram a suspender a rede no céu, afastando-se

do Cume das Aflições.

"Você trate de arrancar o açucareiro desses pirralhos, Olaf", ordenou a mulher com cabelo mas sem barba, "e nos encontraremos no último santuário!"

"Com essas águias", disse o homem sinistro com sua voz rouca, "poderemos alcançar aquela casa móvel auto-sustentável a ar quente e destruir aqueles voluntários!" Os Baudelaire engoliram em seco e compartilharam um olhar atônito com Quigley. O

vilão certamente estava falando da engenhoca que Hector construíra na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos, dentro da qual Duncan e Isadora escaparam.

"Fogo se combate com fogo!", bradou triunfante a mulher com cabelo mas sem barba, e as águias a levaram embora. O conde Olaf resmungou alguma coisa consigo mesmo, depois começou a avançar ameaçadoramente para os Baudelaire. "Só preciso de um de vocês para saber onde está o açucareiro", disse com os olhos brilhando muito, "e para pôr as mãos na fortuna. Mas quem será?"

"Essa é uma decisão difícil", disse Esmé. "Por um lado, tem sido divertido ter uma serva bebê. Mas mais divertido seria quebrar os óculos de Klaus e vê-lo tropeçar nas coisas."

"Mas é Violet quem tem os cabelos mais compridos", ofereceu-se Carmelita, enquanto os Baudelaire e Quigley recuavam para a queda d'água rachada. "Vocês poderiam ficar puxando os cabelos dela o tempo todo, ou então amarrá-los a qualquer coisa quando estivessem entediados."

"As duas idéias são excelentes", disse o conde Olaf. "Já tinha me esquecido da menina adorável que você é. Quer juntar-se a nós?"

"Juntar-me a vocês?", perguntou Carmelita.

"Olhe só o meu vestido estiloso", disse Esmé. "Se você se juntar a nós, vou comprar muitas roupas in para você."

Carmelita ficou pensativa, olhando primeiro para as crianças, depois para os dois vilões, que sorriam ao seu lado. Os três Baudelaire olharam com horror e desapontamento para Quigley. Eles sabiam que Carmelita era monstruosa na escola, mas jamais lhes ocorrera que poderia se juntar a gente ainda mais monstruosa.

"Não acredite neles, Carmelita", disse Quigley, e tirou o seu caderno roxo do bolso. "Eles vão tocar fogo na casa dos seus pais. Tenho as provas bem aqui, no meu livro de lugar-comum."

"Em quem você prefere acreditar, Carmelita?", perguntou o conde Olaf. "Num livro bobo de lugar-comum ou no que os adultos estão dizendo?"

"Olhe só para nós, menininha adorável", disse Esmé, com o vestido amarelo, laranja e vermelho crepitando pelo chão. "Parecemos o tipo de gente que toca fogo nas casas dos outros?"

"Carmelita!", gritou Violet. "Não lhes dê ouvidos!"

"Carmelita!", gritou Klaus. "Não se junte a eles!"

"Carmelita!", gritou Sunny, o que queria dizer alguma coisa na linha de: "Você está

tomando uma decisão monstruosa!".

"Carmelita", disse o conde Olaf com uma voz tão doce que chegava a ser enjoativa. "Por que você não escolhe um órfão para continuar vivo e empurra os outros montanha abaixo? Depois poderemos ir todos juntos para um bom hotel."

"Você seria a filha que nunca tivemos", disse Esmé, fazendo um cafuné na tiara de Carmelita.

"Ou qualquer coisa assim", acrescentou Olaf, que aparentemente preferia ter mais uma empregada a uma filha.

Carmelita deu mais uma olhadela para os Baudelaire, e então sorriu para os vilões.

"Vocês me acham mesmo adorável?", perguntou ela.

"Adorável, bonita, coisinha linda da mamãe, deliciosa, elegante, fotogênica, gracinha, harmoniosa, impecável, jovial, ketchup, luxuriante, magnificente, namoradeira, obviamente adorável, perfeitamente adorável, quintessencial, realmente adorável, sublime, todinha adorável, única, valente, wagneriana, xilofone, yin-yang e zelosamente adorável", jurou Esmé. "De manhã, de tarde e de noite, o dia inteiro!"

"Não dê ouvidos a ela!", implorou Quigley. "Uma pessoa não pode ser xilofone!"

"Não me importa!", disse Carmelita. "Vou empurrar esses bisbórrias montanha abaixo, e começar uma vida nova, excitante e bem-vestida!"

Os Baudelaire recuaram mais um passo, e Quigley os seguiu, o que deixou claro que as crianças estavam em pânico. Acima delas, podiam ouvir os grasnidos das águias levando os novos recrutas cada vez mais para longe. Atrás, podiam sentir as quatro correntezas soprando vale abaixo, onde a base de operações fora destruída por pessoas que os pais dos Baudelaire tinham jurado deter mesmo ao custo de suas próprias vidas. Violet procurou a sua fita no bolso, tentando imaginar o que inventaria para livrá-los daquelas vilanescas pessoas e rumar para o último santuário. Seus dedos roçaram na faca de pão, e ela se perguntou se deveria tirá-la do bolso e ameaçar os vilões com ela, ou se isso também era uma atitude vilanesca.

"Pobres Baudelaire", disse o conde Olaf, zombeteiro. "E melhor vocês desistirem. Vocês estão em minoria absoluta."

"Não estamos em minoria nenhuma", disse Klaus. "Somos quatro, e vocês são apenas três."

"Eu valho por três, porque sou a Rainha da Falsa Primavera", disse Carmelita, "portanto vocês estão em minoria, seus bisbórrias."

Isso, é claro, não passava de mais um absurdo que saía dos lábios daquela menina cruel, mas, absurdo ou não, o fato de alguém ser ou não minoria nem sempre é decisivo. Por exemplo, quando Violet e Klaus estavam a caminho do Vale das Correntezas que Sopram Constantes, eram minoria em relação ao enxame de mosquitos da neve, mas conseguiram encontrar Quigley Quagmire, escalar o

Caminho Secundário das Chamas até a base de operações e encontrar a mensagem oculta na geladeira. Sunny também era minoria em relação a todos aqueles vilões no topo do Monte Fraught, e mesmo assim conseguira manter-se viva, descobrir a localização do último santuário e preparar receitas deliciosas. E os membros de C.S.C, sempre foram minoria, porque o número de pessoas gananciosas e perversas está sempre aumentando, enquanto cada vez mais bibliotecas são incendiadas. Mas mesmo assim os voluntários conseguiram se sustentar, uma palavra que aqui significa "fazer reuniões e se comunicar por códigos ao mesmo tempo que reuniam provas para botar um fim nas armações de seus inimigos". Nem sempre é importante saber se existem mais pessoas do seu lado da cisão do que do lado oposto, e quando os Baudelaire estavam ao lado de Quigley, e deram mais um passo atrás, sabiam o que era mais importante.

“Rosebud!”, gritou Sunny, o que queria dizer: "Em certas situações, a localização de um determinado objeto pesa muito mais do que o fato de se estar em minoria", e era verdade. Enquanto os vilões perdiam o fôlego de tão surpresos, Violet sentou-se no tobogã e agarrou as correias. Quigley sentou-se atrás dela e passou os braços em volta da sua cintura, e Klaus sentou-se ao lado, com os braços em volta de Quigley. O único espaço que sobrou foi preenchido por Sunny, que se abraçou ao irmão quando Violet os empurrou declive abaixo. Não tinha importância serem minoria. O que importava era que só podiam escapar de um fim monstruoso se deixassem de lado O escorregador de gelo e pegassem emprestado algumas páginas de um livro no qual os vilões não rugiam para crianças que tentavam fugir.

"Logo estaremos bem atrás de vocês, Baudelaire!", rugiu o conde Olaf, enquanto o tobogã disparava para o Vale das Correntezas que Sopram Constantes, espalhando água ao colidir com o gelo rachado que se derretia.

"Ele não vai conseguir nos pegar", disse Violet. "Furei o pneu dele com meus sapatos, lembram?"

Quigley concordou. "Ele terá de ir por aquele caminho", disse. "Um automóvel não pode descer por uma queda d'água."

"Temos uma certa vantagem", disse Violet. "Talvez possamos chegar ao último santuário antes dele."

"Ouvi!", gritou Sunny. "Hotel Desenlace!"

"Bom trabalho, Sunny!", disse Violet, orgulhosa, puxando as correias para desviar o tobogã de uma rachadura. "Eu sabia que você seria uma boa espiã."

"Hotel Desenlace", disse Quigley. "Acho que tenho isso em um dos meus mapas. Vou conferir no meu livro de lugar-comum assim que chegarmos lá embaixo."

"Bruce!", gritou Sunny.

"Isso é mais uma coisa para anotarmos nos nossos registros de trivialidades", concordou Klaus. "Bruce estava na casa do dr. Montgomery no fim da nossa estada por lá. Ele disse que estava embalando a coleção Monty de répteis para a Sociedade Herpetológica."

"Você acha que ele é um membro de C.S.C.?", perguntou Violet.

"Não podemos ter certeza", disse Quigley. "Conseguimos investigar muitos mistérios, no entanto ainda há coisas que não sabemos." Ele suspirou, pensativo, e olhou para as ruínas da base de operações de que se aproximavam velozmente. "Meus irmãos..." Mas os Baudelaire não chegaram a ouvir mais nada sobre os irmãos de Quigley, pois naquele momento o tobogã, a despeito de todos os esforços de Violet, resvalou contra uma porção derretida do escorregador de gelo, e o grande trenó começou a girar. As crianças gritaram, e Violet agarrou as correias com toda a força, mas só conseguiu que elas arrebentassem nas suas mãos. "A direção se quebrou!", gritou ela. "Arrastar Esmé Squalor ladeira acima deve ter enfraquecido as correias!"

"Oh-oh!", gritou Sunny, o que queria dizer alguma coisa parecida com: "Isso não parece uma boa notícia".

"A velocidade", disse Violet, "empurrará o tobogã para muito além da lagoa, e se não conseguirmos freá-lo, cairemos direto na armadilha que cavamos."

Klaus, que já estava ficando tonto de tanto girar, fechou os olhos atrás dos óculos. "O que podemos fazer?", perguntou ele.

"Arrastar os sapatos contra o gelo!", exclamou Violet. "Os garfos poderão ajudar a frear o tobogã!"

Rapidamente, os dois Baudelaire mais velhos esticaram as pernas e arrastaram os garfos dos sapatos contra o que restava de gelo na queda d'água. Quigley fez o mesmo, mas Sunny, que, é claro, não estava usando sapatos de alpinismo assistidos por garfos, nada podia fazer a não ser ficar ouvindo os sons de gelo raspado e água espirrando que os garfos em atrito contra o gelo semiderretido do arroio faziam. Mas a velocidade do tobogã diminuiu muito pouco.

"Não é suficiente!", gritou Klaus. Enquanto o tobogã continuava a girar, ele pôde captar breves relances do buraco que tinham cavado e que estava ficando cada vez mais próximo conforme as quatro crianças despencavam rumo ao pé da queda d'água.

"Bicúspide?", perguntou Sunny, o que queria dizer algo como: "Quer que eu tente brecar o tobogã com os meus dentes?".

"Vale a tentativa", disse Klaus, mas assim que a mais jovem dos Baudelaire cravou os dentes no gelo, os Baudelaire perceberam que na verdade a tentativa não valera

nem um pouco, pois o tobogã continuava rodopiando e disparando para o fundo.

"Isso também não é suficiente", disse Violet, e concentrou-se o mais que podia, lembrando-se de como tinha conseguido deter o trailer quando ela e Klaus se desprenderam do automóvel do conde Olaf. Não havia nada que fosse grande o bastante para ser usado como drag chute, e a mais velha dos Baudelaire começou a desejar que Esmé Squalor estivesse a bordo para que o seu enorme vestido imitando chamas detivesse o tobogã. Ela sabia que eles não dispunham de melaço de cana, mel de trevo silvestre, xarope de milho, vinagre balsâmico envelhecido, manteiga de maçã, geléia de morango, molho de caramelo, xarope de bordo, cobertura de caramelo, licor marasquino, azeite de oliva virgem e extravirgem, creme inglês de limão, damascos secos, chutney de manga, crema di noci, pasta de tamarin-do, mostarda forte, marshmallows, creme de milho, manteiga de amendoim, uvas em conserva, puxa-puxa, leite condensado, recheio de torta de abóbora ou cola a bordo, e nem qualquer outra substância pegajosa, aliás. Mas de repente se lembrou da mesinha que usara como breque traseiro do trailer, e enfiou a mão no bolso.

"Segurem-se!", gritou Violet, mas ela mesma não se segurou. Soltando as correias arrebentadas do tobogã, tirou a grande faca de pão do bolso. Só fazia alguns dias, mas a sensação era de que um longo tempo se passara desde que a recolhera do trailer e tentara imaginar como derrotaria os vilões que pairavam no alto da montanha, sem que para isso precisasse se tornar ela mesma uma vilã. Mas agora, por fim, havia algo que poderia fazer com a faca e que poderia salvar todos, sem no entanto machucar ninguém. Rangendo os dentes, Violet se debruçou para fora do tobogã rodopiante e cravou a faca com toda a força no escorregador de gelo.

A ponta da lâmina atingiu a rachadura causada pelo Mastro da Primavera de Carmelita, e então a faca afundou inteira, bem no momento em que o tobogã chegou ao pé da queda d'água. Fez-se um barulho como os Baudelaire jamais ouviram, como a combinação de uma vidraça enorme se estilhaçando com o som estentóreo de alguém disparando um canhão. A faca alargara a rachadura e, com um tremendo estrondo, o que restava do gelo se despedaçou, e nem todos os garfos, a luz do sol, os dentes e o próprio tobogã foram capazes de conter a força da queda d'água. Com um gigantesco chuáááá! as águas do Arroio Enamorado rolaram pelo declive, e em um instante os Baudelaire não estavam mais em uma lagoa congelada ao pé de um estranho arco de gelo, mas no fundo de uma cascata impetuosa, com milhares e milhares de litros de água sendo despejados sobre eles. Os órfãos só tiveram tempo para respirar fundo, antes de o tobogã

ser engolido para debaixo d'água. Os três irmãos se agarraram um ao outro, mas

quando o tobogã de madeira voltou à superfície, a mais velha dos Baudelaire sentiu que um par de mãos escorregava da sua cintura, e gritou o nome do amigo perdido.

"Quigley!", chamou ela.

"Violet!", os Baudelaire ouviram o trigêmeo gritar enquanto o tobogã começava a flutuar por um dos afluentes. Klaus apontou, e através da cortina de água que caía as crianças viram de relance o amigo. Tinha se agarrado a um pedaço de madeira que estava boiando, vindo das ruínas da base de operações. O pedaço de madeira se parecia com um corrimão, desses que uma pessoa pode precisar para subir uma escada que leva a um observatório astronômico. O

ímpeto das águas arrastava Quigley e sua bóia pelo afluente oposto ao Arroio Enamorado.

"Quigley!"", gritou Violet de novo.

"Violet!", gritou Quigley por cima do barulho da água. Os irmãos puderam ver que ele tirara do bolso o seu livro de lugar-comum e o agitava desesperadamente. "Esperem por mim!

Esperem por mim no..."

Mas os Baudelaire não conseguiram ouvir mais nada. O súbito degelo do Arroio Enamorado, devido à chegada da Falsa Primavera, arrastara o corrimão e o tobogã para direções opostas, por dois afluentes separados. Os irmãos tiveram um último vislumbre da capa roxa do caderno antes que Quigley fosse arrastado por uma correnteza. Os Baudelaire, por sua vez, foram arrastados por outra, e o trigêmeo desapareceu de suas vistas.

"Quigley!", gritou Violet mais uma vez, e lágrimas brotaram dos seus olhos.

"Ele está vivo", disse Klaus, e segurou Violet pelo ombro para ajudá-la a se equilibrar. Ela não sabia se o Baudelaire do meio também estava chorando ou se o seu rosto estava apenas molhado. "Ele está vivo, e isso é o que importa."

"Intrépido", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: "Quigley Quagmire foi valente e engenhoso para sobreviver ao incêndio que destruiu seu lar. Tenho certeza de que também sobreviverá a isso".

Violet não podia suportar o pensamento de seu amigo sendo arrastado para longe,

ainda mais depois de tê-lo conhecido melhor. "Devemos nos encontrar com ele", disse ela, "mas não sabemos onde."

"Talvez ele tente encontrar seus irmãos antes que as águias o façam", disse Klaus, "mas não sabemos onde eles estão."

"Hotel Desenlace?", arriscou Sunny. "C.S.C.?"

"Klaus", disse Violet, "você leu uma parte da pesquisa de Quigley. Sabe se esses dois afluentes vão se encontrar de novo?"

Klaus sacudiu a cabeça. "Não sei", disse. "O cartógrafo é Quigley."

"Godot", disse Sunny, o que queria dizer: "Não sabemos aonde ir nem como chegar lá".

"Sabemos algumas coisas", disse Klaus. "Sabemos que alguém enviou uma mensagem a J.S."

"Jacques", disse Sunny.

Klaus assentiu. "E sabemos que a mensagem tratava de um encontro na quinta-feira no último santuário."

"Matahari", disse Sunny, e Klaus sorriu e puxou Sunny para perto, para evitar que ela caísse do tobogã. Ela não era mais um bebê, mas ainda era suficientemente jovem para sentar-se no colo do irmão.

"Sim", concordou Klaus. "Graças a você, sabemos que o último santuário é o Hotel Desenlace."

"Mas não sabemos onde ele fica", disse Violet. "Não sabemos onde encontrar esses voluntários nem se de fato ainda há sobreviventes de C.S.C. Não temos certeza sequer do que significa C.S.C., ou se os nossos pais estão realmente mortos. Quigley estava certo. Investigamos muitos mistérios, e no entanto ainda há coisas que não sabemos."

Seus irmãos concordaram tristemente, e se eu tivesse estado lá naquele momento, em vez de chegar muito tarde, tarde demais para ver os Baudelaire, eu também teria concordado. Até

mesmo para um autor como eu, que dedicou a vida a investigar os mistérios do caso Baudelaire, ainda há muito o que escarafunchar. Não sei, por exemplo, o que aconteceu com as duas mulheres de cara branca que decidiram abandonar a trupe de Olaf e sair andando pelas Montanhas de Mão-Morta abaixo. Alguns dizem que elas ainda pintam a cara de branco, e que devem estar cantando tristes canções em algumas das casas de espetáculos mais deprimentes da cidade. Outros dizem que elas estão morando no sertão, insistindo em plantar ruibarbos na terra seca e estéril. E há aqueles que afirmam que elas não sobreviveram à descida do Monte Fraught, e que seus ossos podem ser encontrados em uma das muitas cavernas dos estranhos picos quadrados. Porém, eu já me sentei para ouvir canção após triste canção, e já provei alguns dos piores ruibarbos da minha vida, e levei osso após osso a uma especialista em esqueletos até

ela me dizer que eu a estava deixando tão deprimida que era melhor não voltar mais, e apesar disso não consegui descobrir o que realmente aconteceu às duas mulheres. Não sei onde estão os destroços do trailer, como já contei, e tendo chegado ao fim do dicionário de rimas e lido a breve lista de palavras que rimam com "zuccbini", começo a acreditar que deveria interromper a busca pelo veículo destruído e deixar de lado essa parte da minha pesquisa. Também não localizei a geladeira na qual os Baudelaire encontraram pistas sobre o Colóquio Secreto Criostático, ainda que existam boatos de que ela esteja em uma das cavernas das Montanhas de Mão-Morta, ou se apresentando em algumas das casas de espetáculos mais deprimentes da cidade.

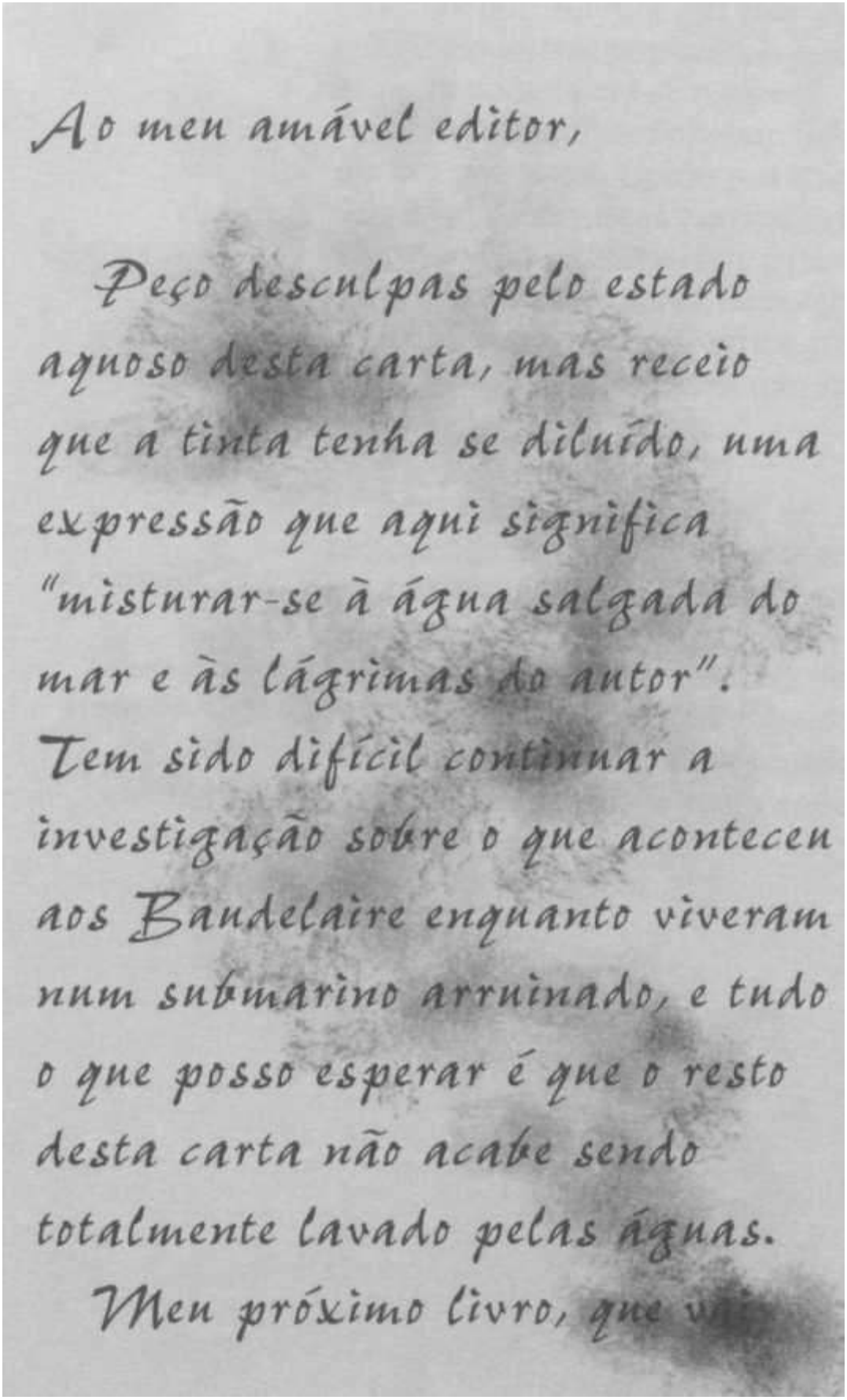
Ainda que não tenha solucionado todos os mistérios, tenho algumas informações precisas, como por exemplo o paradeiro dos órfãos Baudelaire após as águas cinéreas do Arroio Enamorado arrastarem o seu tobogã velozmente para fora das Montanhas de Mão-Morta, assim como o açucareiro também foi arrastado depois que os voluntários o atiraram na água para salvá-lo do fogo. E embora eu saiba exatamente aonde foram os Baudelaire, e possa traçar o seu percurso em um mapa desenhado por um dos mais promissores jovens cartógrafos dos nossos tempos, não sou o melhor escritor para descrevê-lo. Quem faria isso com elegância e precisão seria um colega meu, que, assim como o homem que escreveu O caminho menos percorrido, está

morto. Antes de morrer, no entanto, foi reconhecido como poeta, apesar de algumas pessoas acharem que seus escritos sobre religião eram um pouco maliciosos. Seu nome era Algernon Charles Swinburne, e a quadra final da décima primeira estrofe do seu poema, "O jardim de Proserpina", descreve perfeitamente o que as crianças descobriram enquanto esse capítulo de sua história chegava ao fim e outro se

iniciava. A primeira metade da quadra diz: Que não há vida que sempre viva; Que não há defunto que reviva; e de fato, os homens adultos da vida dos Baudelaire que estavam mortos, como Jacques Snicket ou o pai das crianças, jamais reviveriam. E a segunda metade da quadra diz: Que mesmo exausto o rio à deriva Tortuoso e seguro chega ao mar."

Alguns poemas se parecem um pouco com códigos secretos, pois você precisa estudar cuidadosamente para descobrir o significado. Uma poeta como Isadora, a irmã de Quigley Quagmire, naturalmente saberia de cara o que significam essas duas linhas finais, mas eu precisei de um bocado de tempo até decodificá-las. Contudo, ficou claro que "o rio exausto" se refere ao Arroio Enamorado, que de fato parecia exausto ao arrastar todas as cinzas da destruição da base de operações de C.S.C., e que "tortuoso e seguro chega ao mar" se refere ao último santuário onde todos os voluntários, inclusive Quigley Quagmire, deveriam se reunir. Como disse Sunny, ela e seus irmãos não sabiam aonde ir nem como chegar lá, mas os órfãos Baudelaire, por caminhos tortuosos, estavam indo para lá assim mesmo, e essa é uma das coisas de que tenho certeza.





Ao meu amável editor,

Peço desculpas pelo estado aquoso desta carta, mas receio que a tinta tenha se diluído, uma expressão que aqui significa “misturar-se à água slgada do mar e às

lágrimas do autor". Tem sido difícil continuar a investigação sobre o que aconteceu aos Baudelaire enquanto viveram num submarino arruinado, e tudo o que posso esperar é que o resto desta carta não acabe sendo totalmente lavado pelas águas.

Meu próximo livro, que vai...